

Investigação na Prática de Ensino Supervisionada II

A Organização do Tempo Pedagógico- Conceções dos/as educadores/as e professores/as do 1.º ciclo do Ensino Básico.

Relatório de Estágio apresentado para a obtenção do grau de Mestre na área da Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Filipa Tomé Batista de Andrade

Orientador/a: Professora Doutora Helena Luís

“Uma rotina coerente ajuda as crianças a estruturarem o tempo e a responsabilizarem-se pelas próprias ações.” (Hohmann, Banet, & Weikart, 1995).

Agradecimentos

Não há palavras para descrever a sensação que tenho em mim sobre toda esta etapa que considero não só minha, mas de todos os que de uma forma ou de outra acompanharam de perto esta conquista.

Quando cheguei a Santarém, sem família nem amigos, de longe imaginaria que por 5 anos seria esta a minha casa. Escola e pessoas que me acolheram com muito carinho e que sempre irei recordar no meu coração, pois foi por toda esta integração que fui capaz de me dedicar aos estudos e nunca desistir do meu sonho. Poderia ter sido outra cidade, mas foi esta que escolhi e jamais esquecerei todo o bem que me fez, tanto a nível pessoal como profissional.

Um especial agradecimento à minha professora doutora Helena Luís que de tudo fez para que não desmotivasse na realização deste trabalho e que me orientou de forma gradual e positiva para o meu sucesso académico.

À minha Família, aos de sangue e aos que considero como tal, que foram o pilar mais importante em todo este processo, principalmente porque mesmo longe souberam ouvir as minhas angústias e frustrações e aconchegar o meu coração, sempre que preciso, com palavras de motivação.

A todas as educadoras, professoras cooperantes e crianças que conheci que me “abraçaram” nesta etapa e auxiliaram todo o meu percurso.

A todas as minhas colegas de curso que passaram pelo mesmo processo e que de alguma forma, ao longo do curso, partilharam ideias, conhecimentos e materiais para a realização deste e outros trabalhos.

A todos os meus amigos e ao meu namorado que me levaram a espairar e, com palavras, a enriquecer o meu ego e autoestima para que soubesse que era capaz.

Aos meus queridos pais que sempre zelaram pelo meu bem-estar e que se sacrificaram para me dar tudo o que tenho, sem eles nada disso seria possível.

À minha irmã, que ao longo de todos estes anos, nos momentos mais aflitivos tirou do seu tempo para me ajudar sem questionar.

E, por último, mas não menos importante, ao mais recente membro da família, o meu sobrinho Tomé, que me revitalizou nos últimos tempos e inconscientemente fez com que me despertasse uma força interior mais forte do que conhecia existir.

A todos os que acompanharam de perto o meu percurso nesta etapa,
Obrigada.

Resumo

O presente relatório intitulado “*A organização do tempo pedagógico – Concepções dos/as educadores/as e professores/as do 1.º ciclo do Ensino Básico*” visa apresentar um relato da iniciação à prática profissional e uma investigação transversal realizada ao longo de dois anos no Mestrado de Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico.

O principal objetivo do estudo foi o de identificar, através de educadores/as e professores/as dos contextos de estágio, como é planificada a organização do tempo pedagógico, identificar modelos teóricos de referência, caso existam, e compreender se a criança participa nesta organização, identificar a importância e as aprendizagens adquiridas pelas crianças através das rotinas, compreender o papel do adulto nos vários momentos ao longo do dia, bem como as estratégias de avaliação utilizadas.

Neste trabalho utilizamos como método de investigação a observação direta em ambos os contextos, bem como entrevistas semiestruturadas aos/às educadores/as e professores/as cooperantes destes contextos.

A análise de conteúdo dos dados obtidos nesta investigação permitiu reconhecer que, na opinião dos inquiridos, as rotinas são consideradas um elemento fundamental para a aprendizagem das crianças, tanto ao nível da autoestima, como ao da segurança e da autonomia, pois permitem à criança desenvolver um conjunto de aprendizagens favoráveis que respeitam os seus ritmos e necessidades.

Palavras-Chave: Organização; Tempo; Rotina; Participação; Aprendizagem.

Abstract

This essay entitled "The organization of pedagogical time - Conceptions of educators and teachers of Elementary School/ First Cycle of Basic Education" aims to present an account of the initiation to professional practice and a cross-sectional investigation carried out for two years in the Integrated Master of Pre-school Education and Elementary School/ First Cycle of Basic Education.

The main purpose of the study was to identify, through educators and teachers in the contexts of the residency, the planning of the pedagogical time (how the organization of pedagogical time is planned), to identify theoretical reference models, if they exist and if so to understand if the child participates in this organization, to identify learning through routine activities and its importance, to understand the role of the adult in the various moments throughout the day as well as the evaluation strategies used.

In this work the direct observation was used as the research method in both contexts as well as semi-structured interviews applied to the educators and teachers involved in these contexts.

In this research, the whole data collection and also the analysis of the content allowed to recognize that in the opinion of the interviewed people routines are considered a fundamental element in the children's process of learning, not only in what concerns self-esteem, but also in terms of safety and autonomy/ self-determination, since routines allow the children to develop a set of conducive learning that respect their learning pace and needs.

Keywords: Organization; Time; Routine; Participation; Learning.

Índice

Agradecimentos	i
Resumo	ii
Abstract	iii
Índice	iv
Índice de Quadros.....	v
Índice de Figuras	v
Índice de Anexos	vi
Lista de Abreviaturas	vi
Introdução.....	1
Capítulo I – Contextualização da Prática de Ensino Supervisionada.....	2
1. Prática de Ensino Supervisionada em Creche.....	2
2. Prática de Ensino Supervisionada em Jardim de Infância	9
3. Prática de Ensino Supervisionada em 1.º Ciclo do Ensino Básico – (2.º ano)	17
4. Prática de Ensino Supervisionada em 1.º Ciclo do Ensino Básico – (3.º e 4.º ano) ...	25
5. Percurso Investigativo	35
Capítulo II – “A Organização do Tempo Pedagógico- Conceções dos/as educadores/as e professores/as do 1.º ciclo do Ensino Básico”	40
1. Justificação e Fundamentação do tema	40
2. Enquadramento Teórico	41
2.1. Organização do Tempo Pedagógico	42
2.2. Abordagens Pedagógicas e a Organização do Tempo.....	45
2.3. Participação das crianças nas rotinas: Pedagogia Transmissiva vs. Pedagogia Participativa.....	48
2.4 Impacto na aprendizagem e desenvolvimento na criança	51
3. Metodologia.....	54
3.1. Caracterização do Tipo de estudo	54
3.2. Contextos e Intervenientes	54
3.3. Técnicas e Instrumentos de recolhas de dados.....	55
4. Análise e Discussão dos dados	57
4.1. Análise das entrevistas a educadores/as e professores/as do 1.º Ciclo do Ensino Básico.....	57
4.2. Síntese comparativa dos resultados.....	70
Capítulo III – Considerações Finais	74
Referências Bibliográficas.....	76
Anexos.....	78

Índice de Quadros

Quadro 1- Rotina Creche	4
Quadro 2- Rotina Jardim de Infância.....	11
Quadro 3- Horário da Turma do 2.º ano.....	19
Quadro 4- Horário da Turma de 3.º e 4.º ano.....	28
Quadro 5- Identificação da organização do tempo pedagógico.....	58
Quadro 6- Identificação de abordagens pedagógicas utilizadas pelos/as docentes	62
Quadro 7- Identificação do papel do adulto nos diferentes momentos do dia.....	63
Quadro 8- Identificação da importância e aprendizagens adquiridas pelas crianças através das rotinas.....	65
Quadro 9- Identificação de estratégias de avaliação sobre a organização do tempo pedagógico.....	68

Índice de Figuras

Figura 1- Lagartinha feita com balões	7
Figura 2- Resultado final da colagem.....	7
Figura 3- Criança a colar bocadinhos de papel na borboleta.....	7
Figura 4- Crianças reunidas em círculo para a realização da atividade.....	7
Figura 5- Criança a colocar terra no recipiente.....	7
Figura 6- Criança a colocar feijão no recipiente.	8
Figura 7- Criança a pintar a pedra com o animal escolhido.....	15
Figura 8- Estagiária a auxiliar o grupo.....	15
Figura 9- Resultado final	15
Figura 10- Estagiária a contar a história.....	16
Figura 11- Crianças a realizarem a colagem dos materiais.	16
Figura 12- Folha original que foi distribuída às crianças com as perguntas.....	16
Figura 13- Criança a colocar uma palavra na nuvem a que pertence a mesma.	22
Figura 14- Ficha para escreverem o que foi posto nas nuvens e colarem no caderno diário	22
Figura 15- Resultado final	22
Figura 16- Banqueiro a distribuir palhinhas pelos colegas.....	23
Figura 17- Crianças em grupo a contar as palhinhas.	23
Figura 18- Grupo de duas equipas com crianças do 4.º ano.	31
Figura 19- Tabuleiro com desafios assinalados, com o robô e com os pinos de identificação das equipas.	31
Figura 20- Cartões para os três grupos (3.º e 4.º ano).	31
Figura 21- Cartolina já decorada e com a frase.....	32
Figura 22- Resultado final (Estendal).	32

Índice de Anexos

Anexo I- Atitudes e Perspetivas da Criança em Creche.

Anexo II- Planificação e Registo de Observação Diária sobre a Atividade “A Lagartinha muito comilona”

Anexo III- Planificação e Registo de Observação Diária sobre a Atividade “Hortinha para levar e cuidar”

Anexo IV- Planificação e Registo de Observação Diária sobre a Atividade “Os animais”

Anexo V- Planificação e Registo de Observação Diária sobre a Atividade “O meu nome”

Anexo VI- Planificação e Registo de Observação Diária sobre a Atividade “O inverno”

Anexo VII- Planificação e Registo de Observação Diária sobre a Atividade “Jogo do banqueiro”

Anexo VIII- Planificação e Registo de Observação Diária sobre a Atividade “*Quiz DocRobô*”

Anexo IX- Planificação e Registo de Observação Diária sobre a Atividade “Ser criança é...”

Anexo X- Identificação dos/as entrevistados/as

Anexo XI- Guião de Entrevista aos Docentes

Anexo XII- Notas de Campo: Reflexões semanais e finais

Anexo XIII- Transcrições das Entrevistas

Anexo XIV- Sinopse das Entrevistas

Lista de Abreviaturas

AEC	Atividades de Enriquecimento Curricular
AT	Atividades Lúdicas
ELI	Equipa Local de Intervenção
IPSS	Instituição Particular de Solidariedade Social
NEE	Necessidades Educativas Especiais
OCEPE	Orientações Curriculares para o Ensino do Pré-Escolar
PDI	Plano de Desenvolvimento Individual

Introdução

O presente relatório é resultado de todas as práticas de ensino supervisionadas realizadas ao longo do mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e a unidade curricular de Investigação na Prática de Ensino Supervisionada II.

As práticas de ensino supervisionadas realizadas no decorrer do presente mestrado possibilitaram a construção deste relatório tornando-se imprescindíveis para o interesse e desenvolvimento pelo tema intitulado: “*A organização do tempo pedagógico- Concepções dos/as educadores/as e professores/as do 1.º ciclo do Ensino Básico*”.

A organização deste relatório divide-se em três grandes capítulos. No primeiro, são descritos os contextos das instituições bem como a caracterização da sala e do grupo, a organização do tempo e o projeto de intervenção realizado em cada contexto. No final de cada subcapítulo realizamos uma síntese sobre todo o percurso de aprendizagens realizadas no decorrer de cada um dos contextos e no final do capítulo surge o percurso investigativo. No capítulo dois, apresentamos uma justificação e fundamentação do tema de pesquisa, as principais questões orientadoras e os seus objetivos, bem como a revisão da literatura. Ainda neste segundo capítulo será indicada e explicada a metodologia, contextos e os intervenientes para recolha dos dados, nomeadamente, entrevistas semiestruturadas a docentes do pré-escolar e do 1.º ciclo do ensino básico e ainda a análise desta recolha de dados sob meio de uma síntese comparativa entre resultados das entrevistas e notas de campo recolhidas ao longo dos estágios. Por último apresentamos as considerações finais relativamente a todo o processo investigativo realizado e à construção deste relatório.

Através da observação da prática pedagógica surgiram algumas questões orientadoras, nomeadamente:

- Como é feita a organização do tempo pedagógico (rotina) em pré-escolar e no 1.º Ciclo?
- Como avaliar se a organização do tempo pedagógico corresponde aos ritmos, necessidades e desenvolvimento das crianças?

Os principais objetivos desta investigação eram o de identificar como é planificada a organização do tempo pedagógico nas salas onde nos inserimos a estagiar e se ocorrem alterações ao longo do ano letivo nesta organização. Perceber se e como as crianças são intervenientes nesta organização; conhecer como avaliam o sucesso das crianças face a esta organização e conhecer o impacto para as crianças da sua intervenção nesta organização.

Em síntese, através deste projeto, foi possível ampliar diversas experiências no âmbito desta temática de forma a compreender melhor como organizar o tempo nos contextos educativos para a infância e assim complementar todo um leque de aprendizagens pessoais e profissionais.

Capítulo I – Contextualização da Prática de Ensino Supervisionada

“Um contexto só é bom para as crianças se for igualmente bom para os adultos que nele trabalham. Adultos e crianças necessitam de lugares onde seja agradável viver, onde se conheça funcionalidade, conforto e satisfação estética.” (Portugal, 2011, p. 56)

Neste primeiro capítulo faremos uma breve contextualização incidindo nos vários contextos de estágio em que tivemos a oportunidade de contactar durante a realização do mestrado, nomeadamente, em creche, jardim de infância, em 1.º Ciclo- 2.º ano e, por último, em 1.º Ciclo-3.º e 4.º anos.

Neste mesmo capítulo, para além de realizarmos um enquadramento sobre os vários contextos, realizaremos uma breve caracterização tanto do grupo como da sala, da organização do tempo pedagógico, apresentaremos o projeto de intervenção bem como o percurso de aprendizagem profissional em cada um dos contextos.

1. Prática de Ensino Supervisionada em Creche

A primeira prática de ensino supervisionada foi realizada em contexto de creche numa instituição localizada na cidade de Santarém, tendo decorrido ao longo de seis semanas, sendo que em duas delas foram de observação, com início no dia 3 de janeiro e término a 10 de fevereiro de 2017.

1.1. Enquadramento da Instituição

Esta instituição trata-se de uma IPSS¹ (Instituição Particular de Solidariedade Social) localizada num meio urbano de classe média/alta no concelho de Santarém. A instituição integra três valências desde o pré-escolar (berçário, creche, jardim de infância), 1.º Ciclo (1.º aos 4.º anos) ao 2.º Ciclo (5.º e 6.º anos).

Assim que nos dirigimos à instituição, no que se refere ao espaço interior, temos o *hall*, onde do lado direito podemos encontrar a biblioteca/espço para estudo, do lado esquerdo a secretaria e em frente duas casas de banho. Seguidamente podemos encontrar duas divisões, uma do lado direito onde se localiza o refeitório, os cacifos e a entrada para o bloco de aulas do 2º ciclo e do lado esquerdo temos o ginásio escolar.

No primeiro piso encontra-se, à direita, a designada “Sala das Mães” para as mães que ainda estão a amamentar possam desfrutar de um local reservado para o efeito e que também serve para colocarem os carrinhos de transporte dos bebés; logo ao lado temos outra sala onde existe uma cozinha equipada para preparar os lanches das crianças que ainda comem dentro da sala e não no refeitório. Neste piso, para além da Sala das Mães e da cozinha, temos todas as restantes salas, desde o berçário até à sala dos dois anos, e ainda duas casas de banho diferenciadas para os rapazes e para as raparigas. À esquerda,

¹O que significa que os pais pagam, pela educação da criança, de acordo com os rendimentos do agregado familiar.

encontramos as salas do jardim-de-infância e do primeiro ciclo. Ainda sobre o espaço interior, é de realçar que para qualquer um dos pisos existem rampas, para facilitar a marcha dos mais novos quando têm que andar de um espaço para outro e para as crianças que sejam portadoras de NEE (Necessidades Educativas Especiais).

Relativamente ao espaço exterior, na parte de trás da instituição existe um recinto destinado apenas para as salas do berçário até ao jardim-de-infância onde cada uma das salas tem uma porta para se deslocar a este espaço e, tanto na frente como nas laterais da mesma, temos outros recintos para o primeiro e segundo ciclos. O facto de os espaços serem diferentes para cada uma das valências leva a que cada um destes esteja equipado de forma adequada às idades dos que as utilizam. O espaço exterior do pré-escolar era revestido por piso de segurança e tinha diversos espaços de brincadeira, como baloiços, escorregas e caixa de areia, enquanto que no recinto escolar dos mais velhos (1.º e 2.º Ciclos) havia campos de futebol/basquetebol, tudo em cimento e com menor proteção em relação à pavimentação.

O período de funcionamento da instituição era bastante alargado, iniciando o mesmo às 07:45h da manhã e terminando às 19:00h.

1.2. Caracterização do Grupo

O grupo era constituído por quinze crianças, todas elas de nacionalidade portuguesa. Estamos perante um grupo onde as idades eram compreendidas entre um ano e meio e os dois anos, sendo oito crianças do sexo masculino e sete do sexo feminino, que frequentavam a sala designada “Bibe azulinho e Bibe verdinho”.

Relativamente ao desenvolvimento destas crianças, ao nível motor todas elas já adquiriam a marcha e já tinham também a capacidade de saltar e correr. No que diz respeito ao controlo da motricidade fina, a maioria das crianças ainda não tinha a capacidade de usar, segurar, utilizar e manipular diversos objetos. Para além disso, a maioria das crianças tinha uma boa socialização com os seus colegas de sala e era notório que as mais velhas (24 meses) tinham a tendência para ajudar as mais novas (18 meses) em algumas situações do quotidiano.²

Relativamente à alimentação, a maior parte das crianças já era bastante autónoma, existindo apenas duas que não comiam sozinhas.

1.3. Caracterização da Sala

Na sala do “Bibe Azulinho e Bibe Verdinho” onde decorreu o estágio, pode considerar-se que existiam três espaços distintos, de acordo com o critério da educadora cooperante.

À entrada, do lado direito, encontrava-se o fraldário onde era efetuada a higienização e onde existia uma banheira, duas retretes e dois lavatórios, tudo ao nível da criança, à

² Muitas vezes as crianças mais velhas ajudavam as mais novas a arrumar todos os brinquedos e/ou objetos utilizados após atividades e/ou brincadeiras livres sempre que a educadora cooperante o dizia.

exceção da bancada para trocar as fraldas. Na restante sala existia uma zona com sofás e um tapete, tapete este que era utilizado para as crianças se sentarem ao longo de vários momentos do dia, nomeadamente no acolhimento e canções de roda, na hora dos lanches (da manhã e da tarde), nas Atividades Livres e nas Atividades Orientadas.

O último espaço é o espaço de refeições e trabalhos, existiam duas mesas e cadeiras encostadas a uma parede que eram apenas desviadas quando as crianças almoçavam e quando eram realizadas algumas atividades orientadas.

Ainda na sala, podemos encontrar ao alcance das crianças um cesto com diversos brinquedos para brincarem ao longo do dia, exceto nas atividades orientadas pela educadora cooperante. Todos os restantes brinquedos estão guardados e empilhados em caixas de arrumações e são apenas utilizados ao comando da educadora. Ainda numa destas caixas podemos encontrar os chapéus para todas as crianças quando estas se dirigem ao espaço exterior para brincar.

As camas das crianças encontram-se no próprio espaço encostadas a uma parede, não havendo qualquer anexo na sala para as manter reservadas, sendo, por isso, que a própria educadora da sala fez uma espécie de cobertor para tapar as mesmas. Ainda na sala existe uma bancada com lavatório e todos os dossiês pedagógicos da educadora, bem como, nos armários desta bancada, alguns livros de histórias, materiais de expressão plástica e legos. Ao longo das paredes da sala existem quadros em cortiça onde são expostos todos os trabalhos realizados pelas crianças.

1.4. Organização do Tempo Pedagógico (Rotina)

Rotina	
Hora	Momento do Dia
07:45h às 09:30h	Acolhimento e Canções de Roda
09:30h às 09:45h	Hora da Bolacha
09:45h às 10:40h (máximo meia hora)	Atividade Orientada
10:45h às 11:00h	Higiene e preparação para o almoço
11:00h ao 12:00h	Almoço
12:00h ao 12:15h	Higiene
12:15h às 14:30h (pode estender-se)	Sesta
14:30h às 14h45h	Higiene e preparação para o lanche
14:45h às 15:00h	Lanche
15:00h às 15:30h	Higiene
15:30h às 17:00h	Atividades Livres

Quadro 1- Rotina Creche

O Acolhimento das crianças é feito na sua própria sala juntamente com as crianças da sala de berçário e da sala de 1 ano, tendo início por volta das 07:45h. Neste momento, as crianças são recebidas pelas auxiliares de serviço e a partir das 09:00h pela educadora da sala e é neste momento que os familiares partilham com as mesmas informações relacionadas com as crianças (alimentação, problemas de saúde, como foi a sua noite de sono, entre

outros). Para além disso, por volta da 09:00h/ 09:15h a educadora da sala procede à entoação de algumas canções de “Bom Dia” bem como à leitura de uma história.

Na Hora da Bolacha é feito um reforço alimentar, ou seja, são distribuídas bolachas por todas as crianças, estas ficavam sentadas no tapete até finalizarem. Após este momento, assim que as crianças terminavam, eram encaminhadas até ao fraldário para o momento da Higiene. Este momento é um dos momentos mais importantes e delicados para as crianças pois algumas já estavam na retirada da fralda e começam um processo de habituação ao bacio e à sanita. Muitas destas crianças eram as primeiras a ir ao fraldário, pois muitas vezes demoravam mais tempo no bacio ou na sanita. Neste momento, tanto a auxiliar como a educadora dirigem o seu tempo transmitindo bem-estar, segurança e reconhecimento à criança através do diálogo com a mesma, estabelecendo momentos de vinculação entre o adulto e a criança.

Depois deste momento segue-se o momento da Atividade Orientada onde a educadora realiza uma atividade sob a sua orientação com as crianças, mas nunca ultrapassando meia hora de atividade. A hora do almoço, bem como a do lanche são momentos onde a criança percebe a importância de satisfazer as suas necessidades alimentares assim como apreende as rotinas e hábitos alimentares e modos à mesa.

Relativamente ao momento da sesta, este é também um dos momentos bastante importantes da rotina por se tratar de uma necessidade biológica e é visto como um momento para relaxar e descansar. Muitas crianças neste momento sentiam a necessidade de se acompanhar de um objeto transicional (chucha, fralda de pano, ou peluches) o que lhes transmitia conforto e segurança para a realização deste momento.

Nas atividades livres é dada à criança a oportunidade de explorar novos materiais, relacionar-se com os elementos do grupo, bem como com a educadora.

1.5. Projeto de Intervenção

Uma das principais ferramentas para o desenvolvimento da criança é a aprendizagem feita pela descoberta. A aprendizagem pela descoberta leva “(...) o aluno a ter uma aprendizagem mais baseada na compreensão e no significado, do que na memorização.” (Vasconcelos, Praia, & Almeida, 2003).

Depois de realizarmos as duas primeiras semanas de observação em estágio, o que nos chamou a atenção relativamente ao grupo com que nos deparamos a estagiar foi a curiosidade e a satisfação das crianças quando as mesmas tinham contacto com novas experiências e/ ou materiais, por isso, surgiu o tema do nosso projeto “À Descoberta...”. Pretendíamos com este tema explorar com as nossas crianças várias áreas através de jogos lúdicos; contagem de histórias; manipulação de materiais;(expressão plástica) e pequenas experiências.

A avaliação de todo o projeto foi realizada através de registos fotográficos, registos audiovisuais, observação direta e as próprias produções das crianças. Para além disso,

realizamos uma tabela de observação sobre o papel do educador e as atitudes das crianças em cada momento das rotinas ao longo do dia. (Anexo I)

De todas as atividades por nós implementadas iremos realçar duas: “A lagartinha muito comilona” (Anexo II) e a “Hortinha para levar e cuidar” (Anexo III). Tal como estas, muitas outras atividades por nós implementadas tinham como base a leitura de histórias. No momento da rotina do Acolhimento e Canções de Roda aproveitávamos para contar uma história que estivesse relacionada com o momento da atividade orientada.

Na primeira atividade, utilizamos como estratégia o efeito surpresa. Assim que entramos na sala, demos às crianças a oportunidade de conhecer um novo amiguinho, feito de balões, a “Lagartinha” (Figura 1). Assim que as crianças se depararam com este novo elemento na sala, a maioria ficou em êxtase, à exceção de uma. Depois de as estagiárias e da educadora falarem com esta criança de forma calma a mesma compreendeu que a Lagartinha não lhe ia fazer mal e a partir daí todas as crianças quiseram brincar com ela.

“Foi a minha primeira intervenção e penso que correu muito bem. O ponto mais elevado deste momento foi quando mostrei ao grupo uma lagartinha feita, por mim, com balões. Foi um elemento surpresa de grande impacto e, como disse às crianças que era um amigo especial, quase todas acolheram bem a novidade. À exceção de uma (da sala de 1 ano) mas depois de algumas tentativas e de dizermos que eram apenas balões de festas e que não faziam mal, correu tudo bem.” (Registo Observação Diária 24 de janeiro de 2017)

Aproveitamos também para lhes perguntar que cores tinha a lagarta, visto que as crianças na mesma semana tinham trabalhado as cores encarnado e amarelo, quantas antenas, quantos olhos, entre outros aspetos.

Passando para o momento da leitura da história, depois de realizarmos uma exploração relativamente à capa (cores, que animal estava representado), conteúdos do livro (quantas frutas comeu a lagarta, que frutas eram e que cores tinham) e da moral da mesma (que a Lagartinha de comer tanto ficou cansada e foi descansar e quando acordou transformou-se numa borboleta) no momento da rotina da Atividade Orientada facultamos a cada uma das crianças uma folha com o contorno de uma borboleta onde o intuito seria de elas a decorarem com o material que as estagiárias puseram à sua disponibilização (bocados de papel e algodão) bem como a colagem desses mesmos materiais na folha (Figura 2).

Esta atividade tinha como objetivo desenvolver a motricidade fina, ou seja, manipular os materiais e realizar o movimento de pinça e ainda promover a exploração e produção

plástica, isto é, realizarem diferentes técnicas de expressão plástica que, neste caso, foi a colagem. (Figura 3)



Figura 1- Lagartinha feita com balões.

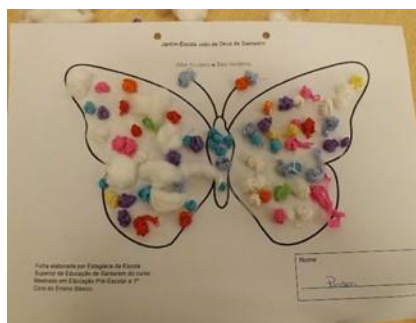


Figura 2- Resultado final da colagem.

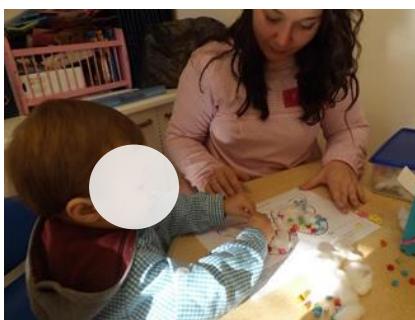


Figura 3- Criança a colar bocadinhos de papel na borboleta.

A atividade seguinte apresentada, “Hortinha para levar e cuidar”, foi iniciada através de uma história intitulada “João pé de feijão” no final da história perguntamos às crianças se gostariam de fazer o mesmo que o João e semear um feijão.

Foi uma atividade feita em grande grupo (Figura 4) onde os principais objetivos eram que as crianças explorassem a terra e as sementes de feijão que iriam utilizar. Dissemos que as crianças podiam mexer na terra e muitas foram as que ao tocar automaticamente começaram a sorrir. Algumas crianças cheiraram a terra e outras tentaram comê-la, embora tivessem percebido que a mesma não tinha um sabor muito agradável. Outras crianças estranharam a cor, o cheiro, e não quiseram mexer. Nós nunca obrigamos nenhuma criança a mexer, tentamos sim explicar que a terra não era uma coisa má, que não fazia mal às nossas mãos e que era o motivo pelo qual existiam as flores e plantas no recreio. Outro dos objetivos desta atividade era de desenvolver a motricidade fina tal como na atividade anterior, nomeadamente de segurarem corretamente a colher e colocar terra e o feijão no recipiente (Figura 5 e 6).



Figura 4- Crianças reunidas em círculo para a realização da atividade.



Figura 5- Criança a colocar terra no recipiente.



Figura 6-Criança a colocar feijão no recipiente.

Através da observação direta ao comportamento e reação das crianças, podemos concluir que todas as atividades foram bem-recebidas pelas mesmas desde a construção dos recipientes para o cultivo do feijão (atividade realizada no dia anterior) até à escuta da história e à atividade orientada.

De um modo geral, muitos dos objetivos do projeto foram conseguidos colocar em prática. Muitas vezes as atividades, embora fossem idealizadas, por nós, de uma forma, tiveram que ser postas em prática de outra, consoante as opiniões da professora cooperante.

1.6. Percurso de Aprendizagem Profissional em Creche

O facto de ficarmos com um grupo de crianças com idades compreendidas entre os 18 e os 24 meses tornou-se uma mais-valia para nós em questões de aprendizagem, pois foi-nos possível verificar que os mais novos da sala são movidos a adquirirem novas aprendizagens e novos saberes através dos mais velhos. Assim que foi observada uma evolução na fala dos mais velhos e assim que estes alcançaram este feito, os mais novos conseguiram aos poucos estender o seu vocabulário e ter autonomia em muitas atividades como a de tirar os sapatos quando vão dormir, de entregar a chucha por vontade própria quando acordam, ajudar na organização da sala e arrumar os brinquedos.

Inicialmente pensei que fosse um constrangimento o facto de a instituição ser tão diversificada em relação às faixas etárias que nela contém. No entanto, foi possível verificar que existe uma grande colaboração entre as crianças mais velhas para com as mais novas. À hora da sesta, por exemplo, algumas crianças mais velhas de outras salas (de 1.º ciclo ou 2.º ciclo) iam para a nossa sala e ficavam na vigia, assim que as crianças começavam a acordar as crianças mais velhas que lá estavam ajudavam os meninos da nossa sala a calçarem-se e a vestirem os bibes. Tal como é referido no Projeto Educativo da instituição com o tema: “Educação para a Cidadania” este defende inúmeros objetivos como: “(...) os de desenvolver a autoconfiança, autonomia, cooperação e entreajuda, o respeito pelo património cultural e ambiental, capacidade de comunicação e compreensão de outros pontos de vista, adquirir conhecimentos curriculares, tomar decisões e ter a liberdade de escolha.” (Registo Reflexão Final do portefólio de Estágio em Creche).

De entre todos estes objetivos do projeto educativo da instituição, foi possível verificar que os últimos objetivos aqui mencionados (tomar decisões e ter liberdade de escolha) nem sempre coincidem com a realidade, isto é, que a prática não se aplica à teoria, pois durante o estágio foi-nos possível observar que nem sempre são feitas atividades em que a criança tenha a possibilidade de escolher o que quer fazer, como quer fazer e quando quer fazer. No caso das fichas que a educadora cooperante e a instituição fazem com as crianças, foi notória que não era a criança que fazia esta ficha, seja ela de colagem ou de pintura, ou até mesmo na escolha dos brinquedos que gostariam de brincar. Existiam algumas restrições em relação a este aspeto. E, se a criança não estivesse predisposta a realizar a atividade era “obrigada” a fazer ou então não a fazia de todo. Inclusive se alguma criança tivesse faltado no dia em que tivesse havido uma atividade orientada, a educadora pedia que fizéssemos um material a mais para expor nos placares situados na sala e, posteriormente, colocar no dossier dessa criança que tinha faltado. De uma forma geral, o/a educador/a realizava atividades individualmente ou em pequenos grupos nas mesas da sala, sendo que as restantes crianças que não estivessem a realizar a atividade naquele momento encontravam-se a brincar livremente e depois trocavam.

“A ficha que elaborei não foi de todo uma atividade que tivesse surgido sob a minha iniciativa, mas apesar disso, a minha ideia seria que todas as crianças a realizassem ao mesmo tempo, coisa que não aconteceu. A educadora deu-lhes legos para brincarem, o que acabou por criar uma “quebra” de atenção e interesse na atividade, sendo que, a educadora sugeriu que eu realizasse a atividade um a um. Durante toda a atividade, este foi o aspeto que me deixou menos confortável, visto que, era uma atividade que eu gostaria que fosse realizada em grande grupo.” (Registo Observação Diária 24 de janeiro de 2017)

Ao longo de todo o estágio, percebemos a grande importância de valorizar a criança pelo que faz, independentemente do tempo e do ritmo que leva a realizar cada momento do seu dia.

A escola é um elemento indispensável para a estruturação e para o desenvolvimento da sociedade. Sendo assim, no seu processo de educação deverá auxiliar o desenvolvimento das capacidades de apropriação e conhecimento das potencialidades, respeitando o tempo, o ritmo de cada criança. (Ceccato, Gallina, & Costa, 2012)

Em todos estes momentos do dia é fulcral respeitar os ritmos da criança quer no momento das suas refeições quer nos momentos de higiene e atividades orientadas.

2. Prática de Ensino Supervisionada em Jardim de Infância

O estágio foi realizado numa instituição de rede pública ao longo de sete semanas, das quais duas foram de observação e as restantes de intervenção, tendo iniciado a 19 de abril de 2017 e terminado a 2 de junho do mesmo ano.

2.1. Enquadramento da Instituição

A instituição onde nos encontrámos a estagiar, trata-se de um centro escolar na zona de Santarém contendo as valências de J.I e 1.º Ciclo. Era um edifício de rés de chão e 1.º andar construído recentemente e em bom estado de conservação.

Com cerca de 300 alunos, a instituição era composta por dois espaços distintos para recreio: um destinado às crianças do pré-escolar, contendo três zonas diferentes para brincar, uma área coberta, uma área com relva e um espaço com areia. Ao longo de todo o espaço existiam escorregas, baloiços, entre outras estruturas destinadas à brincadeira livre. O segundo espaço era destinado às crianças do 1.º ciclo e era composto por um campo de jogos (futebol e basquetebol) e um espaço de brincadeira livre.

Neste edifício existiam no total doze salas, sendo quatro salas de J.I e oito de primeiro ciclo. Ao longo de todo o edifício existiam cinco arrecadações, um salão/átrio polivalente, uma biblioteca, uma sala de informática, uma sala de professores, uma sala de funcionários, cinco gabinetes, um *hall*/receção, sete *wc* de crianças, dois *wc* de adultos e dois *wc* destinados a crianças portadoras de deficiência, dois gabinetes médicos, um refeitório/cozinha equipada e dois telheiros laterais no espaço exterior permitindo às crianças o seu deslocamento para o mesmo no inverno.

Tal como referido anteriormente, esta instituição era bastante recente, sendo uma escola bastante ampla, com diversos espaços para as crianças poderem brincar. Tinha ótimas condições em termos de espaço de sala e de materiais, a única contrapartida era não existir ar condicionado nas salas, na altura em que fomos estagiar as temperaturas estavam bem altas e para as crianças era difícil permanecer dentro da sala.

Esta instituição aderiu a diversos projetos, nomeadamente ao programa “*Make a wish*” e à campanha do “Laço Azul”.

Esta instituição durante o tempo letivo abria às 09:00h e terminava às 15:15h para o J.I sendo que, a partir dessa hora, existiam outras atividades extracurriculares tanto para J.I como para o 1.º ciclo.

2.2. Caracterização do Grupo

Estão inscritos neste grupo vinte e cinco crianças, dos quais dez são raparigas e quinze são rapazes, com idades compreendidas entre os três e os seis anos de idade.

No grupo dos cinco anos, entraram duas crianças pela primeira vez, que necessitavam de um apoio mais individualizado dado que nunca tinham frequentado outro estabelecimento de ensino. No grupo dos quatro anos, existia uma criança do sexo masculino que beneficiava de apoio educativo por parte da Equipa Local de Intervenção (ELI), uma vez por semana. Na sua maioria as crianças eram assíduas, pontuais e eram crianças muito bem-dispostas. Em relação à autonomia, apenas algumas eram pouco autónomas necessitando de ajuda do adulto para algumas tarefas, sobretudo para a higiene.

2.3. Caracterização da Sala

A sala onde estagiávamos era denominada por “Sala Verde”, pois era a cor que predominava nas paredes ao longo de todo o espaço. Era uma sala bastante iluminada, maioritariamente, com luz natural devido a uma das paredes do espaço ser apenas em vidro. O fato de não ser climatizada tornava por vezes o espaço muito quente. As suas dimensões iam sendo adequadas ao grupo de vinte e cinco crianças e consoante as atividades desenvolvidas com o grupo.

Uma das vantagens desta sala era a de existir vários espaços para guardar materiais, inclusive uma arrecadação, uma casa de banho para cada duas salas e, ainda, uma porta com acesso direto ao espaço exterior em cada uma das salas de jardim de infância.

O espaço estava organizado por áreas, previamente organizadas pelo adulto, onde existiam regras a cumprir (determinadas em conjunto com as crianças quer em termos de n.º de crianças, quer em termos de especificidades de cada área). Os espaços que existiam são: a casinha (onde as crianças brincam ao faz de conta), a biblioteca, a pintura, a plasticina, o desenho (recorte, colagem...), os jogos de mesa, os jogos de chão/garagem e o quadro magnético.

Todos os trabalhos das crianças eram expostos na sala quer nos quadros de cortiça, quer nas paredes e quer nas janelas e portas de vidro que davam para o exterior. Sempre que era preciso expor mais trabalhos, as crianças arrumavam os mais antigos nas suas caixas localizadas em cima da bancada da sala para posteriormente serem colocados nos seus dossiês individuais.

2.4. Organização do Tempo Pedagógico (Rotina)

O tempo (rotina) era sempre organizado em função das atividades previstas pela educadora cooperante, do interesse do grupo por essas atividades, do funcionamento global do jardim-de-infância e de qualquer atividade/assunto imprevisto que poderiam ocorrer.

Abaixo temos um quadro com a organização do tempo pedagógico da sala onde realizamos o estágio:

Rotina	
Hora	Momento do Dia
09:00h às 09h30	Acolhimento, registo das presenças e do tempo e Canções do “Bom dia”
09:30h às 10:00h	História do dia
10:00h às 10:10h	Escolha dos espaços para brincar
10:10h às 10:15h	Lanche da manhã e Higiene
10:15h às 11:15h	Atividades orientadas/ Atividades livres
11:15h às 11:30h	Recreio
11:30h às 11:45h	Higiene e Almoço
13:00h às 14h30h	Atividades orientadas/ Atividades livres
14:30h às 14:45h	Recreio
14:45h às 15:15h	Reflexão Final, Higiene e Lanche

Quadro 2- Rotina Jardim de Infância

Assim como em creche, o momento do Acolhimento das crianças era realizado na sua própria sala sendo a auxiliar e a educadora a recebê-los. Assim que as crianças entravam na mesma, davam à auxiliar os seus lanches (da manhã e/ou da tarde) para que fossem guardados no frigorífico, se assim fosse necessário.

Após a entrega do lanche, iam aos seus lugares colocar apenas as mochilas e depois, em semicírculo, sentavam-se no chão, em frente à mesa da educadora. Enquanto o grupo esperava que todas as crianças chegassem, os mesmos ficavam a ver desenhos animados no computador da educadora. A partir da 09:10h, mesmo que nem todas as crianças tivessem chegado à sala, a educadora pedia ao “Chefe do Dia” para registar as presenças. Todos os dias existiam chefes diferentes, sendo que a ordem dos mesmos era feita alfabeticamente. Depois do Chefe fazer este registo, dirigia-se ao quadro magnético e, com auxílio da educadora, escrevia o número total de crianças na sala, quantas delas eram meninas e quantas eram meninos³. Após este momento, o Chefe registava o tempo num quadro que estava colocado na mesma parede do quadro do registo das presenças e, em seguida, cantavam as canções do “Bom Dia”.

Por volta das 09:30h seguia-se o momento da história, todos os dias eram lidas histórias ao grupo e muitas vezes essas histórias eram trazidas pelas crianças. Depois da leitura de histórias, era realizado um momento de diálogo entre a educadora e as crianças sobre as atividades orientadas que iriam surgir ao longo do dia, se iria ocorrer alguma atividade com outras turmas, assim como o registo de atividades livres. Cada uma das crianças, por ordem alfabética, ia a um quadro de registo de atividades colocado na parede inserir a sua fotografia na área de brincadeira que queriam ficar ao longo daquele dia, sabendo sempre que o limite de crianças em cada área era de 4 a 6 crianças.

Depois de escolherem os espaços onde cada uma iria brincar, a educadora realizava um diálogo com as crianças a explicar cada uma atividade orientada que iriam realizar. Seguidamente, o chefe do dia distribuía o leite escolar pelas crianças e quando acabassem, o mesmo recolhia as embalagens vazias. Após este momento as crianças iam à casa de banho, sendo que existia uma ordem para o fazerem. O Chefe do dia era o primeiro a ir à casa de banho e quando acabava, colocava-se ao pé da porta da casa de banho e ia chamando as crianças por grupos e por norma de duas em duas, ou seja, primeiro iam as crianças da mesa dos 3 anos, depois iam as crianças da mesa dos 4 e assim sucessivamente. Assim que saíssem da casa de banho, cada uma das crianças ia diretamente para os espaços que tinha escolhido para brincar ou, se houvessem atividades orientadas, ficavam nos seus

³ Neste momento do registo do número de crianças, o chefe do dia utilizava letras do abecedário magnéticas que estavam expostas no quadro. Neste caso a letra P magnética era utilizada para as presenças e o F para as faltas e à frente escreviam o número correspondente aos mesmos. Para representarem o número de meninos e meninas que estavam na sala, o chefe do dia desenhava uma menina e um menino e à frente de cada um colocava o número a que correspondia.

lugares a aguardar que a educadora explicasse novamente o que iriam fazer e distribuisse os materiais.

Das 11:15h às 11:30 as crianças iam para o recreio brincar livremente nas áreas que pretendessem. Uma vez que a escola continha várias valências, o almoço era realizado por turnos e as crianças de J.I iam almoçar pelas 11:45h. Quando a educadora ou a auxiliar da sala os chamava, as crianças já sabiam que tinham de fazer uma fila. O Chefe do dia era novamente o 1.º da fila e quando chegavam ao refeitório iam à casa de banho quer para fazer as necessidades fisiológicas quer para lavar as mãos.

Assim que o grupo terminasse a refeição, iam novamente à casa de banho fazer higienização e, em fila, regressavam à sala para ir para o recreio até à 13:00h. A essa hora, as crianças entravam na sala e quem precisasse de ir à casa de banho ia e quem não precisasse, ia para os espaços de brincadeira livre que tinha escolhido. Por volta das 14:30h todas as crianças iam novamente brincar para o recreio, era a essa hora e às terças-feiras que à tarde podiam andar de triciclos.

Após este momento, pelas 14h45 a educadora chamava-os a todos para regressarem à sala e para realizarem um diálogo sobre o dia, isto é, era feito uma reflexão final sobre o que tinham achado do dia, o que tinham gostado mais de fazer, que dificuldades sentiram (caso houvesse), entre outros aspetos. Por fim, iam novamente à casa de banho, por ordem. Quem ficava à espera de ir à casa de banho, aproveitava para ir aos cacifos buscar as lancheiras com o seu lanche para comer. Depois da ida à casa de banho e do lanche, muitas crianças iam para casa e outras ficavam na escola para outras atividades de enriquecimento curricular (AEC).

2.5. Projeto de Intervenção

De acordo com os pressupostos do Projeto Educativo da Instituição bem como o Plano Anual de Atividades e Atividades do Plano de Turma, organizar-se-á a educação pré-escolar no jardim de Infância segundo, a curiosidade; o pensamento crítico; a experiência de vida democrática; o sentido de responsabilidade; a autonomia; a noção de sucesso e o direito pela diferença.

O tema do nosso projeto surgiu após várias conversas com a educadora cooperante e após a observação da rotina da sala. Ao longo destes momentos percebemos que a educadora se guiava muito pela pedagogia em participação e como referem Formosinho & Oliveira-Formosinho (2008, cit. por Formosinho & Oliveira-Formosinho, 2011, p.104), a Pedagogia em Participação trata-se essencialmente, da criação de ambientes pedagógicos em que as interações e as relações sustentam atividades e projetos, que permitem à criança e ao grupo, em conjunto, construir a sua própria aprendizagem.

O tema do nosso Projeto de Intervenção intitulou-se como “Brinco, cresço e aprendo” e tinha como finalidade que todas as crianças participassem ativamente nas atividades a que nos propúnhamos. Um dos grandes objetivos pessoais com deste projeto era fazer com que

as crianças desfrutassem todos os dias dos pequenos acontecimentos e atividades que iriam sendo implementadas por nós.

Os principais objetivos do projeto foram de *“Promover o desenvolvimento global, enquanto membro da sociedade em que está integrada e na qual se sente confiante; Contribuir para o processo de socialização e fomentar a consolidação do mesmo, ao longo da sua experiência escolar; Desenvolver atitudes e comportamentos que facilitem uma cultura de amizade, interajuda, respeito e justiça; Despertar uma atitude crítica face ao contexto que a rodeia desenvolvendo experiências que lhe permitam realizar aprendizagens significativas e diferenciadas; Valorizar o trabalho individual, a pares, em pequeno grupo ou em equipa e Criar oportunidades de aprendizagem do seu autoconhecimento em comparação com as restantes crianças do grupo.”* (Projeto de Intervenção do portefólio de Estágio em J.I)

Tal como em contexto de creche, em contexto de J.I utilizamos como estratégia base o uso de histórias antes de iniciarmos as atividades orientadas. Para a avaliação de todo o projeto recorremos a registos fotográficos, registos audiovisuais, diálogos informais, observação direta e as próprias produções das crianças.

De entre todas as atividades realizadas iremos realçar apenas duas, “Os animais” (Anexo IV) e “O meu nome” (Anexo V). Para cada semana, abordávamos um tema, numa foi o dos animais e noutra o das letras, daí que falaremos destas duas atividades se semanas diferentes.

Antes de dar início à atividade “Os animais”, com as crianças sentadas em semicírculo no chão, mostrou-se a capa do livro e perguntou-se às crianças sobre o que achariam que a história iria falar. À qual, todas as crianças responderam que era sobre animais. Para além disso, foi perguntado às crianças que animais foram falando na escola ao longo da primavera, referindo em específico algumas atividades da sala realizadas nas últimas semanas com animais.

Para prosseguir com a atividade, passamos à leitura da história, onde foram feitas diversas questões durante a leitura e no final da mesma, como por exemplo se já alguma vez tinham visto os animais que apareciam na história, que cores tinham, onde viviam, se tinham algum destes na sua casa, entre outros.

Posto isto, pedimos às crianças para se sentarem nos seus respetivos lugares e entregamos a cada uma delas uma pedra e colocamos em cada uma das mesas tintas de diversas cores e pincéis para pintarem as suas pedras com o animal que tinham preferido da história (Figura 7).

Ao longo de toda a atividade íamos passando pelas mesas dos grupos para ajudá-los sempre que alguma criança demonstrava que estava com dificuldades (Figura 8).

Depois do almoço/ recreio, pediu-se a cada criança para envernizarem a sua pedra, caso o quisessem, e, posteriormente, reunimo-nos com todo o grupo e fomos pedindo a cada criança que explicasse as razões que a levou à escolha do animal que pintaram na pedra. Foi

igualmente perguntando onde as crianças achariam que cada um daqueles animais vivia, se eram domésticos ou selvagens, o que é que eles entendiam por domésticos e selvagens e o que é que eles poderiam comer. Para além disso, pedimos também que avaliassem a atividade, se tinham gostado, o que gostaram mais, o que menos apreciaram, que dificuldades tiveram, entre outros.

“(...) foi possível verificar que todo o grupo conseguiu sistematizar as suas aprendizagens e mostrar-nos que estiveram atentos quando foi contada a história. Para muitos, a escolha dos animais foi fácil embora houvessem dois casos em que a escolha fosse mais difícil. O primeiro caso onde uma criança explicou que apenas tinha escolhido o animal “x” porque era o que conseguia desenhar embora nos tenha exposto quais as suas características e ainda as características de outros animais e o outro caso está relacionado com uma criança que tinha pouca confiança naquilo que realizava e em fazer escolhas tanto que até nos pediu para visualizar o que o menino “AM” e a menina “D” tinham feito para que ela pudesse fazer igual. Com todo o nosso apoio e reforço positivo, a criança acabou por conseguir escolher e desenhar um animal e a própria ficou orgulhosa do trabalho que fez até porque acabou mesmo por ser a pedra mais bonita.” (Registo Observação Diária, 9 de maio de 2017)

No final da atividade todas as pedras ficaram no canto da sala, no chão, para secarem e para, no dia seguinte, colocarem a sua no local que mais gostassem da sala. (Figura 9)



Figura 7- Criança a pintar a pedra com o animal escolhido.



Figura 8- Estagiária a auxiliar o grupo.



Figura 9- Resultado final.

A segunda atividade intitulada por “Os nossos nomes” teve início igualmente com uma história, nomeadamente sobre as vogais. Tal como na atividade anterior mostramos a todo o grupo a imagem da capa do livro (foi em versão digital, no computador) e ao longo da leitura e no final foram sempre realizadas questões sobre que vogais é que estavam a aparecer ao longo da história, que palavras conheciam com aquelas vogais, que animais apareciam na história, entre outros (Figura 10).

Depois de contarmos a história, explicamos a todo o grupo que atividade iriam realizar depois de ter sido ouvida a história. Explicamos que cada uma das crianças teria que regressar para o seu lugar e que seriam distribuídas folhas de papel A4 a cada uma delas com o nome de cada uma das crianças (apenas continha o contorno das letras) e explicamos que materiais iriam ser utilizados, nomeadamente tesouras, colas e vários tipos de papel (jornais, papel de seda, entre outros). O objetivo desta atividade era de trabalharem a

motricidade fina e serem capazes de associar outras palavras ao seu nome, e desenvolverem a comunicação. (Figura 11)

Depois de realizarem a colagem de papéis no interior de cada letra do seu nome, as crianças teriam que responder a três questões que estavam na folha, nomeadamente: “Qual é a primeira letra do teu nome?”, “Quantas letras tem o teu nome? “, “Que nomes/ objetos/ animais conheces com essa letra?” (Figura12) sendo que nós é que escrevíamos as suas respostas.

De uma forma geral, achamos que esta atividade foi bem-sucedida, pois foi desenvolvida em grande grupo, embora algumas crianças tiverem mostrado algumas dificuldades em reconhecer as letras do seu próprio nome e associá-las.

“Nesta atividade foi possível verificar que as crianças que faltavam mais à escola tinham maior dificuldade em reconhecer o seu nome mesmo se fossem do grupo dos mais velhos. Esta atividade, correu melhor do que o que era esperado, visto que, foi realizada em grande grupo e por norma a educadora realizava em pequenos grupos. Aqui, deu para perceber que realmente o trabalho em grande grupo é uma mais-valia pois não existiram crianças a perguntar constantemente o que o colega estava a fazer porque, efetivamente, todos estavam a realizar a mesma atividade.” (Registo Observação Diária, 23 de maio de 2017)



Figura 10- Estagiária a contar a história.



Figura 11- Criança a realizarem a colagem dos materiais.

ANA

- 1) Qual é a primeira letra do meu nome?
- 2) Quantas letras tem o meu nome?
- 3) Que nomes conheço com a primeira letra do meu nome?

Figura 12- Folha original que foi distribuída às crianças com as perguntas.

2.6. Percurso de Aprendizagem Profissional em Jardim de Infância

Contrariamente a outros estágios realizados ao longo da minha licenciatura e até no mestrado em contexto de creche, foi neste estágio a primeira vez que presenciei uma educadora a realizar diariamente diálogos com as crianças em grande grupo, dando assim a oportunidade de expor e ouvir as opiniões das crianças, de escolherem a área que quisessem no momento da atividade livre, de existir tarefas para todas as crianças que nos remetiam a atividades de vida diária e de a educadora não prescindir do tempo de recreio das crianças mesmo que estas ainda não tivessem finalizado uma atividade orientada.

Para a educadora o mais importante era o bem-estar do grupo, sabendo a importância do espaço exterior e os benefícios que este trazia ao grupo, nunca prescindia deste tempo mesmo que as condições meteorológicas nem sempre fossem as mais favoráveis. Outra questão que foi bastante significativa para a nossa prática futura, incide sobre as estratégias

que a educadora utilizava diariamente com o grupo. Utilizava diferentes entoações a contar histórias para os cativar; para os acalmar falava mais pausadamente e com mais calma; quando haviam espaços “livres” durante as nossas intervenções rapidamente arranjava materiais didáticos para as crianças que já tinham terminado as tarefas propostas por nós, enfim um leque extenso de estratégias que para quem trabalha já há vários anos na área é algo completamente normal e que para nós se tornou um exemplo a seguir.

Ao longo da realização deste estágio, nas nossas planificações, tivemos sempre em atenção o que era proposto pela educadora de acordo com o grupo, sem nunca “fugir” às nossas próprias ideias. A boa comunicação, o à-vontade que a educadora cooperante nos transmitiu levou a que, em conjunto, conseguíssemos planificar de forma coerente e adequada ao grupo.

Nas semanas anteriores às intervenções falávamos sempre com a educadora cooperante e mostrávamos as nossas ideias. Houve sempre um feedback relativamente às atividades a que nos propúnhamos, ou seja, como poderiam resultar melhor ou não ou se tínhamos pensado em demasiadas atividades para tão pouco tempo, pois, durante as nossas semanas de intervenção, a instituição teve muitas atividades e isto acabou por influenciar a nossa prática. Houve situações em que nos foi dito que não eram necessárias atividades para uma determinada manhã/tarde, porque iriam haver atividades na escola e depois aquelas atividades não se realizavam e ficávamos um pouco aquém e sem saber o que fazer com o grupo, pois não havia sido planeada nenhuma atividade em específico. Este foi um dos grandes aspetos de aprendizagem adquiridos no decorrer deste estágio, pois fez nos repensar na nossa planificação e nas estratégias para a nossa prática futura em situações semelhantes.

Uma das grandes dificuldades sentidas, até mesmo em contexto de creche, dizia respeito ao fio condutor que queríamos estabelecer em todas as planificações. Como tivemos a possibilidade de experienciar diversas situações neste contexto e de experimentar algumas estratégias, percebemos que a leitura de histórias era um ótimo recurso para dar seguimento às nossas atividades e ainda com a vantagem de articular com as várias áreas do saber.

3. Prática de Ensino Supervisionada em 1.º Ciclo do Ensino Básico – (2.º ano)

O estágio foi realizado numa instituição de rede pública ao longo de sete semanas, das quais duas foram de observação e as restantes de intervenção tendo início a 29 de novembro de 2017 e terminado a 19 de janeiro de 2018.

3.1. Enquadramento da Instituição

A instituição onde realizamos a nossa prática pedagógica continha sete turmas de 1.º ciclo, sendo que, existia uma de 1.º ano, outra de 2.º, outra mista de 2.º/3.º, duas de 3.º e duas de 4.º ano. Para além de todas estas salas de primeiro ciclo existiam duas salas de pré-escolar, uma sala de multideficiência, uma biblioteca, um refeitório, uma sala de professores, um ginásio e um polidesportivo exterior.

Relativamente à organização do pessoal docente e não docente este é composto por: professores/as titulares, duas educadoras, uma professora bibliotecária, professoras de Ninho⁴, professoras de apoio educativo, professoras de ensino especial, terapeutas, seis assistentes operacionais (distribuídas pelo 1º ciclo, pré-escolar e sala de multideficiência). Esta instituição aderiu a diversos projetos e parcerias, nomeadamente com a Ludoteca e a Oficina de prevenção. No âmbito da oficina prevenção dirigiam-se à escola duas professoras para realizar jogos e apelar a vários aspetos importantes da educação para a cidadania.

3.2. Caracterização do Grupo

A turma do 2.º ano era composta por vinte e seis alunos dos quais catorze eram raparigas e doze eram rapazes com idades compreendidas entre os 7 e os 8 anos, existindo quatro crianças que beneficiavam de apoio educativo na disciplina de Português. Nesta turma havia uma criança com NEE beneficiando de apoio especializado, uma vez por semana, ministrado por uma professora de ensino especial. Relativamente à nacionalidade, nem todos os alunos eram de nacionalidade portuguesa, havendo uma aluna moldava, uma russa e três de etnia cigana. Estas alunas revelaram ter um bom domínio verbal da língua portuguesa, embora não fosse a sua língua materna.

A professora cooperante acompanhava esta turma desde o 1.º ano, à exceção de duas crianças que tinham sido transferidos de outras escolas. A docente estabelecia um bom relacionamento interpessoal com as mesmas.

O grupo abrange um número elevado de crianças, o que na opinião da docente dificultava, por vezes, as aprendizagens, era um grupo muito agitado e com níveis de aprendizagens muito diversificados. As áreas de conteúdo em que as crianças demonstravam mais interesse eram a de Estudo do Meio e Expressões que, por sua vez, eram as menos trabalhadas ao longo da semana.

No que diz respeito às AEC, nesta turma dezasseis crianças frequentavam algumas dessas atividades, sendo elas: catequese, futebol, natação, karaté, escuteiros, futsal e dança, mostrando mais interesse no dia que tinham a construção do lego.

3.3. Caracterização da Sala

Inicialmente, assim que nos deparamos com a organização da sala, percebemos que a mesma estava organizada, maioritariamente, por grupos, sendo que, apenas duas mesas tinham duas crianças e uma tinha uma. Depois de algumas conversas com a professora cooperante, percebemos que a sua intenção era a de levar a que os alunos assim trabalhassem em grupo, mas, na realidade, não era o que acontecia e gerava ainda mais

⁴ O Ninho é uma aula de apoio da disciplina de Português onde à mesma hora que as crianças tinham a disciplina de Português, a professora do Ninho ia à sala buscar algumas crianças que precisassem de apoio mais individualizado nesta área de conteúdo.

barulho em sala de aula. No início do 2.º Período a docente decidiu alterar a organização das mesas para o método tradicional (dois a dois, virados para os quadros).

A sala tinha apenas uma parede com janelas contendo bastante luz natural na mesma, era bastante grande, continha um lavatório, uma parede com armários em madeira onde todos os materiais das crianças estavam lá colocados, dossiês, materiais de pintura, entre outros. Para além disso, existiam dois quadros, um quadro a giz e outro interativo, e ainda, ao fundo da sala, havia um móvel onde eram colocados os manuais de todas as crianças.

As paredes de toda a sala estavam “livres” não existindo quaisquer trabalhos expostos feitos pelos alunos apenas tinha exposto o abecedário em cima do quadro a giz.

3.4. Organização do Tempo Pedagógico (Rotina)

	Dias da Semana				
Horas	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
09:00 10:00	Português	Português	Matemática	Matemática	Português
10:00 10:30					Apoio Estudo
10:30 11:00					Intervalo
11:00 12:00	Matemática	Matemática	Estudo do Meio	Expressões	Matemática
12:00 12:30					Apoio Estudo
12:30 14:00					Almoço
14:00 15:00	Oferta Complementar	Estudo do Meio	Português	Português	Expressões
15:00 15:30	Apoio Estudo				

Quadro 3- Horário da Turma do 2.º ano.

No primeiro ciclo, a rotina é diferente, pois existem momentos do dia específicos para cada área de conteúdo. Embora haja uma organização do tempo diferente do que em pré-escolar, nesta turma, semanalmente existiam dois Chefes responsáveis pela distribuição dos cadernos diários, pelos manuais, pelo lanche da tarde (o leite e a fruta) e ainda de outros materiais que fossem necessários ao longo do dia.

Assim que os alunos entravam na sala, os chefes do dia, escolhidos por ordem alfabética, distribuíam os cadernos diários e os manuais da disciplina a que correspondia aquele momento do dia. Depois de realizarem esta distribuição, a professora em conjunto com os alunos escrevia no quadro a giz a lição⁵ e assim que terminassem, o alfabeto⁶ pois alguns alunos ainda tinham dúvidas sobre como se escreviam algumas letras.

⁵ A lição consiste em escrever o nome da escola, localidade, data e o tempo (meteorologia) daquele dia.

⁶ Todos os dias os alunos escreviam o alfabeto depois da lição alternado diariamente por minúsculas e maiúsculas.

Após este momento, a professora titular iniciava a sua aula começando pela correção dos trabalhos de casa, caso existissem, e depois explicava o que iriam fazer ao longo daquele dia existindo, deste modo, uma pequena conversa em grande grupo todos os dias de manhã e após este momento a docente começava a lecionar.

Num dia pré-definido para a turma, as crianças tinham a oportunidade de requisitar livros na biblioteca da escola e ainda, de duas em duas semanas, à quinta-feira na hora de expressões tinham a Oficina de Prevenção onde se dirigiam à sala das duas profissionais de educação fazer jogos e atividades mais lúdicas com as crianças relacionadas com a educação para a cidadania. Neste mesmo dia e a essa hora, quando estas profissionais não estavam as crianças realizavam atividades de expressão plástica com uma auxiliar da escola formada em educação. À sexta-feira, na hora de expressões, a turma dirigia-se ao ginásio escolar para realizar atividades de expressão físico-motora.

Através do horário desta turma é possível verificar que as duas áreas de conteúdo mais trabalhadas eram o Português e a Matemática ficando as Expressões e o Estudo do Meio com menos carga horária.

3.5. Projeto de Intervenção

Para podermos construir um projeto precisámos, inicialmente, de uma observação geral da turma e das suas rotinas. Após termos começado a perceber como é que a turma funcionava, fomos pensando no que mais se enquadrava, visto que era uma turma um pouco agitada.

Depois de termos feito uma semana de observação e uma de intervenção pontual, o que mais se destacou do grupo foi a capacidade dos mesmos em resolver ou chegar a um resultado final sem precisarem do uso do manual, com isto percebemos que através de outros materiais conseguiríamos abordar as diversas áreas de conteúdo e de forma mais lúdica, dinâmica e compreensível aproveitando o facto de que não existia qualquer tipo de interdisciplinaridade e que as disciplinas que as crianças mais gostavam era Estudo do Meio e Expressões. Depois das nossas primeiras conversas com a professora cooperante, percebemos que os manuais tinham que ser o nosso suporte principal pois a mesma valorizava muito o seu uso. Posto isto, consideramos como tema do nosso projeto - "*Mentes Criativas*", ou seja, levar a que as crianças mesmo através do manual, de uma imagem, de um jogo, entre outros materiais manipuláveis, conseguissem compreender melhor a matéria e até mesmo chegar a outros resultados. Pretendíamos com este tema explorar com a turma as várias áreas curriculares de modo a conseguir trabalhar também o raciocínio lógico e mostrar-lhes que existe mais que uma maneira para chegarmos às soluções. A capacidade de fazer coisas diferentes e de formas diferentes deve ser projetada e alargada para um grande grupo, nomeadamente, a turma com a qual trabalhamos. Para nós esse projeto associado à criatividade passava por ver de que forma no dia a dia os temas que vão surgindo podem tornar-se interessantes, ou seja, sair da mesma rotina, de chegar, sentar, abrir a lição

e o manual. Tentar não levar o professor transmissor, mas sim começar as aulas com questões das crianças e dar a volta à situação do manual de forma a poder dinamizar as aulas com atividades mais lúdicas.

As atividades em si foram sempre compostas por uma parte teórica onde houve sempre uma abordagem inicial do tema, normalmente com o manual, e, de seguida, a sua exploração sob diferentes formas como referido anteriormente, isto é, através de pequenos jogos, experiências, entre outros.

“Para a realização das atividades ao longo da semana foram sempre tidas em conta o feedback e intenções da professora titular de turma, sendo que, apenas a parte mais lúdica e os fios condutores das atividades foram pensados por mim indo sempre ao encontro do que foi pedido pela mesma.” (Registo Observação Diária, 9 janeiro de 2018)

Os objetivos principais deste projeto eram o de proporcionar novas experiências às crianças; desenvolver o raciocínio lógico; promover a autoconfiança e apresentarmos e refletirmos sobre a utilidade de materiais didáticos bem como os seus produtos. A avaliação do projeto baseou-se através de registos fotográficos, registos audiovisuais, observação direta e grelhas de observação.

Neste projeto iremos destacar duas atividades de áreas curriculares diferentes, nomeadamente uma de Português e uma de Matemática. A primeira atividade intitulou-se “O Inverno” (Anexo VI) e surgiu através de uma história intitulada “O Sapo no Inverno”, visto que era esta a estação do ano em que nos encontrávamos a estagiar. Nesta mesma atividade acabamos por abordar conteúdos de português, nomeadamente o domínio da oralidade e a iniciação à educação literária, bem como de estudo do meio os aspetos físicos do meio local. Após os chefes distribuírem os cadernos diários e de todas as crianças escreverem a lição nos mesmos começamos a aula por perguntar qual era a estação do ano em que estávamos. Posto isto, explicou-se ao grupo o que iriam fazer naquela aula, nomeadamente que íamos contar-lhes uma história e mostramos-lhes o livro em dois suportes: o livro em papel e o livro digital exposto no quadro interativo para que todas as crianças pudessem ter um melhor acesso ao mesmo. Antes, durante e após a leitura fizemos diversas questões onde perguntámos, primeiramente, em que dia tinha começado o inverno, o que é que ia acontecendo ao longo da história, definições de algumas palavras que as crianças não conheciam, entre outras. Como na história falava-se do guarda roupa que a personagem utilizava, bem como os alimentos mais consumidos por ele no inverno, no final da história perguntou-se às crianças quais as características sobre o tempo meteorológico da estação em que estávamos bem como as roupas e frutos/ comidas da época. Em seguida, explicamos que iríamos elaborar um cartaz sobre as características do inverno e, para isso, colocamos sobre o quadro a giz quatro nuvens de cartolina “vazias” cada uma com uma categoria (Vestuário; Frutos; Comidas/Bebidas; Clima), sendo que, seriam as crianças que teriam que as preencher depois de ser feita a distribuição de 26 palavras, uma para cada criança (Figura

13). Enquanto isso, as crianças tinham uma ficha à sua frente com igualmente quatro nuvens para irem apontando todas as palavras que iam sendo colocadas nas nuvens do quadro, quando terminaram, colaram no seu caderno diário de modo a ficarem com um registo sobre o que foi abordado em aula (Figura 14). Depois da atividade e das crianças colarem a ficha no seu caderno diário, colocamos papel de cenário sob um conjunto de mesas para todos poderem colar as nuvens no mesmo bem como elaborar o título (Figura 15). No final, falamos sobre o que aprenderam de novo e o que gostaram mais sendo que, neste exercício as crianças explicaram que gostariam de ter tido mais palavras para colocar nas nuvens e que tinham gostado muito de ouvir a história.

“Os próprios alunos no início deste dia ficaram extremamente contentes por ouvirem uma história e inclusive referiram que só ouviam histórias connosco (Estagiárias) lá.

Percebi desde logo que a turma não estava, de todo, habituada a ouvir histórias, nem a trabalhar em grupos de forma mais lúdica, daí que achei sempre importante realizar atividades diferentes, dentro do que era possível.” (Registo Observação Diária, 9 janeiro de 2018)

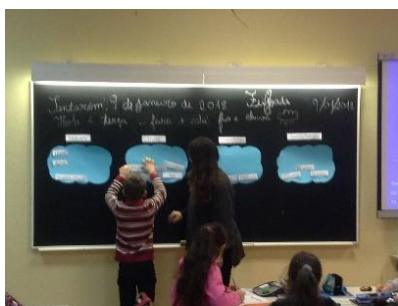


Figura 13- Criança a colocar uma palavra na nuvem a que pertence a mesma.

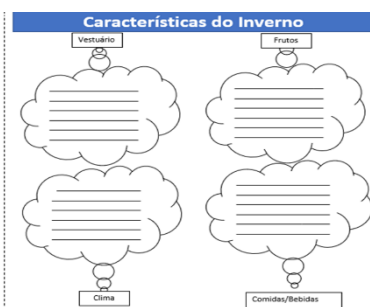


Figura 14- Ficha para escreverem o que foi posto nas nuvens e colarem no caderno diário.



Figura 15- Resultado final.

A segunda atividade que escolhemos chama-se “Jogo do Banqueiro” (Anexo VII), é uma atividade de matemática onde foi possível trabalhar números e operações. Os objetivos matemáticos deste jogo eram o de conseguirem descodificar o sistema de numeração decimal, fazer contagens agrupadas de 10 em 10. Para além disso, o trabalho em grupo era um dos objetivos desta aula, visto que esta turma não estava habituada a trabalhar em grupo e que as crianças não sabiam partilhar ideias umas com as outras.

Antes da realização do jogo, começamos por fazer uma breve revisão sobre toda a matéria lecionada ao longo das semanas como a multiplicação; centenas, dezenas e unidades; dezenas e centenas mais próximas e as sequências repetitivas com exemplos no quadro tendo os alunos que ir ao mesmo completar. Posteriormente, organizamos a sala e forma vários grupos (4) para jogarem o jogo do banqueiro.

Este jogo deve ser jogado por 6 elementos em cada um dos grupos (Figura 16). Sendo que, cada grupo deve nomear quem será o banqueiro, ou seja, quem será responsável pelo material. Cada um dos restantes elementos do grupo, na sua vez, lança os dois dados e pede ao banqueiro um número de palhinhas igual à soma dos pontos indicados pelos dados.

Sempre que cada um dos jogadores conseguir obter dez palhinhas dirige-se ao banco para as trocar por um grupo de palhinhas correspondentes (Figura 17). No final dos lançamentos (até existir palhinhas) os alunos devem registar as suas pontuações (total de palhinhas, quantos grupos de 10 palhinhas obterão, quantas individuais obterão) numa tabela. Ganha o aluno que obtiver maior pontuação e será este o próximo banqueiro na próxima ronda.

Nesta atividade, por mais uma vez, poderia ter corrido melhor caso o tempo de aula não tivesse sido ocupado com revisão e consolidação de matéria. As crianças nesta atividade voltaram a dar um bom feedback, mas sempre lamentando que estas atividades (mais lúdicas) duravam muito pouco tempo.

“Como tínhamos que continuar a dar matéria ou a fazer consolidações, para tornar a semana um pouco mais “apelativa” decidi levar alguns jogos para o grupo. Senti que eles apreciaram bastante, principalmente o Jogo do Banqueiro porque eu disse-lhes que as palhinhas equivaliam a dinheiro. Gostava de ter tido mais tempo para fazer estes jogos. Normalmente, os jogos tinham que vir sempre depois de uma ficha e às vezes já não sobrava muito tempo para os mesmos. Como na semana passada eles já tinham referido que gostavam de ter mais tempo para fazer os jogos, as fichas que realizei para eles não exigiam muito tempo, eles próprios comentaram várias vezes que as fichas estavam muito acessíveis. Fiz isto com essa intenção, intenção de conseguir aproveitar mais tempo para jogar com eles.” (Registo Reflexão Semanal, 16 a 19 de janeiro de 2018)



Figura 16- Banqueiro a distribuir palhinhas pelos colegas.



Figura 17- Crianças em grupo a contar as palhinhas.

3.6. Percurso de Aprendizagens Profissionais em 1.º Ciclo do Ensino Básico – (2.º ano)

Embora já tivéssemos estagiado em 1.º Ciclo (duas semanas de observação na licenciatura), nunca tínhamos realizado planificações para este público-alvo e, para nós, seria este o maior desafio, isto é, de conseguirmos ir ao encontro dos objetivos a que nos propúnhamos, de fazermos uma avaliação coerente e pormenorizada das atividades, de motivar os alunos para as atividades, de gerir o tempo de aula, de arranjar estratégias para períodos de maior concentração nas aulas, arranjar outras atividades caso os alunos acabassem mais cedo do que o previsto aquilo que estava planificado, entre outros. Ao longo dos estágios que realizamos no presente mestrado a nossa maior dificuldade foi em arranjar objetivos adequados para as atividades que iríamos realizar. Neste, foi em arranjarmos

metodologias de avaliação para as atividades. Ao longo das atividades realizávamos imensos diálogos com as crianças, isto é, antes, durante e após as atividades para receber um feedback ou sobre os conhecimentos prévios das mesmas, ou sobre as suas maiores dificuldades ou sobre o que tinham aprendido e este momento que criamos com as crianças acabou por se tornar o maior instrumento de avaliação para as nossas atividades acabando por trazer também benefícios em relação à nossa proximidade para com as crianças. Ao longo destes diálogos em grande/pequeno grupo ou até, individualmente percebemos que este acabava por ser uma consolidação das atividades realizadas ao longo do dia.

A professora titular da turma realizava, maioritariamente, um ensino por transmissão não dando assim a oportunidade às crianças de experimentar, criar e descobrir por si mesmas as respostas sobre certos assuntos. Embora a docente tentasse dialogar com as crianças, era sempre num reduzido espaço de tempo pois tinha que prosseguir com a aula e cumprir o programa. Tendo tido a oportunidade de observarmos a prática da professora cooperante e nos defrontado com esta realidade sabemos que muitas vezes, por muito que se queira, é difícil de contornar esta situação. Ao longo das nossas intervenções percebemos o grau de exigência em planificar para o 1.º ciclo, temos que ter tudo muito bem delineado e, por vezes, na prática as coisas não acontecem como estávamos à espera. Aquilo a que nos propúnhamos com o projeto incidia em levar para a turma materiais novos onde pudessem ser criativos e aprender ao mesmo tempo com isso e incluir as opiniões das crianças. Realizar uma planificação onde tenha todos estes objetivos não foi tarefa fácil, mas ainda assim tentamos ao máximo ser profissionais e levar para a prática as várias sugestões dos nossos docentes no decorrer do mestrado.

Infelizmente, fomos para estágio numa altura em que as crianças estavam no final do período e onde haviam imensas atividades sobre o Natal para realizarem, por isso, nem sempre foi possível conseguir uma abordagem diferente em aula ou seja mais lúdica pois a própria professora cooperante era exigente nos tempos a que nos propúnhamos a uma atividade e tínhamos que levar sempre quase tudo pronto para que não tivéssemos que estender nenhuma aula ocupando outra. Ora, toda a azafama de ter que organizar, planificar as aulas e ainda construir os materiais quase todos para as aulas levaram a que neste estágio tenhamos aprendido pelo menos duas coisas. A primeira, que trabalhar em cooperação é fundamental para o nosso sucesso profissional e a saber gerir o nosso tempo. Este estágio foi o primeiro em que nós, em cada disciplina, tínhamos diversas coisas para fazer em simultâneo. Tínhamos sempre, era quase uma regra, que utilizar o manual e após o manual, tínhamos que utilizar as páginas dos cadernos de atividades e de apoio que falassem sobre os temas que estávamos a abordar e, só depois, é que trabalhávamos o lúdico. Na primeira semana, foi muito complicado gerir tanta coisa ao mesmo tempo até porque a professora cooperante fazia questão que utilizássemos os manuais, mas também queria que realizássemos atividades mais lúdicas e, como é óbvio, nem sempre isso acontecia mas

acreditamos que a prática encarregar-se-á de nos auxiliar com estas questões, relativamente a algumas inseguranças já referidas ou aos métodos de avaliação ou em seleccionar estratégias que sejam aplicáveis consoante as individualidades do grupo.

Com esta turma em específico, sentimos várias vezes a necessidade de falar mais alto, pois havia muito barulho na sala. Esta situação foi mais visível na primeira semana de intervenção quando os alunos ainda estavam sentados por grupos e não estavam habituados a trabalhar como tal. Através desta situação, sentimos a necessidade de perceber como é que se pode contornar esta situação sem ter que recorrer ao aumento da voz. Através de algumas pesquisas, achamos que seria interessante recorrer, nestas situações, a um “Semáforo dos Ruídos” na sala, ou seja, o objetivo é deixar o semáforo sempre na cor verde e, sempre que este atingisse a cor vermelha seriam dadas tarefas a todos os alunos mesmo que só uns é que tivessem feito barulho. O objetivo seria de fazer com que todos os alunos se sintam confortáveis, que possam disfrutar de momentos de silêncio para poderem trabalhar de forma positiva.

Em suma, seria uma ótima oportunidade para o meu processo de aprendizagem profissional compreender em que medida o ruído e os comportamentos agitados influenciam de forma negativa a execução das rotinas diárias da turma, sendo que, sabe-se que estas são importantes para o desenvolvimento da criança e que esses comportamentos podem ter repercussões no futuro se não forem tidos em atenção agora.

4. Prática de Ensino Supervisionada em 1.º Ciclo do Ensino Básico – (3.º e 4.º ano)

O estágio, inserido na Unidade Curricular de PES-1º Ciclo- 3.º e 4.º anos (Prática de Ensino Supervisionada em 1º Ciclo no 3.º e 4º ano), teve a duração aproximadamente de sete semanas, sendo a primeira de observação, a segunda de intervenção pontual e partilhada entre o par, as restantes quatro de intervenção intercalada, ou seja, uma semana intervim eu e outra a minha colega de estágio, tendo a última semana sido partilhada entre o par.

4.1. Enquadramento da Instituição

A instituição onde nos inserimos a estagiar situava-se em Santarém, era uma escola de rede pública localizada num contexto envolvente rural onde o nível socioeconómico era considerado mediano.

Ao longo da nossa “estadia”, durante todas as semanas de estágio, conseguimos observar que a instituição tinha particularidades bastante interessantes do ponto de vista pedagógico, nomeadamente, a ligação/contacto e participação dos encarregados de educação na mesma. Ao longo de diversas conversas informais com a professor titular de turma conseguimos perceber que esta ligação/contacto dos encarregados de educação não é “forçada”, isto é, ocorre de forma natural. A nosso ver, depois do contacto privilegiado que tivemos oportunidade de ter com a instituição, turma e professora titular conseguimos perceber que toda esta harmonia escolar existente na instituição se deve não só ao grande e

eficaz trabalho/ abordagem realizada pela coordenadora/professora cooperante da sala onde nos inserimos a estagiar bem como, da localização geográfica onde se insere a instituição.

Efetivamente, esta dedicação por parte da docente e a localização da instituição traz bastantes benefícios para todos, principalmente, para os alunos que acabam por sentir que estão num contexto seguro, próximo do seu, onde podem pedir auxílio a qualquer um dos intervenientes de ação educativa.

A escola num meio rural tem diversas vantagens:

- Permitem utilizar os conhecimentos existentes, subvalorizados, e desenvolver uma sinergia entre a comunidade educativa e os habitantes;
- Utilizar a riqueza do espaço envolvente: história, paisagens, vida cívica à volta de projetos elaborados com a autárquica, as associações, os habitantes;
- Permitem à criança passar do meio familiar para a escola sem rutura do contexto familiar, o que favorece a construção das suas referências e a sua abertura ao exterior.

A escola rural é um meio vivo para a criança e faz parte do seu ambiente;

- Permitem ao professor conhecer bem a criança (na sua globalidade), no seio da sua família, num contexto sociocultural, com o seu passado e com a projeção do futuro, mais ou menos expressa pelos pais;
- Por último, as escolas em meio rural são um elemento essencial da identidade da comunidade. (Jean, 1995, *cit. por* Machado, 2013, p.13)

Para além disso, esta escola tem outra particularidade, partilham de uma cultura de colaboração entre todos, tanto entre relação professor-professor como professor-auxiliar de ação educativa e vice-versa. Todo este apoio e confiança que esta escola estabelece com os elementos que dela fazem parte leva a que ocorram aprendizagens de qualidade (Fialho & Sarroeira, 2012).

As suas valências são: jardim de infância e 1.º ciclo contendo apenas uma turma de jardim e duas turmas de 1.º ciclo onde cada uma dessas turmas de 1.º ciclo contém dois anos de escolaridade, ou seja, 1.º e 2.º ano e 3.º e 4.º ano.

A escola tem resto chão e primeiro piso onde no primeiro poderemos encontrar um refeitório e cozinha, duas casas de banho, uma arrecadação e duas salas (sendo a primeira uma sala de J.I e a segunda a sala de 1.º ciclo com as turmas de 3.º e 4.º ano) e na segunda uma sala de 1.º ciclo com as turmas de 2.º e 2.º ano, uma biblioteca e duas casas de banho. No espaço exterior, o mesmo está também dividido por zonas, onde numa existem baloiços e escorregas, noutro um espaço com areia e no restante espaço são criadas outras zonas onde as auxiliares colocam tapetes e brinquedos à disposição das crianças.

Relativamente à organização do pessoal docente e não docente este é composto por duas professoras titulares de turma, uma educadora e quatro auxiliares de educação. Para além destas, semanalmente e mensalmente a escola recebe outras docentes,

nomeadamente, uma professora bibliotecária, uma professora de oferta complementar, uma professora de apoio educativo, uma professora que leciona a disciplina de música e outra que leciona a disciplina de inglês sendo que, esta última, leciona duas vezes por semana. No total existem inscritos sessenta e oito alunos na instituição onde vinte e dois são de jardim de infância, vinte na sala de 1.º e 2.º ano e vinte e seis na sala de 3.º e 4.º ano.

4.2. Caracterização do Grupo

O grupo era composto por um total de vinte e seis alunos, sendo que, quatorze eram do sexo feminino e doze do sexo masculino. As idades dos alunos estavam compreendidas entre os 8 e os 10 anos de idade onde seis alunos tinham 8 anos, dezassete tinham 9 e três tinham 10 anos de idade. Todo o grupo tem atividades extracurriculares, nomeadamente, AEC (Atividades de Enriquecimento Curricular) à 2.ª, 4.ª e 6.ª feira das 16h00 às 17h00 e AT (atividades lúdicas) todos os dias das 17h00 às 17h30. Para além disso, existem alunos que vão para centros de apoio ao estudo.

Ao longo do estágio tivemos a oportunidade de perceber que o grupo tem preferência nas atividades de expressões desde a plástica à expressão musical. Embora demonstrem uma melhor potencialidade de aprendizagem das áreas de Estudo do Meio, Matemática e Português quando são realizadas aulas mais dinâmicas.

Em relação às características do grupo, este é bastante interativo e participativo nas atividades realizadas, principalmente quando as aulas são dinamizadas através de jogos e experiências. O comportamento, de forma geral, é bastante positivo pois é uma turma bastante calma, trabalhadora e autónoma, favorecendo a gestão do grupo e de tempo enquanto professor. Visto que, existem dois níveis de escolaridade numa só sala, o grupo está dividido em dois, separando os alunos do 3.º ano dos alunos do 4.º ano.

Dentro da instituição o grupo passa, aproximadamente, 8:00 horas dependendo das atividades em que estão inscritos.

4.3. Caracterização da Sala

A sala é uma sala pequena não existindo, segundo a professora titular de turma, mais do que uma opção de organização do espaço tal como se encontrava, ou seja, assim que entramos na sala temos dois espaços distintos onde de um lado (à esquerda) estão os alunos do 3.º ano de escolaridade e do outro lado (à direita) os alunos do 4.º ano ambos com as mesas em formato “U” virados para o quadro. Em cada um dos espaços existe um quadro a giz e armários para guardar os dossiês, manuais escolares e cadernos diários. Apenas no espaço do 4.º ano é que existe um quadro interativo.

Todas as crianças têm à sua disposição, na sua secretária, material de escrita, de pintura e recorte bem como um dicionário. A docente explicou que todo o material estava à disposição das crianças para que não houvesse muita distração por parte dos alunos ao longo

das aulas quando necessitavam de algum material, evitando assim que as crianças se movimentassem dos seus lugares e provocassem “desordem” segundo a titular de turma.

4.4. Organização do Tempo Pedagógico (Rotina)

	Dias da Semana				
Horas	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
09:00	Português	Matemática	Português	Matemática	Português
10:00					Apoio Estudo
10:30					
10:30	Intervalo				
11:00	Matemática	Inglês	Expressões	Português	Expressão Musical
11:30			Oferta Complementar		
11:30		Apoio ao Estudo			
12:00					
12:30	Intervalo				
12:30	Almoço				
14:00	Estudo do Meio	Português	Matemática	Estudo do Meio	Matemática
14:30				Inglês	
14:30					Apoio ao Estudo
15:00					
15:30	Intervalo				
15:30	Intervalo				
16:00	AEC	Estudo do Meio	AEC	Expressões	AEC
17:00					

Quadro 4- Horário da Turma de 3.º e 4.º ano.

Nota: As atividades de enriquecimento curricular (AEC) não eram obrigatórias.

Assim que as crianças entrassem na sala e se sentassem nos seus lugares, a professora distribuía os cadernos diários e um aluno de 3.º e outro de 4.º (não havia uma ordem, a professora dizia um nome aleatório) pedia para escreverem a lição no quadro e depois cada uma das crianças passava para o caderno diário. Depois de cada um dos grupos tanto de 3.º como de 4.º ano escreverem a lição (a lição era apenas a localidade, nome da escola e data) passavam à correção dos trabalhos de casa (pois todos os dias existiam trabalhos de casa). Caso a professora quisesse primeiro corrigir os trabalhos de casa das crianças do 4.º ano, deixava os de 3.º a fazerem trabalho autónomo, como uma leitura silenciosa ou uma ficha com contas sobre matéria que já soubessem, por exemplo. Assim que a professora acabasse a correção dos trabalhos de casa do 4.º ano, dava às crianças do 4.º ano trabalho autónomo (que dependia da área de conteúdo que quisesse trabalhar com eles) e ia ter com as crianças do 3.º ano corrigir os seus trabalhos de casa e o trabalho que tinham estado a fazer.

Tal como é visível nesta breve descrição acima sobre a rotina destas duas turmas, é possível verificar que muitas vezes a ordem das disciplinas que aparecem em cada um dos dias da semana no **Quadro 4** não era a mesma todos os dias, isto é, ia dependendo daquilo que a professora tinha para lecionar, bem como de como lhe dava mais jeito para poder estar com os dois grupos. É por isso que, embora de manhã a professora lecionasse sempre português e matemática, nunca as duas turmas estavam a fazer português ao mesmo tempo nem matemática. Pois a docente achava que confundiria mais os alunos e a própria pois podia se enganar na explicação aos grupos.

À segunda, quarta e sexta-feira a turma terminava o seu dia de aulas às 15:30h enquanto que à terça e quinta-feira saíam às 17:00h pois nestes dois dias a turma tinha aula de Inglês, dado por outra professora que não a titular de turma, acabando assim por ficarem com o horário mais alargado nestes dias. Para além disso, a turma tem no seu horário apoio ao estudo à terça e sexta-feira sendo que era a professora titular que dava esse apoio consoante as necessidades dos grupos. À quarta-feira apenas os alunos do 4.º ano têm a disciplina Oferta Complementar lecionada também esta por outra professora.

Por fim, à sexta-feira toda a turma tinha expressão musical às 11:00h com outra professora que não a titular de turma. No horário desta turma é possível verificar que as disciplinas com menos carga horária são a de Estudo do Meio e Expressões e são as que as crianças mais interesse mostram quando fazem.

4.5. Projeto de Intervenção

Após o contacto enquanto observadoras da dinâmica dos grupos (3.º e 4.º ano), da organização do espaço bem como do tempo (rotina) fomos tentando perceber que projeto se poderia enquadrar no mesmo, visto que, eram grupos bastante autónomos.

Ao longo de várias conversas com a professora titular de turma e depois da recolha de dados e informações que enquanto estagiárias precisávamos para integrar no nosso portefólio de estágio, surgiu o tema: *"Os diferentes tipos de trabalho em sala de aula: individual; a pares e em grupos."* pois a docente referiu que sozinha, tornava-se um desafio realizar atividades e/ou tarefas mais dinâmicas com ambos os grupos. Depois de conversarmos, enquanto par de estágio, achamos que seria possível implementar os diversos tipos de trabalho pois seríamos três pessoas na sala.

Este projeto teve como intuito chegar a todas as crianças através de atividades dentro e fora da sala de aula, tendo os momentos tanto de trabalho individual, como também em grandes e pequenos grupos.

O principal objetivo deste projeto era que as crianças compreendessem as diferenças existentes no trabalho realizado sozinhos e acompanhados, fazer compreender que a cooperação e a partilha/troca de informação e saberes são muito importantes no trabalho em grupo. A nossa intenção, com este projeto, foi de inserir as crianças em diversos grupos da turma, alternando estes mesmos grupos em todas as atividades para que houvesse uma

maior diversidade e contacto com qualquer um dos elementos da turma de modo a que as crianças compreendessem que existem diferenças como por exemplo, basta uma criança não ter tanto contacto com outra que isso irá logo influenciar o trabalho bem como quando os grupos são feitos com elementos que à posteriori já se conhecem bem e são amigos, por isso, com este projeto tentamos ultrapassar esses estereótipos.

Este projeto trabalha a cooperação, o respeito pelo outro, saber ouvir e aceitar as opiniões dos outros, o que para nós era muito importante pois é algo que terão que realizar ao longo da sua vida, por isso, ao começarem desde já a saber trabalhar em equipa com qualquer colega de é uma mais-valia para o seu futuro.

A avaliação deste projeto foi realizada através de registos fotográficos, registos audiovisuais, diálogos no final das atividades bem como o registo sobre quanto é que davam à atividade (de zero a cinco pontos) e a justificação para essa avaliação.

De entre as variadíssimas atividades realizadas com ambos os grupos, iremos realçar duas. A primeira foi uma atividade de matemática realizada em grandes grupos, portanto, tanto a turma de 3.º ano como a de 4.º ano trabalharam com os mesmos materiais embora com conteúdos mais apropriados para cada um dos anos e a segunda foi uma atividade realizada com toda a turma sobre a Educação para a cidadania pois aproximava-se o dia da criança.

A primeira atividade chama-se “Quiz DocRobô” (Anexo VIII) os objetivos eram a leitura de representações decimais de números naturais, ou seja, leitura por classes e por ordens e decomposição decimal de números e o cálculo mental tanto de multiplicações como divisões inteiras para além disso outro dos objetivos era o de trabalharem em equipa/grupo. A avaliação desta atividade foi feita através da observação direta, isto é, o envolvimento e participação dos alunos na atividade, o diálogo com os alunos e entre os alunos, o questionamento ao longo da tarefa e registos fotográficos.

“Fiquei muito animada com o resultado desta semana pois sei que os alunos gostaram das atividades e que acima de tudo aprenderam. Ao longo de toda a semana fiz sempre questão de conversar em grande grupo com os alunos depois das atividades para que dessem um feedback de como tinham corrido, se tinham gostado e se tinham aprendido coisas novas.”
(Registo Reflexão Semanal de 15 a 18 de maio de 2018)

Antes de iniciarmos a aula, pedimos ao grupo de crianças para arrumarem todo o seu material escolar, pois já não iria ser necessário e organizámos em conjunto as mesas da sala para trabalharem em grupos, nomeadamente três grandes grupos. Um grupo com alunos de 3.º ano e dois com alunos de 4.º ano (Figura 18). Para além da explicação oral, visto que as crianças estavam com algumas dúvidas, expusemos no quadro a giz todas as regras para a realização da atividade. Como esta atividade era um jogo de tabuleiro onde iriam utilizar um robô, tivemos que explicar no quadro como é que se programava o robô para se deslocar para a frente e para trás consoante o número que saísse no dado. Em cada equipa havia um

elemento escolhido para ser o leitor das perguntas dos cartões do jogo sempre que as crianças passassem no tabuleiro por um desafio (Figura 19) enquanto que os restantes elementos da equipa tinham que jogar e responder aos desafios. Em cada tabuleiro de jogo existiam duas equipas com 4 e/ ou 5 elementos cada uma. Em cada tabuleiro de jogo estava assinalado qual é que era a casa de partida e a de chegada do jogo. Como apenas existia um robô por cada tabuleiro, as equipas depois de jogarem tinham que colocar um pino (escolhido antes de iniciarem o jogo) para identificar onde cada um parou na última jogada. A equipa que começava a jogar era sempre aquela que quando lançasse o dado saísse o número maior de casas e por último jogava a equipa com menos pontuação no lançamento do dado. As questões nos cartões eram aleatórias e sobre matemática, sendo que haviam cartões especificamente para o 3.º ano e outras para o 4.º ano (Figura 20).



Figura 18- Grupo de duas equipas com crianças do 4.º ano.

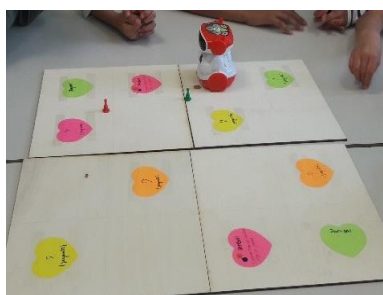


Figura 19- Tabuleiro com desafios assinalados, com o robô e com os pinos de identificação das equipas.



Figura 20- Cartões para os três grupos (3.º e 4.º ano).

A segunda atividade chama-se “Ser criança é...” (Anexo IX) que teve como principal objetivo dar a conhecer os direitos das crianças e de promover a identificação de necessidades das crianças. A avaliação desta atividade foi feita através da observação direta, isto é, do envolvimento e participação dos alunos ao longo da aula, o diálogo com as crianças bem como o questionamento antes, durante e após a tarefa e ainda registos fotográficos.

Antes de iniciarmos a atividade começamos por perguntar ao grupo qual é que era a data comemorativa eu nos aproximávamos, nomeadamente o dia da criança. Posto isto, explicamos que iríamos construir um “estendal” com a opinião de cada criança escrita numa cartolina sobre o que para elas significa ser criança. A cada criança foram distribuídas cartolinas sob diversas formas (mãos, corações e estrelas) para que cada uma das crianças escrevesse o que para ela era ser criança. Depois de escreverem as suas frases nas cartolinas poderiam decorá-las e pintá-las com outros materiais (Figura 21). Depois deste exercício, mostramos ao grupo um vídeo⁷, realizado por colegas a frequentar a licenciatura em Educação Social na ESES, sobre alguns dos direitos das crianças. No final, houve um diálogo com os alunos sobre aquilo que escreveram nas cartolinas com aquilo que ouviram

⁷https://www.youtube.com/watch?v=IxtQzrlEphc&list=PLDX+J_DugruZWGDeVbkQqj3E9J6KO5c4&t=0s&index=2

no vídeo e pediu-se a cada uma das crianças para apresentar à turma aquilo que escreveram nas cartolinas e a sua justificação. Depois deste momento, todas as crianças foram colocar, à vez, no estendal, as suas cartolinas com as suas frases/ opiniões (Figura 22).



Figura 21- Cartolina já decorada e com a frase.



Figura 22- Resultado final (Estendal).

De uma maneira geral, em qualquer uma das atividades os alunos foram sempre muito ativos na sua concretização e sempre muito atentos e empenhados nas suas tarefas. Era uma turma bastante trabalhadora e autónoma o que acabou por ser um benefício para nós para implementarmos cada vez mais atividades diversificadas.

“Os alunos estavam, de forma geral, bastante participativos e entusiasmados com qualquer uma das atividades propostas, talvez por saberem que seria a nossa última semana de intervenção. Interligando com o dia da criança e com os direitos da criança, tentamos levar para o grupo uma atividade onde todos pudessem participar e intervir de forma ativa na construção de materiais e no debate de ideias. Esta, para mim, foi a atividade mais interessante do ponto de vista pedagógico utilizada em estágio. Inconscientemente as crianças acabaram por escrever o que para elas era ser criança sem sequer interligarem com os seus direitos. Depois de visualizarem o vídeo sobre os direitos das crianças, quando foram apresentar as suas ideias/frases que tinha escrito para colocar no cartaz, automaticamente interligaram o que tinham escrito com os direitos visualizados no vídeo”. (Registo Reflexão Semanal de 29 de maio a 1 de junho de 2018)

4.6. Percurso de Aprendizagem Profissional em 1.º Ciclo do Ensino Básico – (3.º e 4.º ano)

Ao longo dos vários estágios realizados, existiu cada vez mais a preocupação e cuidado na comunicação com os grupos pois sabíamos que era um elemento fundamental para a nossa relação com os mesmos. Sem dúvida que as relações que estabelecemos com as crianças, bem como o contrário, levaram a que a nossa integração e a nossa postura em frente aos grupos fossem vistas não como superioridade, mas como alguém que está lá para os ajudar, incentivar e tornar as aulas apelativas.

Todos os seminários assistidos ao longo do mestrado e todos os conhecimentos a nós transmitidos sobre a construção de planificações, estratégias e atividades e/ ou sequências

de atividades (*STEM*⁸) foram de extrema importância para que a nossa prática tivesse em conta uma pedagogia diferenciada.

Enquanto futuras profissionais de educação, cada vez mais, temos que estar a par das mudanças da nossa sociedade e dos métodos de ensino e acreditar que será para um futuro melhor.

Após realizarmos algumas atividades com ambos os grupos, tanto de grupos como a pares ou individual, contrariamente a todas as dificuldades sentidas no semestre passado, sentimos apenas dificuldade, novamente, na escolha e construção de instrumentos de avaliação que nos permitissem realizar uma avaliação coerente dos trabalhos de cada criança mesmo que estes tivessem sido realizados em grupos.

O único aspeto que me suscitou alguma inquietude após a realidade observada, está relacionado com o facto de a professora lecionar, maioritariamente, os conteúdos de Matemática, Estudo do Meio e Português, a própria afirmou que raramente realizava atividades relacionadas com as expressões por não ter tempo devido aos extensos programas e, tal como já fomos abordando ao longo de todo o nosso percurso académico, é possível interligar todas as áreas do currículo. Esta situação já foi observada anteriormente e penso que isto prende-se não só com o facto de os programas serem extensos, mas também pelo professor ter receio de ser criativo pois ser-se criativo é difícil, exige mais trabalho e exige muito tempo pessoal. Para além disso, trabalhos onde existam transversalidade de saberes por norma estão associados ao trabalho em grupo que, por sua vez, acaba por gerar mais ruído em sala de aula.

Visto que, iniciamos o estágio durante um período escolar onde existem fichas intercalares e sumativas, tivemos que planificar de acordo com a matéria que a professora cooperante já tinha lecionado ao longo do 3.º período, para realizar revisões da matéria bem como consolidação da mesma com os alunos.

Dadas as circunstâncias, desde de que nos apercebemos desta situação, tentamos ao máximo levar para o grupo atividades mais práticas e lúdicas onde as crianças pudessem aprender através da manuseação de materiais.

Ao longo da realização estágio foi bastante perceptível compreender a mais valia na utilização de materiais diversificados e tecnológicos nas aulas, não só pelo despertar do interesse e curiosidade dos alunos nas atividades bem como no melhoramento e consolidação de conteúdos programáticos (Masson, Miranda, Jr., & Castanheira, 2012).

A iniciação à robótica, por exemplo, surpreendeu bastante pela positiva porque através de um robô podemos trabalhar variadíssimas áreas do currículo. No nosso caso em utilizamos

⁸ *Science, Technology, Engineering, and Mathematics*- É um programa educacional para desenvolver as ciências, tecnologia, engenharia e matemática nas crianças desde o pré-escolar até ao secundário-.

o *DocRobô* para consolidar conteúdos matemáticos tanto para o grupo de 3.º e de 4.º ano, sendo que, estes conteúdos foram abordados de forma transversal e vertical (pois haviam perguntas sobre o programa de 2.º ano) aos conteúdos programáticos.

Através desta atividade foi possível verificar que os alunos aperfeiçoaram e aprofundaram os seus conhecimentos em relação ao sentido de orientação espacial, cálculo mental e na leitura de questões e interpretações das mesmas.

Depois de observarmos a dinâmica e a gestão do grupo por parte da professora, e perante o projeto de estágio a que nos propusemos para implementar com a turma, tentamos, nas nossas planificações, integrar atividades de carácter aberto e flexível às necessidades dos grupos. Perante todos os diálogos realizados com as crianças e questões realizadas às mesmas ao longo da realização das atividades, percebemos que os objetivos a que nos propúnhamos na planificação estavam a ser cumpridos. O nosso objetivo principal era de realizar os três tipos de trabalho, que realizamos e para além disso ainda consideramos nas nossas planificações a transversalidade de conteúdos. No trabalho em grupo embora houvessem algumas divergências entre as crianças como por exemplo, o não aceitarem a opinião do outro; haver sempre uma que não colabora no trabalho como os outros e existirem diferentes personalidades e ritmos de trabalho, acabou por trazer bastantes benefícios porque permitiu-nos conversar e ouvir a opinião dos vários grupos onde isto acontecia, tentando explicar que na vida temos que saber lidar uns com os outros e que nenhuma opinião das crianças está mais correta do que a outra. Para nós, embora existam algumas ocorrências menos favoráveis na elaboração de atividades em grupo estas mesmas situações podem servir como mediador da aprendizagem e permitem que os alunos mais inibidos socializem com outros elementos do grupo e o interesse pela descoberta e pesquisa é estimulado (Pereira, 2014).

Uma das estratégias que levaremos como uma grande aprendizagem ao longo da realização deste estágio foi, sem dúvida, a flexibilidade horária realizada pelo/a professor/a cooperante. Este era um dos aspetos que se pretendia investigar através da questão principal deste relatório, isto é, compreender em que medida existe uma flexibilização sobre a organização do tempo pedagógico de forma a poder respeitar os ritmos e necessidades das crianças. Foi bastante perceptível que o/a docente desta turma não se inquietava caso no horário da turma a primeira aula fosse de matemática e tivesse que lecionar português ou o contrário. O/A professor/a não fazia uma separação total em relação aos conteúdos a lecionar afirmando que isto beneficia as aprendizagens dos alunos pois a matéria não é compartimentada. Para além disso, outra grande aprendizagem foi a realização de planificações para dois níveis de escolaridade bem como a gestão e organização de tempo feita para conseguirmos lecionar as duas turmas ao mesmo tempo.

Assim, todo este processo pelo qual nós passamos enquanto mestrandas serve como uma ponte entre a teoria e a prática, ou seja, entre as aulas que nos são lecionadas para com

aquilo que nos podemos vir a deparar. Muitas vezes deparei-me com situações onde nem sempre era possível lecionar todos os conteúdos planeados no tempo certo para uma determinada área de conteúdo, ou devido aos ritmos das crianças por precisarem de mais tempo na realização de atividades ou por precisarem de um aprofundamento sobre o tema que se está a lecionar, tendo então que existir algumas alterações e utilizações de novas estratégias para uma construção consciente da nossa prática.

5. Percurso Investigativo

Ao longo do meu percurso académico surgiu a questão - “A organização do tempo pedagógico respeita o ritmo de aprendizagem das crianças?”, que visa uma investigação sobre a organização da rotina diária em contexto de creche, jardim de infância e 1.º ciclo do ensino básico. A intenção desta investigação passa por compreender em que medida esta organização respeita e tem em conta as necessidades das crianças, nomeadamente, o ritmo de aprendizagem e o bem-estar das mesmas pois, caso contrário, “As rotinas podem tornar-se uma tecnologia de alienação quando não consideram o ritmo, a participação, a relação com o mundo, a realização, fruição, a liberdade, a consciência, a imaginação e as diversas formas de sociabilidade dos sujeitos nela envolvidos.”(Barbosa, 2000)

Para aprofundar esta questão através de um processo de investigação, tornou-se fulcral a realização de todas as práticas de ensino supervisionadas no mestrado nas diferentes valências. O tema do relatório surgiu tendo em conta, não só, a Prática de Ensino Supervisionada em Creche realizada no mestrado, como de todas as outras práticas efetuadas ao longo da licenciatura. Embora não fosse a primeira vez que tivemos a oportunidade de realizar uma prática de ensino supervisionada em contexto de pré-escolar e 1º Ciclo, foi a primeira em que realizamos um estágio em contexto jardim de infância bem como, com uma turma mista de 3.º e 4.º anos com idades compreendidas entre os 8 e os 10 anos e verificamos que o assunto da organização do tempo pedagógico para além de estar muito implícito a partir das valências de creche e jardim de infância, apresenta-se, de acordo com as opiniões dos/as educadores/as e professores/as, com bastante importância no contexto de 1.º ciclo. Ao querer abordar o tema, articularemos o mesmo com as rotinas, construção da identidade, da autoestima, da independência e autonomia da criança bem como o envolvimento do/a educador/a e professor/a nos vários momentos.

Como no estágio em creche foi perceptível que muitas das crianças não conseguiam descalçar-se antes de ir para a cama na hora da sesta, o que se propôs nesta altura foi incentivar a criança a fazê-lo sozinho deixando de ser o/a educador/a ou o/a auxiliar a fazê-lo. Dia após dia foi possível verificar que neste momento do dia (que se veio a construir como uma rotina) grande parte das crianças já se descalçavam sozinhas e se as fossemos ajudar muitas diziam que não queriam e que eram capazes de o fazer. Houve então um processo de construção de autonomia neste aspeto, bem como quando se foi gradualmente deixando de dar as refeições à boca das crianças. O que foi possível verificar nestas duas situações em

comum? Que sempre que deixávamos de incentivar a criança, ou seja, de estar envolvidas nestes processos e progressos que a mesma não o fazia sozinha e que hesitava muito no momento de o fazer sozinha caso não estivéssemos presentes.

No caso do estágio em jardim de infância, foi possível verificar que embora a criança tivesse a oportunidade de participar nesta organização e ser eleita a “chefe” do dia e assumir funções, era necessário o envolvimento do/a educador/a, tanto no momento do Registo da Manhã que engloba o Registo das Presenças, o Quadro do tempo, o Registo das Atividades e o Calendário Mensal como em todos os outros momentos da rotina, nomeadamente, as atividades orientadas, as idas ao recreio e à casa de banho e a ida para o refeitório. Em tudo isto, era fundamental para as crianças que o/a educador/a estivesse presente mesmo que quem fosse o “chefe” soubesse quais eram as suas funções. Através da eleição de um “chefe” do dia e de todas as crianças participarem na organização do espaço e dos materiais, trabalharem em grupo e escolherem as atividades que gostariam de realizar, podemos perceber que diariamente era dado a oportunidade às crianças da toma de decisões, de autonomia, de responsabilidade e de se respeitarem uns aos outros.

Realizámos o nosso estágio em contexto de creche numa instituição onde o método pedagógico era o método João de Deus. Quando nos deparamos com este contexto, reparamos que por toda a sala existia a preocupação de expor os diversos trabalhos das crianças, que os materiais e a sua organização estavam em grandes caixas de arrumação empilhadas num canto da sala (pois o adulto é que escolhia quando e quais os materiais para as crianças brincarem) não dando assim a oportunidade de as crianças poderem escolher com o que queriam brincar. Na organização do tempo pedagógico deste método emerge a preocupação pelas relações entre adulto-criança e criança-criança no momento do acolhimento e canções de roda, o cuidado pela higiene das crianças sendo que é o momento com maior ocorrência ao longo do dia, a inserção de temas de vida⁹ de forma lógica para as atividades orientadas. Relativamente ao contexto de Jardim de Infância ao solicitarmos toda a documentação necessária, perguntamos à educadora por que abordagens pedagógicas se orientava e esta respondeu que se guiava por várias. Assim que tivemos a oportunidade de observar a dinâmica e a organização da sala e das atividades diárias fomos à procura de uma abordagem pedagógica que fosse ao encontro destas particularidades. Durante a realização da pesquisa encontramos um modelo que se destacou, a “Pedagogia Participativa”.

Segundo Oliveira-Formosinho (2009),

Uma pedagogia da participação concretiza-se na criação de espaços e tempos pedagógicos onde a ética das relações e interações permite desenvolver atividades e

⁹ Explicado no Capítulo II no ponto 2.2.

projetos que valorizam a experiência, saberes e as culturas das crianças em diálogo como os saberes e as culturas dos alunos. (p.7)

Esta pedagogia considera todos os envolvidos no processo educativo como sujeitos da ação e assenta numa aprendizagem pela descoberta, na resolução de problemas e na investigação. É uma pedagogia centrada na criança, considerando-a como um sujeito ativo. De entre os vários iremos referir alguns dos objetivos desta metodologia, nomeadamente, a promoção do desenvolvimento; o envolvimento no processo de aprendizagem e a construção de aprendizagens. No que diz respeito à avaliação, esta, tal como pôde ser verificada em estágio, centra-se nos processos, valoriza o produto, mas valoriza-se o erro, concentra-se em cada uma das crianças individualmente bem como no grupo e é reflexiva das aquisições e realizações (Brito e Santos, 2011).

No que se refere ao 1.º ciclo, conseguimos perceber que as rotinas tinham semelhanças e diferenças em relação ao pré-escolar sendo que, estas rotinas variam de acordo com a prática e dinâmica que o professor estabelece para com uma turma em específico e com a organização das várias áreas curriculares ao longo de um dia. Através da experiência de estágio em 2.º ano foi possível verificar que o/a professor/a titular da turma tinha em consideração algumas abordagens realizadas através das rotinas utilizadas em contexto de jardim de infância, realizando então uma transição gradual e saudável do pré-escolar para o 1º ciclo com as crianças. Nesta mesma turma, podia-se considerar que existiam três grandes momentos ao longo do dia, ou seja, a receção às crianças e leção dos conteúdos presentes no horário da turma e lanche da manhã, o almoço e o retorno às atividades na sala e a partida dos alunos. Nesta turma continuava a existir os “chefes” que, ao contrário do que foi possível observar em jardim de infância, existiam apenas dois chefes por semana (trabalho em equipa/ autonomia/responsabilidade/cooperação) onde os mesmos distribuíam os manuais, as fichas, diversos materiais, cadernos diários, os leites, a fruta, entre outros. No primeiro momento do dia (manhã), as crianças quando escreviam a lição (nome da escola local e data) faziam, igualmente, um registo do tempo no próprio caderno diário (embora não fosse exatamente igual ao jardim de infância onde apenas o chefe se deslocava a um placard para colocar o tempo). As diferenças observadas em relação à organização do tempo no 1.º ciclo, foi que as crianças têm horas específicas para as várias áreas de conteúdo, que têm horas mais flexíveis para ir à casa de banho (embora seja recomendável que o façam durante os intervalos), enquanto que em creche e jardim de infância existem horas específicas para este momento. Para além disso, não é o professor que os acompanha ao recreio, que os leva para o refeitório (embora tivesse observado na instituição outra docente de 1.º ciclo a fazê-lo), ou que os chama para ir para a sala, neste aspeto têm maior autonomia e já sabem que quando toca a sirene na escola significa que está na hora ou de sair ou de entrar para a sala de aula.

Ao contrário daquilo que observamos anteriormente no estágio em 3.º e 4.º ano, embora a organização do dia passasse também por três grandes momentos, não existiam chefes, era o/a professor/a que realizava a distribuição dos manuais e em relação aos restantes materiais escolares, as crianças, tinham-nos à sua disposição na secretária. A organização do tempo era bastante flexível, sendo que, a docente tinha em consideração as necessidades de aprendizagem dos alunos mesmo que para isso tivesse que proceder a alterações perante aquilo que constava no horário de turma em relação à sequência dos domínios a serem abordados. Era uma turma bastante autónoma devido às práticas da professora titular. Como as crianças apenas levavam os livros para casa caso houvessem trabalhos de casa, sempre que existiam testes eram as próprias que iam buscar os livros que precisassem para o estudo.

A realização de qualquer uma das práticas pedagógicas ao longo do mestrado tornou-se fundamental para compreender que para além da organização do tempo pedagógico de sala ser diferente em creche, no jardim de infância e em 1º ciclo, que esta depende da abordagem pedagógica que é seguida pela instituição, pelo horário letivo de turma ou, neste caso, pela sala (professor/a). Segundo Gomes (2015), embora as necessidades e interesses dos alunos sejam tidos em consideração, são condicionados pelos horários letivos estipulados pela instituição.

De acordo com aquilo que tivemos o privilégio de observar nos diferentes contextos (creche, jardim de infância e 1º ciclo) e instituições conseguimos perceber a importância desta organização para a aprendizagem das crianças principalmente no que se refere à área de formação pessoal e social. A criança ao saber a sequência dos dias e da semana, acaba por ficar mais confiante e segura pois já sabe o que tem que fazer no momento seguinte. Principalmente a partir do J.I para os grupos em que tivemos a oportunidade de contactar, fazia-lhes diferença/confusão caso ultrapassassem alguma etapa do dia. Questionavam-nos sempre que isto ocorria ficando inseguros quanto a estes incidentes e, tal como afirmam (Hohmann, Banet, & Weikart, 1995, p. 81) “Na altura em que as crianças atingem os três ou quatro anos, preocupam-se muitas vezes com o tempo e a sequência dos acontecimentos.”

Dado o nível de maturidade, responsabilidade e autonomia impostas pelo/a professor/a titular de 3.º e 4.º ano, as crianças não questionavam caso houvessem alterações ao longo do dia pois tinham consciência, devido aos diálogos de igual para igual entre adulto-criança que há alterações que por vezes têm que ser feitas em prol do que é melhor para o grupo, nomeadamente quando o adulto altera a disciplina que irá trabalhar naquele dia ou quando surgem atividades vindas do exterior (comunidade/ agrupamento).

Em suma, é possível considerar que todo o processo de aprendizagem profissional evolui muito com o culminar de todas as práticas de ensino profissional realizadas no presente mestrado pois em todos os estágios a questão da organização do tempo e das rotinas

instituídas esteve presente, por esse motivo decidimos aprofundar numa perspetiva investigativa esta questão.

Capítulo II – “A Organização do Tempo Pedagógico- Conceções dos/as educadores/as e professores/as do 1.º ciclo do Ensino Básico”

1. Justificação e Fundamentação do tema

A vontade de investigar e aprofundar este tema adveio, especialmente, tendo em conta a Prática de Ensino Supervisionada em Creche e em Jardim de Infância, realizada no presente mestrado onde nos foi possível verificar que grande parte das aprendizagens das crianças são realizadas através das rotinas. Para abordar este tema torna-se imprescindível perceber o conceito (Rotina) e a sua importância, sendo que para compreender melhor esta palavra torna-se fulcral defini-la primeiro de uma forma generalizada e depois de uma definição centrada na educação de infância e no 1.º Ciclo. De uma forma mais comum, o conceito de rotina está relacionado com algo que é feito sempre da mesma forma, onde o sujeito já sabe como está organizada esta rotina. Por outro lado, poderá ser esta rotina a base para o fomento da segurança para a criança pois a mesma já sabe o que pode vir a acontecer ao longo do seu dia.

Para além disso, é necessário fazer uma breve apresentação sobre os vários tipos de rotina existentes e um exemplo da sua estrutura. Ao longo da Prática de Ensino Supervisionada em creche, deparamo-nos com dois tipos de rotina - diária e semanal. Na primeira, a diária, estão descritos os três grandes momentos do dia: a manhã, que engloba o acolhimento e canções de roda, o lanche da manhã, as atividades orientadas, a higiene e, por fim, a preparação para o almoço; o almoço, onde decorre o almoço/sesta; e a tarde, onde se realiza a higiene e a preparação do lanche, o lanche, o bacio (uma vez que algumas crianças do contexto de creche estavam na fase de retirar a fralda) e a brincadeira livre. Já a rotina semanal, é à base de uma planificação que apresenta as diversas atividades orientadas pela educadora ao longo dos vários dias e que, de uma forma geral, expõe as áreas de conteúdo abordadas. A grande diferença entre rotina diária e semanal é que a diária acaba por proporcionar à criança a capacidade de antever os acontecimentos ao longo do seu dia uma vez que, na semanal, esta previsão não é tão evidente e delineada, apesar de algumas crianças na creche onde estávamos a estagiar, já conseguirem antever a sua ida ao ginásio às 4.ª e 5.ª feiras, mas não a atividade em si proposta pela educadora.

Relativamente às rotinas no 1º Ciclo, estas também têm duas vertentes: diária e a semanal. Na diária, também se pode fazer a divisão do dia em três grandes momentos. No primeiro momento (manhã), é realizada a receção às crianças; a disposição do material necessário na mesa de cada criança; a chamada de presenças; o ajudante do dia; o momento de conversa e partilha; a revisão da matéria dada anteriormente; a apresentação de atividades deste momento; lanche da manhã e recreio e o regresso à sala para continuação de atividades. De seguida, apresenta-se o Almoço, onde almoçam e vão para o recreio. No último momento (Tarde) é o retorno do recreio e regresso a atividades e, por fim, apresentação do

trabalho para casa, caso exista. No que se refere à rotina semanal, esta é elaborada em torno de uma planificação onde são abordadas as várias áreas disciplinares, por norma a Matemática e o Português têm foco maior sendo que são elaboradas no momento da manhã, enquanto que as restantes áreas de conteúdo são à tarde. De acordo com os Programas e Metas Curriculares para o 1º Ciclo é possível visualizar as componentes do currículo bem como a sua carga horária. Assim sendo, de acordo com o Decreto-lei n.º 55/2018- Anexo 1 (a que se refere o n.º 1 do artigo 11.º) o Português e a Matemática têm uma carga horária semanal de 7 horas cada uma, o Estudo do Meio, apoio ao estudo e oferta complementar 3 horas e Expressão Artística e Educação Física 5 horas semanais. Para os 3.º e 4.º anos alteram-se apenas as horas do apoio ao estudo e oferta complementar passando de 3 horas para 1 hora dando ao Inglês duas horas semanais. Tanto as rotinas diárias como semanais são importantes para o desenvolvimento das crianças, sendo esta a principal promotora de autonomia; consciencialização de responsabilidade; de regra e disciplina.

1.1. Questões-Problema e Objetivos

No âmbito deste tema surgiram duas principais questões orientadoras bem como os seus diferentes objetivos a estudar segundo os educadores/as e professores/as, nomeadamente:

- Como é feita a organização do tempo pedagógico (rotina) em pré-escolar e no 1.º Ciclo?
- Como avaliar se a organização do tempo pedagógico corresponde aos ritmos, necessidades e desenvolvimento das crianças?

Os principais objetivos eram o de compreender se a organização do tempo pedagógico difere caso a instituição e/ou educador/a e professor/a utilizem modelos ou pedagogias curriculares e perceber como é que as crianças intervêm nesta organização, ou seja, se as mesmas são tidas em conta para nesta organização.

2. Enquadramento Teórico

Neste subcapítulo serão abordados quatro tópicos, nomeadamente o que se entende por organização do tempo pedagógico, as diferentes formas de organização consoantes as abordagens pedagógicas do educador/a e professor/a, a participação das crianças nas rotinas e as aprendizagens que as crianças poderão adquirir através das mesmas.

Ao longo destes mesmo tópicos serão definidos alguns conceitos essenciais como o que se entende por organização, o que é o tempo, o que se entende por aprendizagem, rotina e participação.

2.1. Organização do Tempo Pedagógico

Nos dias de hoje torna-se bastante usual o questionamento e inquietações por parte dos docentes relativamente à organização do tempo pedagógico¹⁰. Se por um lado os/as professores/as têm que cumprir o programa curricular, por outro têm que cumprir o tempo pedagógico instituído pelo seu estabelecimento e/ou agrupamento de ensino.

Em Portugal já ocorreram diversas alterações ao longo dos séculos sobre estes dois alicerces sem ter em conta a criança como sujeito ativo. É importante repensar em todas estas mudanças para que consigamos alcançar enquanto futuros/as professores/as o nosso sucesso e o das nossas crianças fazendo nós em conjunto com as mesmas a nossa própria organização tempo pedagógico tendo em conta os seus ritmos de aprendizagem e necessidades.

Segundo Silva & Pantoni (2009),

O ambiente de aprendizagem favorável emerge quando o professor é sensível às potencialidades interativas das crianças, às suas falas, aos balbucios, aos gestos, às movimentações e aos modos como se relacionam com o mundo, exigindo-lhe que esteja atento às melhores formas de organização do tempo e atividades para a promoção dessas situações. (p.5)

É fulcral que os/as educadores/as e os/as professores/as tenham em conta todos os aspetos que possam influenciar o sucesso de aprendizagens das crianças e que centralizem a criança como principal ator para esta organização (Oliveira-Formosinho & Araujo, 2013). Intimamente ligada à organização do tempo pedagógico surge a rotina diária e a questão dos horários no 1.º ciclo. De uma forma geral, a palavra rotina, segundo o Dicionário infopédia da Língua Portuguesa (2013-2019) tem como significado: “Caminho já sabido ou habitualmente trilhado; hábito de fazer alguma coisa sempre da mesma maneira; prática constante; aversão às inovações”.

De acordo com as OCEPE (2016):

A sucessão de cada dia ou sessão tem um determinado ritmo existindo, deste modo, uma rotina que é educativa porque é intencionalmente planeada pelo educador e porque é conhecida pelas crianças que sabem o que podem fazer nos vários momentos e prever a sua sucessão, tendo a liberdade de propor modificações. Nem

¹⁰ Relatos pessoais das educadoras e professoras cooperantes.

todos os dias são iguais, as propostas do educador ou das crianças podem modificar o quotidiano habitual. (ME, 2016)

Pelo que podemos verificar até agora, as rotinas assentam numa “(...) repetição de atividades e ritmos de organização espaço-temporal da sala (...)” (Zabalza, 1992, p. 169) No geral, a organização “(...) surge associada à necessidade de criação de um quotidiano ordenado (...) que possibilite aprendizagens plurais. (Oliveira-Formosinho & Araujo, 2013, p. 32)

Para realizarmos a organização do ambiente educativo, quer a nível do espaço-materiais e do tempo é necessário realizar uma introspeção relativamente à planificação ou às rotinas diárias do grupo. Para que haja uma aprendizagem saudável é preciso ter em conta se a nossa prática é flexível, estruturadora e suficientemente clara para atender as necessidades das crianças e assegurar espaço para promover a autonomia e segurança das crianças (Portugal, 2012, p. 605).

Para Oliveira-Formosinho, Andrade, & Formosinho (2011, p. 113) “O tempo pedagógico organiza o dia e a semana com uma rotina diária respeitadora dos ritmos das crianças, tendo em conta o bem-estar e as aprendizagens.” De facto, ao longo dos estágios conseguimos observar que “O tempo educativo tem uma distribuição flexível, embora corresponda a momentos que se repetem com uma certa periodicidade.” OCEPE, (ME, 2016)

Segundo Zabalza (1992, pp. 169-174), existem sete funções na configuração do contexto educativo, associadas à rotina em sala de aula, nomeadamente:

- Marco de referência
- Como segurança
- Captação do tempo
- Captação cognitiva
- Virtualidades cognitivas e afetivas
- Atividades
- Que rotinas convém estabelecer?

Para este autor, as rotinas constituem um *Marco de referência* pois trazem à criança uma estrutura mental sobre como se organizará o(s) seu(s) dia(s) permitindo ao educador que introduza qualquer tema, atividade ou assunto novo. Para este autor, tudo o que já conhecemos à priori, para nós já se trata de um elemento de segurança enquanto que, tudo o que é “desconhecido”, provoca alguma ansiedade. Neste sentido, para as crianças pequenas as rotinas têm um papel fundamental de lhes transmitir segurança pois sabem como fazer e o que têm que fazer ao longo do seu dia. Para além disso, a rotina permite às crianças aprender que ao longo do seu quotidiano escolar, existirão fases, adquirindo posteriormente o nome de cada uma destas fases e a ordem das mesmas. Outra função fulcral das rotinas é

a *Captação cognitiva* que para o autor apenas existe quando as crianças fazem parte do planeamento de atividades. Em algumas tarefas nestas mesmas rotinas/ momentos do dia, isto é, quando é dada à criança a possibilidade de a mesma exercer uma função como a de ajudar na organização da sala e dos materiais chamam-se *Virtualidades cognitivas e afetivas* onde é estimulada a autonomia e da toma de decisões das crianças.

Após a escolha do projeto educativo que o professor pretende desenvolver, este autor (Zabalza, 1992, p. 171) enumera vários tipos de atividades importantes que devem ser incluídas na rotina, sendo então as atividades individuais, em pequeno e grande grupo; atividades realizadas pela criança de forma individual e sem o apoio do/a educador/a bem como o contrário, onde existe a presença e o apoio do mesmo; atividades de relaxamento (momento da sesta) e que impliquem desgaste físico, atividades tanto no interior como no exterior da sala e atividades da limpeza da própria sala, dando responsabilidades e tarefas às crianças.

As rotinas que se devem escolher tem que ir obviamente ao encontro do projeto educativo respondendo sempre aos ritmos e necessidades das crianças existindo sempre o momento do acolhimento, higienização, alimentação, atividades fixas (normalmente orientadas) brincadeira livre e a sesta.

Segundo Hohmann, Banet, & Weikart (1995, p.81) a rotina diária tem três grandes objetivos, nomeadamente o de proporcionar “(...) à criança um processo de a ajudar a explorar, planear e executar projetos e a tomar decisões sobre a sua aprendizagem.”, bem como o de trabalhar de forma coletiva, tanto em grandes como em pequenos grupos e, por fim, de “proporcionar tempo para trabalhar numa grande variedade de ambientes- dentro de casa, ao ar livre, em excursões ao campo, em diversas áreas de trabalho.”

Para estes autores, (Hohmann et al.,1995, pp. 82-84) devem ser proporcionadas às crianças diferentes experiências em cada momento da rotina diária. Para eles, fazem parte da rotina, como elementos principais:

- **Tempo de Planeamento-** São as crianças que decidem, sozinhas, o que vão realizar durante o tempo de trabalho sendo que, após a decisão comunicam ao adulto e o mesmo ajuda-as a começar o seu trabalho.
- **Tempo do Trabalho-** É o momento em que as crianças realizam as atividades pensadas anteriormente onde o papel do adulto é assegurar a assistência às crianças ao longo deste processo.
- **Tempo de Arrumar-** Tal como o nome indica, as crianças reúnem todo o material utilizado para o projeto e arrumam no local mais indicado.
- **Tempo de Síntese de Memória, de refeição ligeira e de pequenos grupos-** Aqui são agrupados estes três pois normalmente acontece em simultâneo. São reunidas entre 5 a 8 crianças numa mesa com o adulto e enquanto comem, falam sobre o trabalho desenvolvido no *Tempo de Trabalho*.

- **Tempo de Recreio ao ar Livre-** Realizam diversas atividades de expressão físico-motora (saltar, correr, rebolar, etc.)
- **Tempo de trabalho de Círculo-** Momentos onde adultos e crianças se sentam em grande grupo para conversar, cantar, tocar instrumentos musicais e fazerem jogos.

Quando falamos em 1.º ciclo, dificilmente associamos a palavra rotina como associamos a mesma palavra ao contexto de pré-escolar, precisamente porque são contextos diferentes onde a organização temporal diária associa-se, fortemente, às áreas de conteúdo previstas no currículo. Com o contacto ao longo dos estágios em 1.º ciclo, verificou-se que a organização do tempo pedagógico embora estanque, devido aos horários e às disciplinas que têm ao longo de um dia e da semana, consegue tornar-se flexível consoante a abordagem pedagógica e gestão do professor em sala de aula. “Uma rotina coerente ajuda as crianças a estruturarem o tempo e a responsabilizarem-se pelas próprias ações.” (Hohmann, Banet, & Weikart, 1995). As crianças ao adquirirem a noção de rotina, possibilita-lhes a noção do tempo e de saber o que poderá vir a acontecer a seguir. Todo este processo leva a que a criança tanto do pré-escolar como do 1.º ciclo se sinta confiante e segura por conhecer a rotina do seu dia-a-dia.

Em suma, enquanto futuros/as profissionais de educação, ao falarmos sobre o tempo pedagógico e a sua organização devemos ter em conta a importância que a mesma transmite para a criança pois:

As rotinas são, como os capítulos, o guião da vida diária de uma turma que, dia após dia, se vai nutrindo de conteúdos e ações. As crianças já sabem o nome de cada fase, sabem o que virá depois, sabem qual é o procedimento para realizar determinadas atividades, etc., e, pouco a pouco, vão-se assenhorando da sua vida escolar, vão-se sentindo competentes e, ao mesmo tempo, vão comprovando vivencialmente como cada vez lhe saem melhor as coisas e sabem melhor o que há para fazer e de que forma resultam, e são divertidas, as tarefas. (Zabalza, 1992, p. 174)

2.2. Abordagens Pedagógicas e a Organização do Tempo

Durante a concretização dos estágios, tivemos a oportunidade de observar diferentes práticas pedagógicas tendo por base os dois modos de pedagogia. Neste seguimento, apresentamos uma breve contextualização relativamente à organização do tempo em duas abordagens pedagógicas, pelo método João de Deus que pertence à pedagogia da transmissão e a Pedagogia em Participação.

O método João de Deus pode ser classificado como uma pedagogia transmissiva por ser um método centrado no/a professor/a, centrado nos produtos e centrado na transmissão dos conteúdos tal como o próprio nome indica. Este método caracteriza-se pelo uso da cartilha

maternal logo aos cinco anos de idade e a partir de um ano até aos cinco pelos Temas de Vida, onde as atividades orientadas regem-se a partir de temas de vida.

A cartilha maternal ou arte de leitura como é intitulada a obra de (Deus, 1876) as crianças em 90 lições estima-se que já saibam ler e escrever, “(...) os alunos aprendem geralmente em 90 lições e o insucesso escolar é quase inexistente.” (in Regulamento Interno para a Valência de Creche no Jardim-Escola João de Deus, 2016, p. 22)

A intenção deste método é a de a criança ir correspondendo as letras que aprende com outras para que desta forma formassem palavras que lhes fossem conhecidas no seu dia-a-dia.

João de Deus (1876) logo nas suas primeiras páginas antes das lições, relata o porquê deste método e como iria funcionar:

Este systema funda-se na língua viva. Não apresenta os seis ou oito abecedários do costume, senão um, do typo mais frequente, e não todo mas por partes, indo logo combinando esses elementos conhecidos em palavras que se digam, que se ouçam, que se intendam, que se expliquem; de modo que, em vez do principiante apurar a paciencia numa repetição banal, se familiarise com as letras e os seus valores na leitura animada de palavras intelligiveis. (p. VII)

Para este autor, seria este o método mais eficaz para as crianças aprenderem, uma vez que, as mesmas poderiam fazer combinações entre letras para que formassem palavras que lhes fossem conhecidas e houvessem um significado coerente.

Nas instituições João de Deus, os momentos das rotinas são iguais podendo existir apenas alguma flexibilização horária dos tempos para cada um desses momentos dependendo do público-alvo em questão e são estes:

- Acolhimento e Canções de Roda
- Hora da Bolacha (lanche da manhã)
- Temas de Vida (Atividades Orientadas)
- Higiene
- Almoço
- Higiene
- Sesta
- Higiene
- Atividades Livres

De uma forma geral, são estes os grandes momentos da rotina em creche no método João de Deus. De acordo com o Artigo 19º do Regulamento Interno das Escolas João de Deus, o acolhimento é essencial para a adaptação da criança na escola. Este é um momento

fundamental na relação entre adulto-criança, criança-adulto e adulto-adulto pois existe o momento de conversa entre os adultos sobre as crianças, favorecendo assim uma familiaridade comunicativa entre ambos bem como o momento em que existe uma interação entre as crianças e o adulto ajudando a construir um ambiente confortável e seguro para as crianças. As canções de roda fazem parte deste momento pois ajudam na socialização entre adulto-criança e criança-criança pois nestas canções as crianças cumprimentam-se e desejam o Bom Dia a todos. Para além dos lanches, da hora de almoço e da sesta a higiene é um dos momentos em que podemos observar que mais vezes ocupa lugar na rotina diária da criança pois trata-se de uma necessidade fisiológica sendo também um momento bastante flexível pois embora existam os momentos de higiene na rotina diária fixa pela sala, vão existindo momentos de higiene entre outros momentos do dia pois as crianças não têm as mesmas necessidades às mesmas horas.

As atividades orientadas surgem sempre através de um tema de vida. Para cada período letivo existem temas, nomeadamente, no 1.º período o tema sobre o Corpo Humano, no 2.º o Reino Vegetal e no 3.º o Reino Animal. Ao longo de cada período são realizadas atividades com as crianças sobre os temas referidos.¹¹

O programa batizado de "Tema de Vida" - que se chamava "Lições das Coisas", no tempo de João de Deus Ramos - contribui, ainda hoje, para o léxico passivo e sobretudo para o léxico ativo da criança. Esta particularidade representa um dos aspetos mais originais da pedagogia de João de Deus Ramos. (in, Regulamento Interno para a Valência de Creche no Jardim-Escola João de Deus, 2016, p. 20)

Por sua vez, segundo Oliveira-Formosinho, Andrade & Formosinho J. (2011, p.72) a Pedagogia em participação organiza o dia da seguinte forma:

- Acolhimento
- Planificação
- Atividades e projetos
- Reflexão
- Recreio
- Momento (inter) cultural- hora de...
- Momento de trabalho em pequenos grupos
- Conselho
- Tempo de partida

¹¹ Informação recolhida em conversas informais com a educadora.

Assim como no método João de Deus surge igualmente a palavra Acolhimento como o primeiro momento do dia nesta pedagogia. Assim como anteriormente, este momento na pedagogia em participação é o momento de receção das crianças, de as acolher e fazer-se sentir seguras do ambiente em que se estão a inserir. Serve também como um momento de reencontro e partilha. Segundo Oliveira-Formosinho et.al (2011), “O acolhimento é um espaço-tempo de reencontro, feito de bem-estar interior, de calma, de serenidade, de comunicação, de empatia.” (p. 74)

No momento da planificação, as crianças reúnem-se com o adulto e em conjunto planificam o seu dia, ou seja, explicam qual serão as atividades ou projetos que gostariam de desenvolver e a sua justificação sendo que o papel do adulto é o de criar um ambiente facilitador das comunicações das crianças, dando a oportunidade para a criança tomar decisões sendo que o momento à posteriori, momento das atividades e projetos, as crianças executam aquilo que planificaram no momento anterior. Após este momento, segue-se o momento de reflexão, onde em grande grupo as crianças comunicam ao adulto o que estiveram a fazer fazendo o adulto, muitas vezes, o registo destes acontecimentos para mostrar às crianças que o que realizaram é valorizado. No momento do recreio as crianças têm a possibilidade de correr, brincar conversar e estar em contacto com a natureza. (Oliveira-Formosinho et al., 2011, pp. 87-88)

No momento inter-cultural é um momento que segundo as autoras deve ser mostrado às crianças objetos artísticos, contos, poemas, culturas, entre outros. De forma promover o contacto com a nossa e outras culturas. O momento do trabalho em pequenos grupos é visto como um “... alargamento das experiências de aprendizagem e a sua sistematização.” (Oliveira-Formosinho et al, 2011, p. 92).

Por último, temos o momento do conselho é um espaço onde é dada a criança a possibilidade de se expressar e explicar as atividades que realizou ao longo do seu dia bem como as suas aprendizagens. “O que fizemos e queremos celebrar, o que não terminámos e queremos terminar, como nos sentimos, como queremos aprender juntos- são a essência desse tempo.” (Oliveira-Formosinho et al., 2011, p.94)

Em suma, enquanto na pedagogia transmissiva “Os objetivos cifram-se, assim, em compensar, escolarizar e acelerar” (Oliveira-Formosinho et al, 2011, p. 99) na pedagogia em participação os objetivos “(...) são os do envolvimento na experiência e a construção de aprendizagem na experiência continua e interativa.” (Oliveira-Formosinho et al, 2011, p.100)

2.3. Participação das crianças nas rotinas: Pedagogia Transmissiva vs. Pedagogia Participativa

Uma estrutura espaço-temporal bem definida e explícita é fundamental, para uma boa familiarização das crianças com o funcionamento da sala de atividades. Só conhecendo bem o espaço-materiais e o tempo é que a criança pode funcionar

autonomamente em relação ao educador, conseguindo participar mais ativamente em todo o trabalho desenvolvido. (Cardona, 1999, p. 136)

A criança tem um papel ativo exercendo várias funções dentro da sala daí que as aprendizagens da criança nas pedagogias participativas “(...) são entendidas como colaboração no âmbito do quotidiano educativo” (Oliveira-Formosinho et al, 2011, p. 100)

Na pedagogia participativa, as palavras e ações das crianças são valorizadas e estas são o principal fator de aprendizagem. Segundo (Oliveira-Formosinho, Lino, & Niza, 2007, p. 16), “A pedagogia organiza-se em torno dos saberes que se constroem na *acção situada* em articulação com as concepções teóricas e com as crenças e valores.”. É a partir daqui que surgem estas duas pedagogias: Transmissiva e a Participativa sendo que, iremos debruçarmo-nos sobre ambas para compreendermos como é que é a participação das crianças que em cada uma delas.

Na pedagogia transmissiva, tal como o próprio nome sugere, é uma pedagogia onde é o docente o centro e detentor de conhecimento (Oliveira-Formosinho & Formosinho, 2017, p. 117) sendo o próprio o único que pode realizar esta ação, a de ensinar e centra-se nos produtos. Os objetivos desta pedagogia focam-se na aquisição de capacidades pré-académicas, em acelerar as aprendizagens e compensar os “*deficits*” (Oliveira-Formosinho et al., 2007, p. 19).

Na opinião de Freire (1996) para ensinar, não é suficiente transferir apenas conhecimentos, para uma boa aprendizagem é necessário que seja dado à criança a oportunidade e o direito de ser ativo na construção da sua própria aprendizagem:

(...) ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem forrar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina ensina alguma coisa a alguém. (Freire, 1996, p. 12)

De acordo com os autores mencionados anteriormente (Oliveira-Formosinho et al., 2007, pp.19-20) existem cinco itens que podem ser comparados em ambos os modos de pedagogia, nomeadamente:

- *Motivação*
- *Actividade da criança:*
- *Papel do professor*
- *Interacção: Professor-Criança; Criança-Criança e Criança Material*
- *Tipos de agrupamento*

Relativamente à *Motivação*, ou seja, como surge a motivação para a realização das atividades e/ou tarefas que as crianças realizam, na pedagogia tradicional (transmissiva) parte sempre, de forma seletiva, pelo professor enquanto que na pedagogia da participação revela-se através do “interesse intrínseco da tarefa” e “motivação intrínseca da criança”. (Oliveira-Formosinho et al., 2007, p. 19). Na pedagogia transmissiva a *Actividade da Criança* passa por evitar o erro, corrigir este mesmo erro e não valorizar estímulos exteriores enquanto que pelo contrário, na participativa, a atividade da criança passa pelo questionamento, por uma planificação, pela experimentação, isto é, experimentar, manipular objetos para a confirmação de hipóteses anteriormente planificadas, investigar, trabalhar em cooperação e resolver problemas daí que no item referente aos *Tipos de agrupamento* exista o trabalho realizado individualmente, em pequenos grupos e em grande grupo enquanto que na transmissiva apenas em grande grupo, ou seja, para toda a turma em simultâneo. É, por isso, que segundo estes autores a *Interação* só é existente na pedagogia transmissiva em relação ao adulto-criança enquanto que na pedagogia participativa esta interação é feita entre todos, mais especificamente, entre adulto-criança, entre criança-criança e entre criança-material.

Por fim, falemos do *Papel do professor* que, enquanto na pedagogia transmissiva é apenas o de transferir informação, avaliar os produtos, ditar objetivos e tarefas, na pedagogia em participação, cabe ao adulto organizar o ambiente, escutar e observar as crianças, planificar, avaliar, formular perguntas, interligar os interesses das crianças à cultura e investigar.

Através desta comparação entre os dois modos de pedagogia é possível verificar que enquanto que num existe uma maior participação do adulto face às aprendizagens das crianças no outro, ambos os intervenientes devem fazer parte da organização do ambiente educativo.

Para Oliveira-Formosinho & Formosinho, (2017):

A Pedagogia-em-Participação vê a criança como portadora de impulsos, interesses e motivações que criam intencionalidade e propósitos, com os quais ela se orienta para o mundo e para ser no mundo com os outros, sentindo e pensando, explorando e comunicando, expressando e narrando. Nesta pedagogia, o respeito pela identidade da criança conduz inevitavelmente à conceção de uma pessoa na escola como partícipe respeitado, ouvido, respondido e, por isso, incluído. (p.122)

Em síntese, depois de ambas as pedagogias terem sido expostas aqui neste tópico, é possível constatar as diferenças que entre elas existem, tanto no que se refere ao papel do adulto, da criança, de como é que são realizadas as suas aprendizagens e como é que são realizadas as interações. Os autores aqui mencionados são da opinião de que os saberes não

devem ser apenas transferidos. Para uma pedagogia respeitadora de ritmos e que tenha em conta o desenvolvimento individual de cada criança é preciso mais do que isso e para Freire (1996) uma aprendizagem só acontece quando:

(...) os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado (...). Só assim podemos falar realmente de saber ensinado, em que o objeto ensinado é apreendido na sua razão de ser e, portanto, aprendido pelos educandos. (p.13)

2.4 Impacto na aprendizagem e desenvolvimento na criança

O desenvolvimento e aprendizagem da criança pequena efectua-se holisticamente e não de uma forma espartilhada em conteúdos ou áreas. São o dia-a-dia, as relações, as experiências, as mudas de fraldas, as refeições, o treino de controlo dos esfíncteres, o jogo... que contribuem para o desenvolvimento intelectual. E estas mesmas experiências ajudam a criança a crescer física, social e emocionalmente. (Portugal, 2000, p. 96)

Neste último subcapítulo procurámos saber como é que as rotinas podem ser facilitadoras de determinadas aprendizagens. Após várias leituras achamos pertinente falar neste subtópico sobre o termo Aprendizagem Ativa mencionada por diversos autores como a base de aprendizagem para qualquer criança.

Segundo Brickman & Taylor (1996, pp. 3-4), "(...) a criança deve ser capaz de construir o seu próprio conhecimento lidando diretamente com pessoas, materiais e ideias." E muitos são os que partilham a ideia "(...) de que as crianças aprendem mais quando são encorajadas a explorarem, a interagirem, a serem criativas, a seguirem os seus próprios interesses e a brincarem." (Brickman & Taylor, 1996, p. 6). O termo aqui exposto apresenta-se como uma aprendizagem que é realizada pela própria criança "(...) em vez de lhe ser apenas « passada » ou « transmitida »." (Hohmann et al, 1995, p. 174).

Para compreender-mos melhor o que significa este termo é importante realçar os quatro elementos que (Hohmann & Weikar, 1997, pp. 22-25) consideram essenciais para que ocorra esta aprendizagem, nomeadamente:

- *Acção directa sobre os objectos;*
- *Reflexão sobre as acções;*
- *Movimentação intrínseca, invenção e produção;*
- *Resolução de problemas.*

Tal como já fomos referindo aqui, esta aprendizagem ativa passa pela ação, ou seja, pelo manuseamento de materiais, sejam eles *objetos, brinquedos, equipamentos ou ferramentas*. Para estes autores (Hohmann & Weikar, 1997) é através desta relação entre a criança e os materiais que a mesma começa a construir aprendizagens básicas. Por outro lado não podemos apenas reconhecer a ação para que ocorra a aprendizagem. Outros conceitos estão interligados ao termo aprendizagem, nomeadamente, a reflexão sobre esta mesma ação. O próximo elemento fundamental para a aprendizagem é a *Movimentação intrínseca, invenção e produção*. Os próprios nomes que estes autores utilizam para cada elemento já leva a que deduzemos o que quererão dizer. Neste caso, este terceiro elemento representa a importância sobre os interesses da criança que são estes os principais impulsionadores para a exploração, experimentação e construção de novos conhecimentos pela criança. Nós adultos muitas vezes podemos até não compreender todo este processo organizado pela criança mas é assim que a mesma acaba “(...) por compreender o mundo.” (Hohmann & Weikar, 1997, p. 24). Por último, surge a *Resolução de problemas* onde muitas vezes a criança através da ação já sabe como resolver certas situações levando então a uma antecipação do que poderá acontecer em algum momento da sua ação. Tudo isto suporta o desenvolvimento das capacidades de pensamento e raciocínio sempre que a criança consegue resolver situações do seu dia a dia na rotina. Por exemplo, uma criança que quer ajudar na organização de um espaço na sala e pega numa cesta pequena para guardar os materiais, rapidamente a criança apercebe-se que a cesta que está a utilizar é demasiado pequena para os materiais que são necessários organizar na sala. Esta situação (ação) leva a que a criança numa próxima vez já saiba que terá que observar a quantidade de materiais que são necessários arrumar e perceber qual das cestas (grande ou pequena) se poderá adequar mais. Os autores Oliveira-Formosinho & Formosinho (2017) fundamentam a ideia de que:

A descoberta da criança resgata uma imagem de criança como identidade com agência, capaz de participar no cotidiano vivencial da sala de atividades e do centro educativo, o que implica vê-la como pessoa, um ser com autonomia e participação, um ser com direito à coconstrução da sua jornada de aprendizagem. (p. 118)

Tendo em perspetiva de “(...) que as crianças aprendem através das suas próprias experiências e descobertas (...)” (Hohmann & Weikar, 1997, p. 27), importa compreender qual a função do adulto enquanto mediador destas aprendizagens. Enquanto as crianças estão nos seus momentos de atividades livres, digamos, o papel do adulto não se trata meramente de ser um observador. O papel do adulto é de intervir nesses momentos de aprendizagens com as crianças para descobrir o que pensam as crianças sobre certas situações e como é que é o seu raciocínio tornando-se assim, os adultos, observadores-participantes. É, por isso, que segundo Hohmann & Weikar (1997) os adultos envolvidos devem apoiar a criança

realizando, de entre várias, uma” (...) organização do ambiente e das rotinas destinados à aprendizagem através da ação” (p.27).

A criança ao participar de forma ativa no seu processo de aprendizagem acaba por desenvolver a sua autonomia e criatividade. Para além destas, em todas as aprendizagens que a criança poderá realizar, de acordo com as OCEPE (2016) na área de formação pessoal e social, surgem quatro componentes interligadas:

- Construção da identidade e da autoestima
- Independência e autonomia
- Consciência de si como aprendiz
- Convivência democrática e cidadania (ME:2016)

Assim, seguindo o que mencionam as OCEPE (2016) podemos entender que a construção da identidade e da autoestima da criança só acontece quando o adulto valoriza, respeita, encoraja e estimula a criança em todos os seus progressos assim como o apoio que fornece nas relações entre as crianças. Cabendo ao docente respeitar a cultura e a família de cada criança. Relativamente à independência e autonomia aqui trata-se de saber cuidar de si própria enquanto criança bem como ir adquirindo a capacidade de fazer escolhas, tomar decisões e assumir responsabilidades pensando em si e nos que a rodeiam. Quando se fala aqui em autonomia é necessário compreender que a construção da mesma só poderá ocorrer quando há uma partilha de tarefas entre os adultos e as crianças e quando existe “(...) uma organização social participada do grupo em que as regras, elaboradas e negociadas entre todos, são compreendidas pelas crianças (...)” (ME; 2016). Um bom exemplo desta situação ocorre muito no J.I pois é muito usual o termo Chefe do Dia, onde em cada dia da semana existe um menino responsável por algumas tarefas diárias dentro da sala sendo que, as crianças já sabem a ordem de cada uma das tarefas que tem que realizar naquele dia, ou seja, para além de saber quais são as suas funções sabe a sequencia temporal de cada uma das suas ações do longo do dia.

Relativamente à consciência de si como aprendiz é pois quando a criança está envolvida no planeamento e na avaliação da aprendizagem. Para o desenvolvimento do processo de aprendizagem é necessário que as crianças possam escolher o que querem fazer, que participem em propostas com o adulto e com outras crianças, que cooperem na elaboração de propostas de projetos concretizáveis em conjunto. É através da participação da criança no desenvolvimento da sua aprendizagem que se apercebe como e o que é que aprendeu, como conseguiu ultrapassar as suas dificuldades levando então ao pensamento de si, criança, como aprendiz (ME,2016, p.38). É importante que nesta componente a criança possa partilhar, com o apoio do adulto como mediador, com o restante grupo de crianças por forma a exporem e debaterem as suas ideias. A última componente está relacionada, tal como

o próprio nome indica, com a educação para a cidadania, isto é, o saber viver em comunidade, saber partilhar, respeitar as diferenças e as opiniões do outro, conhecer o património cultural reconhecendo a necessidade de proteção do mesmo e desenvolver uma atitude crítica sobre tudo o que o rodeia sem criar estereótipos.

Em resumo, é possível verificar que quanto maior a participação da criança no dia a dia da sala, maior a sua familiarização com cada momento existente ao longo do dia levando a que a criança se sinta segura no meio onde se insere. Da mesma forma, quanto maior o cuidado que o adulto tiver na organização do ambiente educativo, maior se torna a autonomia da criança dentro do mesmo pois, as crianças “Encontram-se num processo de construção da sua identidade individual, de conquista da sua autonomia operativizada em termos de *movimentos, de actividade física, de relação com as coisas e com os outros*” (Zabalza, 1992, p. 125). Assim é possível verificar que são inúmeras as aprendizagens que as crianças adquirem com as rotinas daí a importância de uma organização do tempo flexível e respeitadora de ritmos.

3. Metodologia

Investigar é bem mais do que encontrar respostas para os problemas, investigar é colocar problemas aos problemas ingenuamente ou preguiçosamente julgados resolvidos, investigar é criar problemas às fórmulas pronta-a-consumir, é criar mecanismos sempre cada vez mais profundos e rigorosos no sentido de analisar a realidade social para além das formas e das fórmulas crédulas e superficiais pelas quais julgamos ter resolvido o problema ou os problemas de análise. (Serra, Rosário, Granjo, & Cahen, 2013, p. 7)

3.1. Caracterização do Tipo de estudo

Para além da necessidade de enquadrar o tema, para a realização deste trabalho foi essencial a seleção de uma amostra e escolha de uma metodologia que se adequasse ao tema em estudo, nomeadamente “A organização do tempo pedagógico- Conceções dos/as educadores/as e professores/as do 1.º ciclo do ensino básico”. Desta forma, a natureza da investigação que se pretende realizar enquadra-se numa abordagem qualitativa. Para (Reis, 2010) “A pesquisa qualitativa não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas, sendo uma pesquisa descritiva.” (p. 63).

3.2. Contextos e Intervenientes

Partindo do que (Amado & Ferreira, 2014) mencionam sobre este tópico, isto é, “(...) trata-se de pessoas que pela sua experiência de vida quotidiana, pelas suas

responsabilidades, estatuto, etc., estejam envolvidas ou em contacto muito próximo com o problema que se quer estudar.” (p.213) delimitámos que os participantes do estudo seriam docentes, no total quatro, sendo dois/duas educadores/as (creche e J.I) e dois/duas professores/as de 1.º Ciclo do Ensino Básico (professor/a da turma de um 2.º ano e um/a de turma de 3.º e 4.º ano) das quatro instituições onde realizamos as nossas práticas de intervenção pedagógica pois são estes os sujeitos mais próximos da realidade que pretendemos estudar.

Todos/as os/as inquiridos/as têm num mínimo 17 anos de experiência profissional na área de educação, sendo que detêm de uma grande maturidade profissional. O/a primeiro/a participante- E1- (Anexo X)¹² licenciou-se em Educação de Infância utilizando na sua prática o método João de Deus não exercendo mais nenhuma função na instituição para além da de educador/a. Já o/a inquirido/a E2 frequentou o curso de Educadores de Infância da Escola Superior de Educação Maria Ulrich, a licenciatura na Escola Superior de Educação de Santarém e ainda um complemento de formação na área da expressão físico-motora. Na instituição o/a E2 não exerce mais nenhuma função para além da de educador/a e embora não tenha um modelo considera que utiliza muito na sua prática a pedagogia participativa. A E3 por sua vez licenciou-se em 1.º Ciclo com variante de educação física não exercendo outra função na instituição e não utilizando nenhum método em específico afirmando apenas que o ensino acaba por ser muito por transmissão. Por último, a E4 frequentou o bacharelato e fez a licenciatura em ensino do português como segunda língua e língua não materna e desde há nove anos que é coordenador/a de estabelecimento e igualmente padece da mesma opinião que E3 relativamente às abordagens pedagógicas utilizadas.

3.3. Técnicas e Instrumentos de recolhas de dados

Segundo (Máximo-Esteves, 2008, p. 93), “Nas investigações de natureza qualitativa (em sentido lato), os géneros mais comuns são a **entrevista em profundidade**, a **entrevista de história de vida** e a **entrevista semiestruturada**.” assim, as opções metodológicas escolhidas para desenvolver este estudo foram através da realização de entrevistas semiestruturadas (Anexo XI)¹³ e observação participante recolhida através de notas de campo ao longo dos estágios realizados¹⁴.

Para Bell (1997, p.137) a grande vantagem da entrevista é o facto de a mesma a considerar como ajustável pois caso o entrevistador seja desenvolto, conseguirá explorar determinadas ideias e testar respostas para além daquelas que tem no seu guião coisa que com o inquérito não é possível realizar. Com esta mesma visão, surge Reis (2010, p. 83)

¹² Identificação dos/as entrevistados/as.

¹³ Guião das entrevistas.

¹⁴ Notas de Campo: Fazem parte das notas de campo as observações diárias que se encontram em anexo após cada planificação e as reflexões semanais e finais (Anexo XII)

explicando quatro vantagens relativamente ao uso da entrevista como instrumento para recolha de dados indicando que esta permite ao entrevistador ajustar-se e conhecer o entrevistado, obter a informação pretendida e garantir a resposta a todas as perguntas e avaliar a comunicação não verbal do interveniente.

Para ambos os autores, Bell (1997) e Reis (2010), para além de considerarem vantagens consideram também desvantagens e/ou constrangimentos sendo estas o constrangimento por parte do entrevistado perante algumas questões, a inaptidão do discurso oral, o local onde ocorre a entrevista pois pode ser um inibidor da verbalização do interveniente e ao nível da análise pois é necessário realizar uma transcrição da entrevista bem como a sua categorização e codificação.

A escolha de entrevistas semiestruturadas surgiu tendo em conta o facto de poder existir um guião de questões de apoio ao entrevistador e uma flexibilidade na ordem do questionamento facilitando assim o desenrolar da entrevista. (Máximo-Esteves, 2008, p. 96) Para a mesma autora, “A *entrevista semiestruturada* está orientada para a intervenção mútua.” dando a possibilidade de existir um diálogo entre os dois, isto é, entre o entrevistador e o entrevistado.

Para este trabalho, este tipo de entrevista referido anteriormente seria, para nós, o mais indicado, visto que, poderia existir uma maior abertura relativamente ao desenrolar das questões e da própria entrevista. Para Reis (2010), existem algumas diferenças comparativamente às entrevistas não estruturadas para com a entrevistas semiestruturadas, nomeadamente:

Aquilo que distingue a entrevista não estruturada da semiestruturada é a utilização constante do quadro teórico que é utilizado para a construção do guião de entrevista. O discurso e o pensamento do entrevistado podem ser interrompidos com uma outra questão, de modo a balizar a informação que se pretende recolher. E o grau de ambiguidade é mais reduzido. (p.86)

Após esta opção metodologia, foi necessário, compreender qual a etapa seguinte, nomeadamente o registo áudio da entrevista que permite gravar na íntegra toda a conversa entre o entrevistador e o entrevistado e a sua transcrição escrita (Anexo XIII)¹⁵. Para Máximo-Esteves (2008, p. 102), este registo “Permite o registo integral da conversação, de modo a que o entrevistador fica com mais liberdade para se concentrar no tópico e na dinâmica da entrevista”. A autora considera existirem alguns constrangimentos em relação ao registo áudio

¹⁵ Transcrição das entrevistas.

como o facto de não conseguir integrar “(...) as expressões faciais, a linguagem não-verbal.” Este constrangimento irá influenciar igualmente a transcrição do áudio pois:

(...) a transcrição empobrece o texto pela omissão socioespaciotemporal que envolvem as palavras gravadas, das pausas, da interrupção súbita a meio de algumas palavras a que o atropelo do pensamento ou o envolvimento emocional coage. Estão também ausentes as hesitações, a gestualidade e, sobretudo, a entoação emotiva, o riso irónico ou sarcástico, a ênfase que se coloca aqui e ali. (Máximo-Esteves, 2008, p.102)

A escolha de notas de campo como opção metodológica surgiu aquando da necessidade de justificar algumas situações vividas na realidade observada tanto realizada através de observações diárias, como reflexões semanais ou finais. Segundo (Bogdan & Biklen, 1994, p. 150) “Nos estudos de observação participante todos os dados são considerados notas de campo; este termo refere-se colectivamente a todos os dados recolhidos durante o estudo, incluindo notas de campo, transcrições de entrevistas, documentos oficiais, estatísticas oficiais, imagens e outros materiais.”.

4. Análise e Discussão dos dados

Após a realização das entrevistas semiestruturadas através de um guião e da transcrição de cada uma, realizamos uma sinopse dos dados recolhidos através das mesmas (Anexo XIV) e, neste subcapítulo iremos apresentar a análise dos dados recolhidos através de quadros adaptados da análise de conteúdo de Bardin (1997) bem como uma síntese comparativa entre todos os dados.

4.1. Análise das entrevistas a educadores/as e professores/as do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Este estudo, baseado na organização do tempo pedagógico nas instituições dos quatro contextos onde nos inserimos a estagiar, visa conhecer as concepções dos docentes destes contextos sobre a importância das rotinas para as crianças. Assim, em seguida, apresentaremos cinco quadros com um objetivo subjacente em cada um sobre o estudo, nomeadamente, a identificação da organização do tempo pedagógico nestes contextos, a identificação de modelos teóricos de referência nesta organização, a identificação do papel do adulto, a identificação da relevância atribuída à organização da rotina diária e as aprendizagens que as crianças podem adquirir através das mesmas e, por último, as estratégias de avaliação relativamente a esta organização por parte dos/as docentes. Para a análise dos dados recolhidos foi necessário proceder à categorização das respostas que segundo Bardin (1977, p. 117), “(...) é uma operação de classificação de elementos

construtivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o género (...).".

Quadro 5- Identificação da organização do tempo pedagógico

Objetivo	Categoria	Subcategoria	N	Respostas
1. Identificar como é planificada a organização do tempo pedagógico	Planificações		4	<p>"(...) são feitas por nós próprios, não é, mas cingindo ao tema da escola." (E1)</p> <p>"(...) temos mais ou menos uma estrutura base que respeitamos todas depois cada uma na sala vai adaptando a rotina às necessidades das crianças" (E2)</p> <p>"Portanto a rotina é organizada por mim as planificações semanais também, guiando-me pelos conteúdos e pelas planificações mensais e anuais." (E3)</p> <p>"Depois sou eu que, as semanais sou eu que reorganizo, não é, e as rotinas é consoante as matérias, conteúdos que tiver para lecionar, consoante também atividades do PAA (do plano anual de atividades)" (E4)</p>
		Colaboração	4	<p>"Nós temos planificações anuais...semanais ou semestrais e... planificações (aaa) semanais." (E1)</p> <p>"(...) no início do ano, o grupo, porque nós funcionamos em quatro salas e, portanto, no início do ano nós estruturamos mais ou menos a nossa rotina porque a rotina tem a ver com o projeto geral do agrupamento e também o nosso trabalho aqui no centro." (E2)</p> <p>"Nós fazemos as planificações mensais e anuais em conjunto para sabermos os conteúdos a trabalhar durante aquele período de tempo" "(...) a nossa carga horaria foi distribuída pelo...pelo agrupamento, não é, pela direção nós... o nosso dia é dividido em 3 e 4 blocos...que contemplam o português, a matemática, o estudo do meio e as expressões." (E3)</p> <p>"São feitas em grupo, o primeiro ano faz para o primeiro ano o segundo ano pro segundo, os subgrupos" os subdepartamentos de 1.º ciclo fazem para cada ano de escolaridade." (E4)</p>

	Organização dos momentos do dia		4	<p>“Começamos na sala fazemos uma rodinha, canções... assim uma iniciaçãozinha (...) é o que se chama de acolhimento” (E1)</p> <p>“Começamos de manhã com a reunião em grande grupo, depois os meninos fazem nessa altura a marcação da presença e escolhem logo as atividades que vão (...) Portanto há um quadro de registo onde eles escolhem livremente o que vão fazer. Portanto eles próprios fazem os seus pequenos projetos e...e vão organizando o seu trabalho ao longo do dia.” (E2)</p> <p>“No início da semana têm... têm dois chefes de turma. Normalmente são ... faço por ordem alfabética e esses dois chefes de turma distribuem os manu... os cadernos diários e os manuais que vão ser utilizados... e enquanto eu passo o plano do dia, eles abrem a lição, passam o plano do dia, (...) depois de passarmos o plano do dia, então iniciamos, consoante o nosso horário”. (E3)</p> <p>“(...) eu tento começar a aula sempre com a correção dos trabalhos de casa. Ok? Para esclarecer dúvidas, para que não fique aí nada mal feito e depois depende do trabalho de casa, gosto de começar ou com o português ou com a matemática. (...) Depois seguimos a planificação que temos semanal” “... porque nós temos um horário definido, que a direção nos define e é o português e a matemática que iniciam sempre o dia.” (E4)</p>
	Adequação ao ritmo/necessidades		4	<p>“Sim... penso que esta divisão de temas que nós, que nós fazemos no João de Deus sinto que ajuda tanto nós como eles (...) (E1)</p> <p>“Está. Está porque nós vamos sempre mudando, (...) Portanto está, sim.” (E2)</p> <p>“(...) é assim, está e não está. (...) a nível de horas, se calhar é o que eles precisam dada a extensão dos conteúdos. (...) não estou agarrada à planificação ou se vejo que não estão a perceber e tenho que entrar na matemática mesmo estando a trabalhar o português, eu continuo porque o importante é eles adquirirem os conhecimentos, perceberem, tirarem as dúvidas.” (E3)</p> <p>“(...) sim, acho que sim. Há crianças, uns porque são mais despachados chegam lá mais depressa (...) imagina os outros tão um bocadinho mais atrasados e precisam de dar aquela matéria ou debater mais um bocadinho aquele assunto, eu tenho que tar com eles na sala.” (E4)</p>

	Flexibilidade		4	<p>“(aaa) sim, considero que o tempo é bem gerido, se não houver tempo para... não importa porque se não falar hoje na (aaa) no que estou, no que queria falar e houver (...) Aliás, na planificação diz... diz, tem mesmo um parêntese que diz que pode ser flexível consoante o que acontece.” (E1)</p> <p>“(...) a rotina é flexível de acordo com as suas necessidades (...) Portanto a rotina está fixa, está definida em termos de papéis em termos de burocracia do agrupamento, mas é flexível e é adaptada.” (E2)</p> <p>“(...) Obviamente que isto é um bocadinho flexível... embora os blocos estejam programados para 1h30 se eu vejo que as coisas até correram muito bem eles perceberam, eu avanço (...) Dai esta flexibilidade. Se...se a nível... é assim a pressão do português e da matemática é tão grande, que às vezes nos esquecemo-nos dos outros blocos, infelizmente. Se calhar... os outros blocos das expressões são tão ou mais importantes quanto o português e a matemática... na distribuição...” (E3)</p> <p>“A flexibilidade por... pelo exterior, pela necessidade da turma, seja pelo que for, não é. Posso ter uma coisa muito bem esquematizada e aparece-me aí, por exemplo, a Policia Segura ou não sei quem que quer vir por acaso falar de qualquer coisa que é importante, eu digo sim sim, tá bem, ok e aproveita-se esse dia e aquilo que eu tinha pra fazer passa para o dia seguinte ou dois dias depois, não interessa. O que interessa é que as crianças o que quer que seja de bom e de contributo para eles, quer seja de aprendizagens de conteúdos quer seja como cidadão, não é, e e resto passa pá frente.” (E4)</p>
--	---------------	--	---	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Após a análise das respostas dos inquiridos para a primeira categoria, foi perceptível verificar que na sua maioria tanto os/as educadores/as como os/as professores/as mencionam que o dia a dia e a semana nas suas salas é concretizado através de uma planificação sendo eles próprios a fazê-la. Todos/as os/as inquiridos/as afirmam que para a realização desta planificação têm em atenção tudo o que é proposto pela instituição quer a nível das planificações mensais e anuais, que são feitas em conjunto com outros docentes da instituição e/ou agrupamento, quer a nível da rotina e horário estabelecidos pelos mesmos tal como é possível verificar na subcategoria intitulada Colaboração. Através das notas de campo

realizadas no contexto de J.I é possível verificar a afirmação feita pelo/a E2 relativamente às planificações feitas em colaboração com outros/as educadores/as, nomeadamente:

“(...) em conversa com a Educadora esta informou-nos que (...) que todas as atividades que realizavam iam de encontro a um tema semanal enquadrado numa planificação mensal e que todas as educadoras tinham acesso e participavam na execução do mesmo, ou seja, cada uma das educadoras abordaria o tema com as estratégias em que se sentia mais à vontade mas este tema era trabalhado por todas (...)” (Anexo XII: Nota de campo n.º 2- Data: 16-06-2017)

Na categoria seguinte, sobre a organização dos momentos do dia, a maioria dos/as entrevistados/as foram pouco abrangentes, isto é, nem sempre especificaram os nomes de cada momento existentes na rotina da sua sala. No entanto o/a E1 menciona o momento do acolhimento e de uma forma geral o que as crianças realizam durante este momento, isto é, as canções de roda como está indicado no Anexo I. O/A E2 subentende igualmente este momento e explica que após o mesmo surgem as marcações de presença e a escolha das atividades/projetos que as crianças desejam e que realizam ao longo do seu dia. Por sua vez, os/as professores/as E3 e E4 têm igualmente uma rotina, mas organizada de um modo diferente pois têm em conta um horário estabelecido pelo agrupamento especificando as áreas de conteúdo que devem trabalhar em cada um dos momentos. O/a E3 explica que antes de iniciar o dia com as crianças, existem dois chefes de turma que distribuem os cadernos diários de cada criança e ainda manuais consoante a disciplina que irão ter. Seguidamente, escreve no quadro a lição e o plano do dia, isto é, como se organizará o dia. Após este momento todas as crianças escrevem e depois o/a docente inicia as aulas consoante o horário pré-estabelecido. O/A E4 afirma que inicia sempre o seu dia com a correção dos trabalhos de casa, o que nos indica que todos os dias as crianças têm trabalhos de casa e, após este momento prossegue a sua aula tal qual o/a E3. No que diz respeito á terceira categoria, todos os/as inquiridos consideram que a organização do tempo pedagógico existente está adequada aos ritmos e necessidades das crianças pois procedem sempre a mudanças nesta organização consoante as necessidades das mesmas. O/a E1, E2, E3 e E4 referem que esta organização do tempo só é respeitadora de ritmos e necessidades aquando existe uma flexibilidade tal como Portugal (2012) menciona acerca da importância sobre a organização do ambiente educativo presente neste Relatório. A última categoria é sobre este último aspeto- flexibilidade, onde todos/as os/as inquiridos referem que embora haja uma organização pré-estabelecida desse tempo pedagógico (rotina) que muitas vezes é necessário proceder a alterações porque há vezes em que as crianças precisam de trabalhar mais uma área do que outra ou até, como refere o/a E4 porque surgem atividades que não estavam programadas que acabam por alterar o seu dia.

Quadro 6- Identificação de abordagens pedagógicas utilizadas pelos/as docentes

Objetivo	Categoria	Subcategoria	N	Respostas
2. Identificar modelos teóricos de referência na organização do tempo pedagógico	Identifica um modelo teórico de referência	Identifica	2	“É o método João de Deus, tenho que seguir mesmo o método, (aaa) na creche como eles são pequeninos nós vamos seguindo na mesma, mas não tão... (aaa) eu pessoalmente não dando tantos temas como dá a pré, por exemplo, não é. Mas eles gostam muito dos temas de vida e sempre que se possa, assim como vocês estagiárias o fazem quando são aulas, trazer sempre algo para eles verem. Eles gostam de ver, de mexer... (E1) “(...) é uma abordagem holística (...). “É uma junção de vários métodos, sim.” Sim, participativa e colaborativa no fundo.” (E2)
		Não identifica	2	“Tem a ver com o conteúdo que se vai trabalhar, muitas vezes, não é. Podemos às vezes, conforme o conteúdo, não é, ter uma coisa mais expositiva (...)” “(...) mas acaba-se por focar um bocadinho em mim” (E3) “Não. Ao longo de 26 anos é a experiência vivida. E às vezes o que vem à cabeça na altura.”, “Tá muito centrado em mim, infelizmente tá muito centrado em mim...” (E4)

Relativamente a este segundo objetivo, pretendíamos conhecer dos/as quatro inquiridos quem utilizava uma abordagem pedagógica para compreendermos como poderia estar ou não implícito na organização deste tempo pedagógico bem como a participação das crianças. O/a educador/a E1 identificou logo à partida que o método utilizado era o João de Deus, mas que embora fosse esse o método na sua prática considerava não ser tão exigente com as crianças para cumprir com o método. Esta afirmação de E1 acaba por não coincidir com as notas de campo retiradas ao longo do estágio quando na Nota de Campo nº1 (Anexo XII) está explícito que:

“No caso das fichas que a educadora cooperante e a instituição fazem com as crianças, foi notória que não era a criança que fazia esta ficha seja ela de colagem ou de pintura ou até mesmo na escolha dos brinquedos que gostaria de brincar. Existiam algumas restrições em relação a este aspeto. E, se a criança não estivesse predisposta a realizar a atividade era “obrigada” a fazer ou então não a fazia de todo.” (Data: 28-02-2017)

Por outro lado, o/a educador/a E2 embora não tivesse um em específico, demonstrou que se guiava por várias abordagens daí que tenha sido identificado como tal pois ao longo da sua entrevista deu a entender que a sua abordagem era muito participativa e colaborativa.

Os/as professores/as E3 e E4, não identificaram embora estivesse subjacente o ensino mais expositivo e centrado no professor tal como é explicada a pedagogia transmissiva pelos autores Oliveira-Formosinho, Lino, & Niza (2007, p. 19). Através da nota de campo n.º 6 (Anexo II) é possível relacionar o que o/a E3 mencionou na entrevista com o que foi observado ao longo do estágio, respetivamente:

“A professora titular da turma realizava, maioritariamente, um ensino por transmissão não dando assim a oportunidade aos alunos de experimentar, criar e descobrir por si mesmos as respostas sobre certos assuntos. Embora a docente tentasse dialogar com os alunos, era sempre num reduzido espaço de tempo pois tinha que prosseguir com a aula e cumprir o programa.” (Data: 15 de fevereiro de 2018)

Quadro 7- Identificação do papel do adulto nos diferentes momentos do dia.

Objetivo	Categoria	Subcategoria	N	Respostas
3. Identificar o papel dos/as educadores/as e professores/as nos diferentes momentos do dia	Papel do educador/a e Professor/a	Propostas de atividades pelo adulto	4	<p>“O nosso papel é ser crianças com... como eles.” “Não deixar fazer tudo o que eles querem (aaa) não, porque há crianças que... que gostam e que já têm assim ... como é que eu hei de dizer... já... já mostram a parte que, “eu quero, eu quero, eu quero”. Às vezes também têm que ser contrariadas. A criança também tem que ser contrariada às vezes. (E1)</p> <p>“Pronto, há momentos em que há trabalho diretivo, há. Há momentos em que sou eu que proponho, há momentos em que sou eu que giro e que sou eu que digo “olha agora eu acho que podemos fazer” e oriento (...)” (E2)</p> <p>“(...) e pronto e nos momentos-chave vou dando algumas... algumas instruções daquilo que eles têm que fazer.” (E3)</p> <p>“É tenho que tar presente em todos.”</p> <p>“(...) Com o 4.º ano não tanto, não é, mas lá está já têm mais ferramentas, maior número de ferramentas para pesquisarem, para se desenrascarem, para planificarem, para fazerem trabalho a pares ou tutoria ou de grupo sem incomodar muito depois o trabalho dos outros que estão depois do outro lado, 3.º ano já n consegue. Precisam mais de mim, até pela maturidade desses próprios miúdos do 3.ºano, mas é sempre centrado no professor, sim.” (E4)</p>

		Mediador	2	“(...) e que depois eu, a minha função nesse...nessa parte é orienta-los nos projetos e tentar que eles cheguem a uma conclusão final, não é pegar, chegar, largar e tá a andar, não. É importante, se escolheu, se decidiu fazer tem que saber porquê têm que ter um objetivo final e depois no fim a gente conversa “Então como é que é?” isso ajuda-os, no fundo a minha orientação é um bocadinho estar no background que é para os ajudar nas suas aprendizagens. Todos os momentos dentro da sala são momentos de aprendizagem.” (E2) “Sou mediadora... vou-lhes dando algumas...algumas dicas pra eles irem fazendo... vou também, de certa forma...regulando os comportamentos, não é, sou autorreguladora dos comportamentos (...)” (E3)
		Enquadrar as atividades de iniciativa das crianças.	1	“Eu tento ser o mais...tento que eles sejam o mais independentes possível. (...) há muitos momentos que são eles que decidem e que livremente escolhem” (E2)

Neste terceiro objetivo, dividimos a nossa categoria em três subcategorias de acordo com as enunciações feitas pelos/as entrevistados/as. Para a primeira subcategoria intitulada “Propostas de atividades pelo/a adulto” é possível verificar que na sua os/as entrevistados/as demonstram que o seu papel é mais diretivo, onde ao adulto cabe o papel de estar presente em todos os momentos e onde é este (o adulto) quem propõe as atividades. Através das observações retiradas em contexto de creche (Anexo I) é realmente possível verificar quais devem ser as atitudes dos educadores em cada um destes momentos tornando-se imprescindível a sua presença em cada um deles de forma a monitorizar de forma positiva as aprendizagens das crianças. No caso de E1 o/a mesmo/a afirma que não se deve dar liberdade total às crianças e que as mesmas, por vezes, devem ser contrariadas. Através das Notas de Campo retiradas ao longo deste contexto de estágio realizamos a seguinte observação:

“Como já tinha sido referido, anteriormente, fiz um estágio de observação em creche com uma sala de um ano de idade e reparo que no presente estágio, as crianças não têm as “áreas/tapetes/cantos” dirigidos a diferentes brincadeiras”. (Nota de Campo n.º 1, Data: 28-02-2017)

A observação que tivemos ao longo do estágio acaba por interligar-se com as palavras mencionadas pelo/a inquirido/a E1 pois ao não existir áreas onde as crianças possam brincar

livremente com os materiais, significa que é apenas o educador/a que propõe as atividades para as crianças. Por outro lado, E2 e E3 demonstram que o seu papel é o de serem mediadores no sentido de orientá-los nos vários momentos ao longo do dia indo ao encontro do que referem os autores Oliveira-Formosinho, Lino, & Niza (2007) e Hohmann & Weikar (1997) sobre a importância do adulto quer como mediador, quer como observador da dinâmica do grupo mas como interveniente das aprendizagens das crianças chamando assim os autores Hohmann & Weikar que o adulto não é apenas um observador mas sim observador-participante. O/A E2 foi o/a único/a inquirido/a que demonstrou que embora realize um trabalho diretivo que enquadra, igualmente, as atividades de iniciativa da criança considerando-se em todos estes momentos mediador/a.

Quadro 8- Identificação da importância e aprendizagens adquiridas pelas crianças através das rotinas.

Objetivo	Categoria	Subcategoria	N	Respostas
4. Identificar a relevância relativamente à organização da rotina diária	Perspetivas dos docentes sobre as aprendizagens adquiridas	Criar hábitos	1	“São muito importantes porque eles habituam-se, eles têm a hora para ir ao bacio, têm hora pra ir à sanita, têm hora pra ir lavar as mãozinhas, a boca, têm a hora para almoçar, têm a hora para lanche, têm hora para ir para o recreio... se...se for esse (aaa) se o dia tiver bom e eu acho que eles (aaa) depressa assimilam e até às vezes sabem...” (E1)
		Antecipar Acontecimentos	2	“Acho muito importante.” “Pronto, nessas idades eu acho que é fundamental que eles tenham uma rotina. Pra já porque podem prever os determinados momentos ao longo do dia (...)”, “Ajuda-me a mim como adulto e ajuda-os a eles porque podem prever porque já sabem “agora tá na hora de...” “então agora eu vou”, portanto ajuda-os a prever situações temporais, situações... várias situações. “Eu acho que é muito importante eles terem uma rotina pré-definida porque os ajuda a elaborar o seu pensamento e a no fundo ajuda-os a

			<p>construírem determinadas aprendizagens.” (E2)</p> <p>“As rotinas... eu acho que qualquer criança precisa muito de rotinas e regras. Até porque eles se perdem, quando não sabem o que vão fazer. Se nós temos uma rotina e uma regra, eles já sabem que... o português pode não ser dado da mesma maneira mas sabem que ... que vão utilizar aqueles livros ou que...ou que tem que... começar a ler o texto para praticar a leitura... portanto o facto de eles saberem o que vão fazer antecipa-lhe um bocadinho a ansiedade de “o que é que vamos fazer agora”....(...)” “... mesmo que se possam desviar um bocadinho, não é, porque eles também não são robôs e não têm que fazer tudo igual, mas... a parte crucial eles sabem fazer e isso dá-lhes segurança pa continuar o trabalho, não é? Não andam perdidos, “agora o que é que eu vou fazer?” não, eles já sabem como é que é. E isso ajuda-os... na...na...no seu crescimento na sua organização (...)” (E3)</p>
		Compreender a organização do tempo	<p>2</p> <p>“(...) e depois tendo eles... logo no início... interiorizado a rotina, é muito bom no dia-a-dia e nós temos muito mais facilidade em desempenhar trabalhos e projetos com a rotina orientada.”, “Ajuda-os no fundo, no dia-a-dia a fazer uma sequência temporal e não só não é, ao longo do dia. Acho que é muito importante terem uma rotina fixa.” (E2)</p> <p>“(...) eu acho é uma mais-valia para eles até porque depois no dia a dia eles não precisam que esteja sempre alguém a dizer-lhes o que é que eles têm que fazer</p>

				porque eles já perceberam como é que têm que fazer (...)” (E3)
		Responsabilidade	2	“Sim! Para mim são muito benéficas...ajudam-me, responsabiliza-os (...)” (E3) “Olha, há rotinas boas e rotinas más. Rotinas que levem à responsabilidade pra mim são boas rotinas.” (E4)
		Autonomia	2	“(...) dá autonomia porque como eles sabem o que vão fazer, autonomamente eles podem começar a fazer. Não precisam de tar sempre que... com atividades muito dirigidas à espera do que a professora vai dizer pa fazer..., portanto dá-lhes autonomia”, “(...) dá-lhes autonomia (...)” (E3) “(...) rotinas que deem autonomia aos alunos, sim.” (E4)

Quando se perguntou aos inquiridos “*Como é que estes diferentes momentos da organização do dia contribuem para as aprendizagens das crianças?*” (Questão-5.2) e “*Qual é a sua opinião relativamente às rotinas do dia a dia na sua sala?*” (Questão-6.1) foi possível verificar que os/as inquiridos/as interligaram de imediato ambas as questões. Assim, neste quadro (quadro 8) podemos encontrar ambas as respostas a ambas as questões. De uma forma geral, todos/as os/as inquiridos demonstraram que as rotinas são importantes pois levam a que as crianças possam criar hábitos tal como refere o/a educador/a E1 quando as crianças estão no momento da higiene, segurança pois permite-lhes tal como referem E2 e E3 preverem acontecimentos ao longo do seu dia, desempenham melhor as suas tarefas pois compreendem a organização do tempo da sala (E2 e E3), responsabiliza-os (E3 e E4) e, por último, porque lhes dá autonomia (E3 e E4). Todos estes aspetos mencionados pelos/as inquiridos/as demonstram uma concordância em relação ao que já foi mencionado por Oliveira-Formosinho & Formosinho (2017), as OCEPE (2016), Hohmann & Weikar (1997) e Zabalza (1992) no presente relatório e também com as observações retiradas através dos estágios, nomeadamente Anexo I onde são referidas as aprendizagens que as crianças podem adquirir em cada momento do dia mais especificamente em contexto de creche.

Quadro 9-Identificação de estratégias de avaliação sobre a organização do tempo pedagógico.

Objetivo	Categoria	Subcategoria	N	Respostas
5. Identificar estratégias de avaliação da organização do tempo pedagógico	Avaliação	Observação	3	<p>“(…) Eu através da minha observação também consigo isso, mas pra mim eu consigo através da observação, mas eu quero não é... não sou eu, quero que eles consigam perceber que se resultou ou não resultou pra depois melhorarem o que é que têm que melhorar no dia seguinte. (E2)</p> <p>“As estratégias... olhe a observação direta principalmente (...)”, “(…) é principalmente pela...pela minha ... observação direta que eu consigo ver. Funciona, vamos continuar, não funciona, ok e arranjamos outra estratégia, pronto. Porque o ensino é assim, é um ciclo onde nos andamos sempre em constante mudança consoante a turma, consoante os miúdos, consoante momento, consoante o conteúdo..., portanto “(E3)</p> <p>“A observação direta, não é... é a minha observação (...)” (E4)</p>
		Grelhas	1	<p>“Temos nós grelhas internas para colocarmos se o menino já sabe... já se senta, já anda, já fala, já... pronto, para nós, internas, nossas. E temos outras que vão, por período, para casa dos pais. Eles são muito pequeninos para serem avaliados. (E1)</p>
		Diálogo	2	<p>“(…) no fundo é... é a conversa final do fim do dia. O que é que vamos fazer amanhã, o que é que resultou o que é que não resultou e o que é que no fundo eles querem continuar a fazer ou não, podem não querer continuar, mas não querendo continuar também têm que justificar porquê. Então porque é que não queremos continuar se fomos nós que escolhemos? Pronto eu acho que no final do dia, com uma pequena conversa e um pequeno, às vezes, registo escrito outras vezes não, às vezes é só mesmo em grande grupo que se fala e que se consegue perceber.” “Nós temos no final do dia, normalmente reunimos um bocadinho e conversamos sobre aquilo que aconteceu. Pronto, eu aí consigo...”, “...perceber e retirar o que é que</p>

			<p>aconteceu o que é que é positivo o que é que não é e pronto. (...)” (E2)</p> <p>“(…) Ou às vezes algum feedback que os alunos com maior maturidade me acabam por dar ou através de expressarem que não, que não deu ou... a dificuldade que tiveram, se tiveram... por exemplo o grupo do 4.º ano são 16 alunos, pá se 12 ou 10 a coisa não funcionou é porque quem não funcionou fui eu, não foram eles portanto eu é que estive mal na proposta da atividade, na organização da atividade, no tempo da atividade, porque mais de metade... a culpa é do professor, sempre.” (E4)</p>
--	--	--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Neste último objetivo (quadro 9) pretendíamos identificar que estratégias utilizavam os/as inquiridos/as para avaliar se esta organização do tempo pedagógico estava adequada para cada um dos grupos. Assim, foram criadas três subcategorias para a categoria “Avaliação”. Na primeira subcategoria foram apenas três os que identificaram que utilizam a observação para avaliar se a organização é feita de forma positiva. Todos/as (E2, E3 e E4) referem que é através desta observação que conseguem perceber o que é que funcionou ou o que não funcionou bem como o grupo ou se precisariam de mais tempo para alguma atividade. Apenas E1 identificou que realizava um registo através de grelhas onde avaliam o desempenho das crianças em cada um dos momentos e depois dão aos encarregados de educação uma cópia, Por outro lado, E2 e E4 mencionam que utilizam muito o diálogo como estratégia de avaliação para que as crianças compreendam também porque é que resultou ou não e o que podem melhorar, onde tiveram mais dificuldades ou se o tempo da atividade foi demasiado limitado. Através de nota de campo n.º 2 (Anexo XII) conseguimos relatar esta questão do diálogo realizado pelo/a E2:

“(…) foi pela primeira vez que presenciei uma educadora realizar diálogos em grande grupo dando a oportunidade de expor e ouvir as opiniões das crianças; de poderem realmente escolher a área que querem (liberdade de escolha), de existir tarefas do “chefe” que nos remetam a atividades de vida diária, conduzindo à responsabilidade do indivíduo; e, também, da educadora não prescindir do tempo de recreio das crianças mesmo que estas ainda não tivessem acabado alguma tarefa. Para a educadora, em primeiro plano estava sempre o bem-estar do grupo e a própria sabia a importância deste espaço (...)” (Data: 16-06-2017)

Em suma, é possível verificar que o/a E1 utiliza apenas as grelhas, E2 utiliza a observação e diálogos com as crianças, o/a E3 a observação e, por último o/a E4 que indica a observação e o diálogo como estratégias tal como refere o/a E2. O diálogo é uma das particularidades que os autores Oliveira-Formosinho, Lino, & Niza (2007)

4.2. Síntese comparativa dos resultados

“As primeiras interpretações permitem, por exemplo, verificar se os dados já coligidos se adequam às questões inicialmente formuladas (...)” (Máximo-Esteves, 2008, p. 103)

A intenção destas entrevistas semiestruturadas eram a de responderem de certa forma, às nossas questões iniciais sobre o tema, nomeadamente, como é que é feita a organização do tempo em cada uma das instituições, se são respeitados os ritmos e necessidades das crianças nessa organização e quais são as aprendizagens principais que as crianças podem retirar através de uma boa rotina bem como se existe uma coerência entre os dados recolhidos através da observação e as que derivam da entrevista.

Em primeira instância, é possível verificar que entre o pré-escolar e o 1.º ciclo existem algumas diferenças em relação à organização do tempo pedagógico. Através das entrevistas realizadas foi possível verificar que no caso dos/as professores/as (E3 e E4) estas demonstraram mais entraves na sua organização do tempo visto que têm um horário previamente estabelecido pelo agrupamento de ensino com cada uma das disciplinas que têm que lecionar bem como os programas curriculares a cumprir num determinado período de tempo, seja ele mensal ou trimestral (por período). Enquanto que os/as educadores/as (E1 e E2) demonstraram uma menor preocupação nesse sentido, pois são eles/as que ao longo do ano gerem da melhor forma o seu tempo, existindo uma organização desse tempo através de vários momentos ao longo do dia, desde o momento do acolhimento até ao momento da saída da instituição. Embora o/a educador/a (E1) tenha referido que tem que utilizar o método de ensino João de Deus, onde existem certos temas que devem abordar em específico, o/a mesmo/a diz que não o faz de uma forma muito rígida e que se não conseguir implementar uma atividade orientada sobre um tema naquele dia, que continua noutro até porque o/a mesmo/a realiza atividades orientadas por um máximo de meia hora, nunca mais. O/A educador/a que demonstrou uma maior autonomia em relação à organização do tempo pedagógico foi o/a educador/a de J.I (E2) que organiza e gere o tempo de forma mais flexível, muitas vezes observando enquanto estagiárias vimos que as crianças daquela sala eram as primeiras a utilizar com maior frequência o espaço exterior, várias vezes ao dia, independentemente das condições meteorológicas que existissem.

“Para a educadora, em primeiro plano estava sempre o bem-estar do grupo e a própria sabia a importância deste espaço (recreio) e os benefícios que este trazia ao grupo quando regressavam à sala. Benefícios estes, o de “descarregarem” energias e regressarem à sala com uma postura bem mais calma.” (Registo Reflexão final do portefólio de estágio em J.I)

Todos os inquiridos referiram que a organização do tempo dos seus grupos é feita em conjunto com outros elementos da instituição, nomeadamente, no que se refere às planificações anuais

e semestrais com exceção às planificações semanais pois embora existam períodos de tempo estabelecidos pela instituição e/ou agrupamento para a realização de atividades e/ou conteúdos, são os/as educadores/as e professores/as que organizam o seu tempo e planificam as atividades que desejam para o grupo consoante as necessidades e ritmos das crianças. Relativamente aos ritmos e às necessidades das crianças, embora na sua maioria tanto os/as educadores/as e professores/as ao longo das entrevistas quisessem demonstrar que respeitavam os mesmos, nem sempre se concretiza. Após a realidade observada e as entrevistas semiestruturadas, foi possível verificar que o/a professor/a E3 demonstra uma menor flexibilidade neste aspeto devido à grande quantidade de conteúdos das disciplinas de Português e Matemática que têm que lecionar, levando à contradição da prática para com aquilo com que o Despacho n.º 5908/2017- Secção II (a que se refere o artigo 13.º)-5 de julho de 2017 defende, isto é, “A valorização das artes, da ciência, do desporto, das humanidades, das tecnologias de informação e comunicação e do trabalho prático e experimental, bem como a integração das componentes de natureza regional e local.”.

A inquirida E3 refere, por exemplo:

“(...) Mas acabamos às vezes por nos esquecer destas coisas tão importantes por que os conteúdos matemáticos e os conteúdos de português, principalmente os de matemática, são muito extensos.... Quanto a mim estão um bocadinho ... fora do...do espaço temporal. Estamos a dar conteúdos nestas idades que nós, antigamente, dávamos no 4.º e no 5.º ano. Eles... estes miúdos... quanto a mim, cada vez nos chegam às mãos mais imaturos com menos capacidade de abstração, de concentração, de estar e estes conteúdos apelam muito a isso. Portanto torna-se difícil. A escola também, ainda não evoluiu, nós não temos capacidade, com 26 alunos, de... fazer uma escola diferente mais para as experiências, mais para a parte prática... porque 26 alunos do 1.º, do 2.º ou mesmo no 3.º ano no estado em que eles nos chegam muitas vezes às mãos, é muito difícil...” (Registo *Entrevista E3*)

Por outro lado, todos os inquiridos referem que são flexíveis na organização do seu tempo referindo que caso não tenham tempo para terminar uma atividade no dia em que a mesma estava planificada, que dão continuidade noutro dia ou que quando têm alguma coisa planificada para um determinado tempo/ momento do dia, têm que alterá-lo para outro pois surgem questões e/ou situações que levam a que tenham que realizar uma flexibilidade. O/A E1 refere que caso não consiga realizar ou terminar uma atividade no dia pressuposto que começa ou continua noutro dia, o/a E2 menciona, por exemplo, que há uma flexibilidade na organização devido a acontecimentos e questões que as crianças trazem para a sala, o/a E3 afirma que caso esteja a dar a disciplina de português e já tenha passado o tempo de aula e eles tenham dúvidas, que continua a abordar este domínio para que as crianças não avancem na matéria sem compreendê-la e a E4 indica que esta organização do tempo é flexível pois muitas vezes existem situações ou atividades exteriores à escola ou da comunidade que

acabam por ser levadas para a aula e aquilo que tinha para lecionar tem que passar para outros dias. Todos os inquiridos mencionam que apenas o que é importante é o bem-estar das crianças, que a mesmas aprendam e possam realizar as atividades ao seu ritmo.

Relativamente às abordagens pedagógicas é possível verificar que apenas o/a E1 mencionou que o seu método era o João de Deus, mas que não seguia o método de forma muito rígida pois considera que as crianças ainda são muito novas, por isso adapta à sua maneira. O/A E2 acaba por considerar que utiliza um conjunto de várias metodologias mas que se centraliza, em grande parte, em pedagogia participativa e, por fim, as professoras E3 e E4 constataam que o ensino ainda é muito centralizado nas mesmas acabando por se tornar num ensino por transmissão apenas.

No fundo as aprendizagens que as crianças podem adquirir através das rotinas acaba por ser a autonomia, responsabilidade, a construir o seu pensamento e a sua identidade, na autoestima e antecipa-lhes a ansiedade daí que os inquiridos tenham referido que boas rotinas são essenciais para as crianças.

Todos os entrevistados referiram que o seu papel é bastante ativo ao longo dos vários momentos da rotina como o ser mediador no diálogo, no questionamento e/ou conflitos, colocar à sua disponibilidade materiais, no fundo ser quem organiza o espaço e o tempo, mas também, de acordo com o/a E3 tentar dar-lhes espaço para serem independentes e conseguirem ultrapassar obstáculos sozinhos, mas sempre incentivando-os.

Na sua maioria, tanto o/a E1 como o/a E2, E3 e E4 referem que como instrumento de avaliação para compreenderem se a organização do tempo pedagógico é a mais adequada ao seu público-alvo, a observação direta, grelhas e diálogos. Apenas o/a E1 não referiu que utilizava os diálogos como instrumento de avaliação.

Ao longo de todo este processo de investigação foi bastante perceptível que em Pré-escolar a organização do tempo acaba por se tornar mais individualizada, onde todos os intervenientes de educação apelam ao respeito pelos ritmos e necessidades das crianças principalmente ao nível das necessidades básicas como a higiene e alimentação, ou seja, acaba por se tornar um pouco mais flexível e não é, de todo, estanque. De uma forma geral, ao longo do ano letivo a organização do tempo pedagógico vai sofrendo alterações consoante as necessidades das crianças ou situações/atividades vindas do exterior ou que constem no plano anual de atividades da instituição daí que muitos docentes tenham referido que havia uma flexibilidade em relação a essa organização do tempo pedagógico. Tal como Hohmann & Weikar (1997, p. 227) afirmam: "(...) a rotina é flexível na forma como os adultos compreendem que nunca podem prever com exatidão aquilo que as crianças farão ou dirão, ou como as decisões que as crianças tomam irão moldar cada experiência".

Por outro lado, no primeiro ciclo, foi possível verificar que embora haja uma rotina estabelecida pela instituição desde o início do ano letivo, como o horário, que este vai sofrendo

alterações ao longo do ano letivo consoante a necessidade de aprofundamento de algumas áreas de conteúdo, consoante atividades propostas pela comunidade ou pelo agrupamento da instituição. Através da observação direta, das reflexões sobre as práticas pedagógicas realizadas em sala de aula, pela organização do tempo realizada pelos docentes e das entrevistas semiestruturadas realizadas aos/às educadores/as e professores/as cooperantes, foi possível verificar que eram tidas em conta as dificuldades das crianças e as mesmas eram apoiadas por mais tempo de explicação neste sentido mesmo que não fosse pelo/a professor/a titular de turma e sim por outro/a docente com apenas essa função.

Embora se considere que em pré-escolar haja uma flexibilização maior do que em 1.º ciclo relativamente à organização do tempo pedagógico, através dos estágios realizados conseguimos perceber que nem sempre é assim. Quando observamos a prática do/a professor/a cooperante na turma mista de 3.º e 4.º ano, percebemos que o/a mesmo/a utilizava estratégias para a organização do tempo em sala de aula não só benéficas para as crianças como para ele/a enquanto docente, visto que, lecionava conteúdos diferentes a ambos os grupos ao mesmo tempo para não confundir as crianças nem se confundir a ele/a mesmo/a. Como é possível verificar, no horário de ambas as turmas, tanto uma faixa etária como a outra começavam e terminavam o dia com as mesmas disciplinas às mesmas horas, embora nem sempre o/a professor/a cooperante realizasse a organização do tempo desta forma. Enquanto o grupo do 4.º ano trabalhava a área do português, o/a professor/a com o grupo do 3.º ano trabalhava a área da matemática, estudo do meio e/ ou expressões, isto é, cada um dos grupos trabalhava coisas diferentes à mesma hora consoante a necessidade de cada grupo e para facilitar a gestão dos grupos ao/a professor/a cooperante

Em suma, na sua maioria, os inquiridos demonstraram-se sensíveis perante este tema pois na teoria sabem qual a importância e relevância das rotinas para o desenvolvimento (inter)pessoal da criança embora nem sempre na prática consigam coexistir. Assim, de acordo com o Despacho n.º 5908/2017- Secção II (a que se refere o artigo 13.º) -5 de julho de 2017 para que exista um ensino diferente e de qualidade é necessário "(...) garantir que o sucesso se traduz em aprendizagens efetivas e significativas, com conhecimentos consolidados, que são mobilizados em situações concretas que potenciam o desenvolvimento de competências de nível elevado (...)".

Capítulo III – Considerações Finais

Ao longo de todo este processo de investigação pelo qual passamos foi bastante perceptível o impacto que o mesmo tem para o culminar de todas as nossas aprendizagens realizadas ao longo do mestrado. Este relatório foi, sem dúvida, uma reflexão constante sobre tudo o que tivemos o privilégio de aprender não só com a realização dos estágios, mas também com todas as unidades curriculares ao longo do curso. A relação que tivemos entre a teoria e a prática só foi possível através de todo o apoio e material disponibilizado pelos nossos docentes do curso que de tudo fazem para que nós, enquanto futuras profissionais de educação, levemos para a nossa futura prática um ensino multifuncional, isto é, onde consigamos realizar um ensino transversal em relação aos conteúdos existindo então a interdisciplinaridade, que vejamos a criança como o principal ator da sua aprendizagem e que a vejamos como um ser individual com os seus próprios ritmos e necessidades tentando ao máximo conciliar a nossa prática com os interesses individuais da criança bem como de todo um grupo e ver a criança como exploradora e disponibilizar os materiais necessários a essa exploração.

A tarefa que nos espera certamente não será simples, o nosso papel é fulcral em todos os momentos de aprendizagem quer como mediadora de diálogos, quer como observadora de comportamentos ou até como criança no meio das crianças. Para que a nossa prática vá ao encontro daquilo que eticamente será mais adequado, precisamos sempre de estar a par da mudança, de novos estudos, novos métodos ou novas ideias através da leitura. Para nós a leitura de teses, artigos ou livros foi o começo para todo este crescimento pessoal e profissional com que nos deparamos hoje. Mas, nem todas as nossas práticas foram o espectável e nem sempre na realidade observada conseguimos prever situações ou como lidar com elas, por isso, tanto na realização dos estágios como durante a realização do presente relatório, surgiram alguns constrangimentos. Os constrangimentos relativamente aos estágios foram sendo desmistificados ao longo de todo o Capítulo I, após cada valência de ensino, mas sobre o relatório falaremos agora.

Relativamente ao nosso ponto de partida o nosso maior constrangimento ou até mesmo limitação foi em tentar estreitar o mesmo, de modo a não o colocar demasiado abrangente. Ao início era esse o nosso receio, de o tema incidir em demasiadas direções levando a que durante algum tempo se tornasse um problema iniciar o estudo pois não havia apenas um rumo. Ao longo destas inquietações o maior apoio foi, sem dúvida, por parte da nossa orientadora que norteou da melhor forma o sentido do tema. Para além disso, na nossa questão de investigação, prevê-se a escolha de quais as metodologias mais adequadas para o estudo em questão e surgiram aqui algumas dúvidas, principalmente nos intervenientes que seriam escolhidos. Para nós fez sentido realizar o estudo baseado nos contextos de estágio onde tivemos a oportunidade de contactar, mas, para além dos inquiridos escolhidos, poderia ter sido interessante saber as opiniões das crianças do J.I e do 1.º ciclo sobre o tema, ou seja,

conhecer qual a sua perspectiva em relação às suas funções dentro da sala, caso existam, se sentem que têm autonomia dentro da sua sala, se as suas opiniões são tidas em conta, se existem momentos de diálogo entre adulto-criança, criança-adulto e criança-criança e se considera que o adulto tem em conta o seu ritmo e necessidades de aprendizagem.

Obviamente que existem certos apontamentos que só nos damos conta aquando nos distanciamos do nosso trabalho, daí a importância de refletir. Certamente que embora sentíssemos que o todo material recolhido para a construção deste relatório estava a ficar escassa, a verdade é que muita coisa ficou por ser estudada e anotada. Acabamos por perceber que há sempre mais a dizer e que um trabalho como este nunca é dado como finalizado. Ao longo de todo este processo foram surgindo algumas questões que poderiam ser aprofundadas pois seriam uma ótima oportunidade para o nosso processo de aprendizagem profissional compreender, por exemplo, *“Em que medida o ruído e os comportamentos agitados das crianças influenciam a execução das rotinas diárias?”*, sendo que, sabe-se que estas são importantes para o desenvolvimento da criança e que esses comportamentos podem ter repercussões no futuro se não forem tidos em atenção agora. Esta questão surgiu tendo em conta a turma de 2.º ano com que nos deparamos em estágio. Outra das questões surgiu através do estágio com as turmas de 3.º e 4.º anos pois por serem duas turmas, nem sempre os docentes implementam atividades mais lúdicas ou em grandes grupos misturando as duas faixas etárias e, por isso, na concretização deste estágio, surgiu-nos a questão: *“Até que ponto os jogos serão um bom recurso didático?”* que consideramos que seja uma questão bastante interessante para aprofundamento por forma a investigar quais poderão ser as vantagens e limitações caso existam e perceber a opinião dos docentes relativamente à utilização destes recursos.

Esperemos que este seja apenas um terminar de um capítulo, um virar de uma página em branco onde possamos continuar a delinear a nossa próxima etapa de vida, a vida que escolhemos ser.

Referências Bibliográficas

- Amado, J., & Ferreira, S. (2014). Manual de Investigação Qualitativa em Educação. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. Obtido de https://www.essr.net/~jafundo/mestrado_material_itgjkhnld/Material%20Prof%20Ilidia/Manual%20de%20Investiga%C3%A7%C3%A3o%20Qualitativa%20em%20Educa%C3%A7%C3%A3o_1.pdf
- Barbosa, M. C. (2000). *Por Amor & Por Força- Rotinas na Educação Infantil*. Obtido de Repositório da Produção Científica e Intelectual da Unicamp: http://taurus.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/253489/1/Barbosa_MariaCarmenSilveira_D.pdf
- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. (L. A. Reto, & A. Pinheiro, Trans.) Lisboa: Edições 70.
- Bell, J. (1997). *Como Realizar um Projeto de Investigação: Um guia para a pesquisa em ciências sociais e da educação*. (G. Valente, Ed., & M. J. Cordeiro, Trad.) Gradiva.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à teoria e aos métodos* (Vol. 12 de Ciências de Educação). (M. J. Alvarez, S. B. Santos, & T. M. Baptista, Trans.) Porto Editora.
- Brickman, N. A., & Taylor, L. S. (1996). *Aprendizagem Activa: Ideias para o Apoio às Primeiras Aprendizagens*. (E. F. Rocha, Trad.) Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Brito, Â. d., & Santos, M. L. (2011). *O Brincar na Pedagogia-em-participação*. Obtido de Universidade de São Paulo: www3.fe.usp.br/secoes/inst/novo/agenda_eventos/inscricoes/PDF_SWF/11438.pdf
- Cardona, M. J. (28 de Março de 1999). O Espaço e o Tempo no Jardim de Infância. *Pró-posições*, 10(1), pp. 132-138. Obtido de *Pró-posições*: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8644105/11543>
- Ceccato, A., Gallina, C. P., & Costa, G. M. (Julho- Dezembro de 2012). *Aprendizagem Efetiva na Educação Especial: É Possível?* Obtido de Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai - IDEAU: https://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/36_1.pdf
- Deus, J. d. (1876). *Cartilha Maternal ou Arte de Leitura*. Obtido de Internet Archive: <https://ia902307.us.archive.org/0/items/CartilhaMaternal/005.png>
- Dicionário infopédia da Língua Portuguesa*. (2013-2019). Obtido de <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/rotina>
- Educação, D. G. (s.d.). *Organização e Gestão Curricular*. Obtido de Direção Geral da Educação: <http://www.dge.mec.pt/matriz-curricular-do-1o-ciclo>
- Educação, M. (Setembro de 1997). *OCEPE*. Obtido de Direção Geral da Educação: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/orientacoes_curriculares_pre_escolar.pdf
- Educação, M. (Abril de 2016). *OCEPE*. Obtido de Direção Geral da Educação: http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Noticias_Imagens/ocepe_abril2016.pdf
- Esteves, M. A. (2013). *Projeto de Intervenção*. Obtido de Agrupamento de Escolas Sá da Bandeira.
- Fialho, I., & Sarroira, L. (2012). *Cultura Profissional dos Professores numa Escola em Mudança*. Obtido de Repositório Universidade de Évora: <https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/8187/1/Cultura%20profissional%20dos%20professores%20numa%20escola%20em%20mudan%C3%A7a,%202012%20-%20Ed%20Temas%20e%20Problemas.pdf>
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa* (25ª ed.). São Paulo: Paz e Terra- Coleção Leitura.
- Gomes, A. I. (2015). *Um Olhar Reflexivo Sobre a Educação de Infância e o 1.º Ciclo*. Obtido de Repositório Comum: <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/13153>
- Hohmann, M., & Weikar, D. P. (1997). *Educar a Criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Hohmann, M., Banet, B., & Weikart, D. (1995). *A Criança em Acção* (2.ª ed.). (R. M. Brito, Trad.) Fundação Calouste Gulbenkian.
- Machado, F. S. (29 de Abril de 2013). *A Gestão Curricular em Turmas com Diferentes Anos de Escolaridade Conceções e Práticas Pedagógicas dos Professores do 1.º CEB*. Obtido de Repositório Universidade do Minho: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/25963/1/F%C3%A1tima%20Susana%20Ara%C3%BAJo%20Machado.pdf>
- Masson, T. J., Miranda, L. F., Jr., A. H., & Castanheira, A. M. (Setembro de 2012). *Metodologia de Ensino: Aprendizagem Baseada em Projetos*. Obtido de Associação Brasileira de Educação em Engenharia-Cobenge: <http://www.abenge.org.br/cobenge/arquivos/7/artigos/104325.pdf>
- Máximo-Esteves, L. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação-Ação*. Porto Editora.
- Moufarda, C. M. (Novembro de 2014). *A Importância e o Impacto das Rotinas na Creche e no Jardim de Infância*.
- Oliveira-Formosinho, J. (Abril de 2009). *Podiam Chamar-se Lenços de Amor*. Obtido de Direção Geral da Educação: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EInfancia/documentos/lenços_amor_0.pdf
- Oliveira-Formosinho, J., & Araújo, S. B. (2013). *Educação em Creche: Participação e Diversidade*. Porto Editora.
- Oliveira-Formosinho, J., & Formosinho, J. (Setembro-Dezembro de 2017). *Pedagogia-em-Participação: A Documentação Pedagógica no Âmbito da Instituição dos Direitos da Criança no Cotidiano*. pp. 115-130. Obtido de Em Aberto: <http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/3391>
- Oliveira-Formosinho, J., Andrade, F. F., & Formosinho, J. (2011). *O Espaço e o Tempo na Pedagogia- em-Participação*. Porto Editora.
- Oliveira-Formosinho, J., Lino, D., & Niza, S. (2007). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância: Construindo uma práxis de participação- Coleção de Infância* (3ª ed.). Porto: Porto Editora.
- Pereira, C. F. (2014). *O Trabalho de Grupo como Fator Potenciador de Integração Curricular no 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Obtido de Repositório Instituto Politécnico de Viseu: <http://repositorio.ipv.pt/bitstream/10400.19/2809/1/relatório%20versão%20final.pdf>

- Portugal, G. (2000). *Educação de Bebés em Creche: Prespetivas de Formação Teóricas e Práticas*. Revista do GEDEI (Grupo de Estudos para o Desenvolvimento da Educação de Infância), 1, (85-107).
- Portugal, G. (2011). No Âmbito da Educação em Creche – O Primado das Relações e a Importância dos Espaços. *Mesa Redonda- As Questões do Atendimento e Educação da 1ª infância: Investigação e Práticas*, pp. 47-60. Obtido de Conselho Nacional de Educação: www.cnedu.pt/content/antigo/files/pub/Ed%20das%20criancas%20aos3/5-mesa1.pdf
- Portugal, G. (Setembro- Dezembro de 2012). *Uma Proposta de Avaliação Alternativa e “Autêntica” em Educação Pré-Escolar: O Sistema de Acompanhamento das Crianças (SAC)*. Obtido de Revista Brasileira de Educação: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v17n51/06.pdf>
- Projeto Educativo Alexandre Herculano*. (2013-2017). Obtido de <http://www.ae-alexandreherculano.pt/images/stories/docorient/pe21nov16.pdf>
- Regulamento Interno para a Valência de Creche no Jardim-Escola João de Deus*. (30 de Março de 2016). Obtido de Associação de Jardins-Escolas João de Deus: <http://www.joaodeus.com/docs/RI-Creche-1516.pdf>
- Reis, F. L. (2010). *Como Elaborar uma Dissertação de Mestrado: Segundo Bolonha*. Lisboa: Lidel.
- Serra, C., Rosário, C., Granjo, P., & Cahen, M. (2013). *O que é Investigar?* Lisboa: Escolar Editora.
- Silva, A. P., & Pantoni, R. V. (Outubro de 2009). *Educação de Crianças em Creches*. Obtido de Tv Escola- Salto para o Futuro: www.diversidadeducainfantil.org.br/PDF/Educação%20de%20crianças%20em%20creche%20-%20Salto%20para%20o%20futuro.PDF
- Vasconcelos, C., Praia, J. F., & Almeida, L. S. (2003). *Psicologia Educacional e Educacional*. Obtido de Teorias de Aprendizagem e o Ensino/Aprendizagem das Ciências: Da Instrução à Aprendizagem: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572003000100002
- Zabalza, M. A. (1992). *Didática da Educação Infantil*. Edições ASA.

Legislação Consultada

Despacho n.º 5908/2017, Diário da República, 2.ª série — N.º 128 — 5 de julho de 2017

Decreto-lei, n.º 55/2018, Diário da República, 1.ª série — N.º 129 — 6 de julho de 2018

Anexos

I. Atitudes do Educador e Perspetiva da Criança em Creche

Rotinas	Atitudes do educador	Perspetiva da criança
Acolhimento e Canções de Roda 9h-9h30	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Proporcionar experiências de aprendizagem ativas e motivadoras. ➤ Envolver as famílias que chegam à escola num clima de acolhimento, segurança, cuidado e afeto. ➤ Incluir as crianças na construção do espaço e do tempo da escola (rotina); ➤ Acolher as singularidades de cada criança e incluí-las no desenvolvimento das situações planeadas. ➤ Proporcionar à criança a percepção da presença do outro 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Permite às crianças antecipar aquilo que se passará a seguir e dá-lhes um grande sentido de controlo sobre aquilo que fazem em cada momento do seu dia pré-escolar; ➤ Expressem as suas intenções
Hora da bolacha 9h30-9h45	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Satisfazer as necessidades básicas de alimentação. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Perceber a importância de satisfazer os seus desejos alimentares.
Atividade Orientada 9h45-10h40 (máximo meia hora)	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Adquirir progressivamente a coordenação e o controlo dinâmico do próprio corpo em atividades sensoriomotoras e sentir gosto e prazer nelas. ➤ Facilitar os movimentos locomotores e de preensão (pinça digital). ➤ Potenciar os sentidos: cheirando, escutando, apalpando, degustando e vendo. ➤ Desenvolver a motricidade ampla: andar, correr, saltar, subir, descer e gatinhar. ➤ Iniciar o conhecimento e uso dos instrumentos musicais; ➤ Promover o contato com diversos materiais e massas. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Estar interessada e motivada; ➤ Sentir-se capaz da realização das atividades; ➤ Envolver-se segura de si mesma.
Higiene e preparação para o almoço 10h45-11h	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Promover a sua autonomia nos hábitos de higiene (descolar a fralda). 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Percepção do que já é capaz de fazer.
Almoço 11h-12h	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Sentar-se bem à mesa 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Apreensão das rotinas e hábitos alimentares; ➤ Apreensão dos

		modos à mesa.
Higiene 12h-12h15	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Adquirir os controlos dos esfíncteres ➤ Saber identificar e distinguir as suas necessidades fisiológicas 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Perceção do que já é capaz de fazer e saber distinguir
Sesta 12h15-14h30	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Descalçar os seus sapatos 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Sentir-se confiante
Higiene e preparação para o lanche 14h30-14h45	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Momento privilegiado para a interação adulto-criança ➤ Momento privilegiado de afetos 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Saber receber e dar afetos
Lanche 14h45-15h	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Desenvolver a sua autonomia 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Apreensão das rotinas e hábitos alimentares; ➤ Apreensão dos modos à mesa.
Higiene 15h-15h30	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Aquisição de hábitos de higiene 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Perceção do que já é capaz de fazer e saber distinguir
Atividades Livres 15h30-17h	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Promover a interação entre as crianças em pequeno ou grande; ➤ Promover o contacto com materiais e experiências diversificadas 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Sentir-se confiante nas brincadeiras ➤ Descoberta de novos materiais

II. Planificação e Registo de Observação Diária sobre a Atividade “A lagartinha muito comilona”

terça-feira, 24 de janeiro de 2017				
	Objetivos	Estratégias/ Desenvolvimento de Atividades	Recursos	Avaliação
Expressão Plástica Atividade Orientada “A lagartinha muito comilona”	Desenvolver a motricidade fina <ul style="list-style-type: none"> Manipular os materiais; Fazer o movimento de pinça; Promover a exploração e produção plástica <ul style="list-style-type: none"> Realizar diferentes técnicas de expressão plástica, tais como: colagem 	A estagiária, começa por mostrar ao grupo uma grande lagarta feita com balões para despertar o interesse ao grupo. Seguidamente, mostra a capa do livro e pergunta que animal é que acham que é e que cores observam, de seguida começa por contar a história e ao longo de toda a história são mostradas frutas e muitas cores às quais a estagiária vai perguntando se sabem quais são. No final da história a lagarta transforma-se numa borboleta e estagiária diz: “A lagarta transformou-se numa linda borboleta, querem fazer a vossa borboleta?” Posto isto, a estagiária deve reunir o grupo nas mesas existentes na sala e disponibilizar todos os recursos necessários para que esta atividade possa ser desenvolvida.	História- “A lagartinha muito comilona”; Ficha com o desenho de uma borboleta; Cola branca; Algodão; Papel colorido; Papel crespado; Purpurinas; Educadora; Auxiliar; Estagiária Ana Rita.	Observação direta; Registos fotográficos.
	Obs. Foi a minha primeira intervenção e penso que correu muito bem. O ponto mais elevado deste momento foi quando mostrei ao grupo uma lagartinha feita, por mim, com balões. Foi um elemento surpresa de grande impacto e, como disse às crianças que era um amigo especial, quase todas acolheram bem a novidade. À exceção de uma (sala de 1 ano) mas depois de algumas tentativas e de dizermos que eram apenas balões de festas e que não faziam mal, correu tudo bem. A ficha que elaborei não foi de todo uma atividade que tivesse surgido sob a minha iniciativa, mas apesar disso, a minha ideia seria que todas as crianças a realizassem ao mesmo tempo, coisa que não aconteceu. A educadora deu-lhes legos para brincarem, o que acabou por criar uma “quebra” de atenção e interesse na atividade, sendo que, a educadora sugeriu que eu realizasse a atividade um a um. Durante toda a atividade, este foi o aspeto que me deixou menos confortável, visto que, era uma atividade que eu gostaria que fosse realizada em grande grupo. À parte disso, a intervenção da educadora foi, de forma geral, pela positiva.			

III. Planificação e Registo de Observação Diária sobre a Atividade “Hortinha para levar e cuidar”

quinta-feira, 26 janeiro 2017				
	Objetivos	Estratégias/ Desenvolvimento de Atividades	Recursos	Avaliação
	<p>Descobrir e explorar o mundo físico e natural</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ser curioso e ter desejo de saber cada vez mais; • Utilizar os meios que possui para descobrir e explorar: a terra e o feijão. <p>Desenvolver a motricidade fina</p> <ul style="list-style-type: none"> • Segurar corretamente na colher; • Colocar a terra no recipiente; 	<p>A educadora começa por ler a história “João pé de feijão”, em seguida, pergunta às crianças: “querem fazer como o João e semear um feijão!?”. Com todas as crianças ainda sentadas no tapete após a leitura da história, a estagiária mete no chão (ao centro das crianças) um saco de lixo dos grandes para proteger o chão e para lá leva todo o material necessário para semear/plantar feijão. Incluindo os recipientes de iogurte já com corda posta nas abas e decoradas pelas crianças para que estas possam transportar da escola para casa e cuidar da mesma. Posto isto, cada uma das crianças vai preenchendo o seu recipiente de iogurte com terra para em seguida pôr as sementes e regar.</p> <p>Por fim, a estagiária coloca dentro dos recipientes um pau devidamente etiquetado com o nome da criança e com o nome da leguminosa.</p>	<p>Livro- João pé de Feijão; Recipientes de iogurte; Terra; Sementes; Água; Saco preto do lixo; Regador; Colher; Etiquetas; Educadora; Auxiliar; Estagiária Ana Rita.</p>	<p>Observação direta; Registos fotográficos.</p>

Conhecimento do Mundo
Atividade Orientada
“Hortinha para levar e cuidar”

Obs.	Esta atividade surgiu com base no que a educadora tinha pedido à estagiária Ana Rita. Na semana anterior tinham feito com a mesma uma sementeira num vaso e, na minha semana de intervenção, achei interessante o grupo fazer a sua própria sementeira para levar para casa e “cuidar”. Como eu sabia que não haveria tempo para as crianças decorarem os seus copos de iogurte (neste caso foram utilizados como vaso), não realizei esta atividade no próprio dia e sim na tarde do dia anterior (4ª feira). Cada uma das crianças pintou os seus copos de iogurte utilizando algodões presos a uma mola de roupa para que conseguissem agarrar suficientemente bem. Neste dia, após ter lido a história juntei o grupo em roda sentados no chão e fui chamando um a um para encherem o seu copinho com a terra, colocarem o feijão e em seguida regar. A educadora sugeriu que semeassem feijão sendo que, a história “João e o Pé de Feijão” foi ao encontro do material.
-------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

IV. Planificação e Registo de Observação Diária sobre a Atividade “Os animais”

“Os animais” - terça-feira, 9 maio de 2017				
Área/Domínio	Objetivos	Atividade/Estratégias	Recursos	Avaliação
Área de Expressão e Comunicação <ul style="list-style-type: none"> • Domínio da Educação Artística • Subdomínio das Artes Visuais • Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita • Domínio da Música Área do Conhecimento do Mundo <ul style="list-style-type: none"> • Conhecimento do mundo físico e natural 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Fomentar o diálogo 2. Apreciar e dialogar sobre o que fez e observou; 3. Compreender mensagens orais em situações diversas de comunicação 4. Descrever, analisar e refletir sobre o que vê 5. Diferenciar as cores; 6. Elaborar frases completas 7. Compreender e identificar características distintivas dos seres vivos 8. Conhecer diferentes animais e diferenciá- 	<p>- Antes de dar início à atividade, as crianças já estarão no chão em semicírculo e neste momento a estagiária antes de iniciar a leitura do livro, deve mostrar e perguntar sobre o que acham que este trata (Obj.1). Posto isto, elucidará ao grupo o que irão trabalhar durante toda a semana, nomeadamente, os animais. Para além disso deve perguntar de que animais foram falando na escola ao longo da primavera, referindo em específico algumas atividades da sala realizadas nas últimas semanas com animais. (Obj.1 e 2)</p> <p>Para prosseguir com a atividade, a estagiária passa à leitura da história sobre diversos animais (Obj.3). Durante a leitura a estagiária deve questionar:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Já viram alguns destes animais? (Obj.4). - Que cores têm estes animais? Será que existem outros de outras cores? (Obj.5). <p>No fim da leitura, a estagiária pergunta às crianças:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Que animais apareceram na história? 	<ul style="list-style-type: none"> - Livro - Pedras - Tintas - Pinceis - Verniz acrílico - Computador (Música) - Folhas - Esferográficas 	<ul style="list-style-type: none"> - Observação direta - Registo fotográfico - Registo escrito das ideias-chave de cada uma das crianças

	<p>los pelas suas características e modos de vida.</p> <p>9. Promover a utilização de materiais de uso utilitário ou recicláveis</p> <p>10. Estabelecer novas funcionalidades e significados a elementos da natureza (pedras)</p> <p>11. Promover a exploração de elementos expressivos da comunicação visual</p> <p>12. Reconhecer diferentes texturas; (liso ou rugoso)</p> <p>13. Desenvolver a expressividade e o sentido crítico</p> <p>14. Promover o prazer e bem-estar</p> <p>15. Relaxar e acalmar-se</p> <p>16. Incentivar a expor as suas ideias e experiências</p>	<p>- Sabem onde vivem alguns desses animais? Sim? Qual? Onde?</p> <p>- Têm alguns desses animais em vossa casa? Quantos? (Obj.6,7 e 8)</p> <p>Posto isto, a mesma manda cada um dos grupos (3,4,5 anos) sentarem-se nos seus respetivos lugares e entrega a cada uma das crianças uma pedra e coloca em cada uma das mesas tintas de diversas cores e pincéis para pintarem as suas pedras com o animal que preferiram da história (Obj.9, 10,11 e 12). Durante esta atividade a estagiária coloca uma música ambiente para relaxar e inspirar as crianças (Obj.14 e 15).</p> <p>À tarde, depois do almoço/ recreio, a estagiária pede a cada uma das crianças para envernizarem a sua pedra caso já estejam secas e, posto isso, reúne todo o grupo e vai pedido que cada um explique as razões que o levaram à escolha do animal que pintaram na pedra, perguntando, igualmente, onde acham que cada um destes animais vivem, se são domésticos ou selvagens, o que é que eles entendem por domésticos e selvagens, o que é que eles comem. (Obj.7, 8 e 16)</p> <p>Enquanto cada uma das crianças se expressa, a estagiária vai anotando no registo que disse cada uma delas para, posteriormente, expor</p>		
Observações:	<p>Todas as atividades serão realizadas sempre com o apoio da educadora, da auxiliar e da estagiária cooperante.</p> <p>- No momento do diálogo onde foi pedido às crianças para explicarem o porquê das suas escolhas dos animais este, foi realizado individualmente e o registo acabou por não ser exposto nas paredes da sala. Ficando então apenas com o registo da pedra de cada um deles expostas ao redor da sala.</p> <p>Através deste registo escrito foi possível verificar que todo o grupo conseguiu sistematizar as suas aprendizagens e mostrar-nos que estiveram atentos quando foi contada a história. Para muitos, a escolha dos animais foi fácil embora houvessem dois casos em que a escolha fosse mais difícil. O primeiro caso onde uma criança explicou que apenas</p>			

	<p>tinha escolhido o animal “x” porque era o que conseguia desenhar embora nos tenha exposto quais as suas características e ainda as características de outros animais e o outro caso está relacionado com uma criança que tinha pouca confiança naquilo que realizava e em fazer escolhas tanto que até nos pediu para visualizar o que o menino “AM” e a menina “D” tinham feito para que ela pudesse fazer igual.</p> <p>Com todo o nosso apoio e reforço positivo, a criança acabou por conseguir escolher e desenhar um animal e a própria ficou orgulhosa do trabalho que fez até porque acabou mesmo por ser a pedra mais bonita.</p>
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

V. Planificação e Registo de Observação Diária sobre a Atividade “O meu nome”

Área/Domínio	Objetivos	Atividade/Estratégias	Recursos	Avaliação
Área de Expressão e Comunicação <ul style="list-style-type: none"> • Domínio da Educação Artística • Subdomínio das Artes Visuais • Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita • Domínio da Música 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Fomentar o diálogo 2. Promover a exploração de elementos expressivos da comunicação visual <ul style="list-style-type: none"> ↳ Diferenciar as cores; ↳ As formas geométricas; 3. Desenvolver a expressividade e o sentido crítico 4. Descrever, analisar e refletir sobre o que vê; 5. Desenvolver a sensibilidade estética e expressiva 6. Promover o prazer e bem-estar <ul style="list-style-type: none"> ↳ Relaxar e acalmar-se Incentivar a expor as suas ideias e experiências 7. Elaborar frases completas, compreender mensagens orais em situações diversas de comunicação 	<p>Antes de dar início à atividade, as crianças já estarão no chão em semicírculo e neste momento a estagiária antes de iniciar a leitura da história, deve mostrar e perguntar sobre o que acham que esta trata. (Obj.1)</p> <p>Posto isto, elucidará ao grupo o que irão trabalhar durante toda a semana, nomeadamente, as letras/ palavras.</p> <p>Para prosseguir com a atividade, a estagiária passa à leitura da história sobre as vogais.</p> <p>Durante a leitura a estagiária deve questionar se conhecem a letra apresentada:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Conhecem essas vogais? - Conhecem algum nome que comece por alguma destas vogais? Qual/ quais? (Obj.1) <p>No fim da leitura, a estagiária pergunta às crianças:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Que letras apareceram na história? - Que animais foram aparecendo na história? - Onde se esconderam as vogais quando o João as foi procurar? - O que é que aconteceu na história? (obj.4) 	<ul style="list-style-type: none"> - História; - Computador; - 25 folhas de papel; - Revistas; -Jornais; -Papeis de diferentes padrões; - Papel de seda; - Tesouras; - Colas; -Esferográficas; - Computador (Música) 	<ul style="list-style-type: none"> - Observação direta - Registo fotográfico -Registo escrito das respostas de cada uma das crianças-

		<p>Posto isto, a mesma manda cada um dos grupos (3,4,5 e 6 anos) sentarem-se nos seus respetivos lugares e entrega a cada uma das crianças uma folha de papel de tamanho A4 já com o nome de cada uma das crianças impresso (apenas o contorno das letras), para além disso deve distribuir tesouras, colas e os diferentes tipos de papel para recortarem. (obj.2;3 e 5)</p> <p>Durante esta atividade a estagiária coloca uma música ambiente para relaxar e inspirar as crianças, visto que, será uma atividade realizada em grande grupo e todos estarão focados na mesma atividade. (obj.6)</p> <p>À tarde, depois do almoço/ recreio, a estagiária em pequenos grupos pergunta a cada uma das crianças:</p> <ul style="list-style-type: none"> — Qual é a primeira letra do teu nome? — Quantas letras tem o teu nome? — Que nomes/ objetos/ animais conheces com essa letra? <p>Enquanto cada uma das crianças se expressa, a estagiária na própria folha onde foi realizada a atividade da manhã (recorte e colagem) anotará todas as respostas dadas a cada uma destas questões (obj.7), posteriormente, será exposto na sala o mesmo.</p>		
Observações:	<p>Todas as atividades serão realizadas sempre com o apoio da educadora, da auxiliar e da estagiária cooperante.</p> <p>-Nesta atividade foi possível verificar que as crianças que faltavam mais à escola tinham maior dificuldade em reconhecer o seu nome mesmo se fossem do grupo dos mais velhos. Esta atividade, correu melhor do que o que era esperado, visto que, foi realizada em grande grupo e por norma a educadora realizava em pequenos grupos. Aqui, deu para perceber que realmente o trabalho em grande grupo é uma mais-valia pois não existiram crianças a perguntar constantemente o que o colega estava a fazer porque, efetivamente, todos estavam a realizar a mesma atividade.</p>			

VI. Planificação e Registo de Observação Diária sobre a Atividade “O Inverno”

Terça-feira		9 de janeiro de 2018			
Disciplina	Domínio/ conteúdo	Objetivos	Atividades/Estratégias	Recursos	Avaliação
Português	1. Oralidade 2. Iniciação à Educação Literária	Respeitar regras da interação discursiva <ul style="list-style-type: none"> Respeitar o princípio de cortesia e usar formas de tratamento adequadas ; Compreender o essencial dos textos escutados <ul style="list-style-type: none"> Antecipar conteúdos com base no título e nas ilustrações; Interpretar as intenções e as 	<p>Após a entrada, ordenada, dos alunos na sala de aula a estagiária cumprimenta-os com um “Bom dia”, pede aos chefes de turma que distribuam os cadernos diários e pede a todos os alunos que abram a lição no mesmo. Seguidamente, a estagiária informa ao grupo que irá contar uma história e que a mesma será exposta no quadro interativo para que todos possam ter acesso. Posteriormente, mostra-lhes a capa do livro e pergunta: “Sobre o que acham que fala esta história?”; “Em que altura se passará esta história? (estação); “Em que dia começou esta estação?”</p> <p>Durante e após a leitura da história a estagiária realizará algumas pausas na mesma para verificar se os alunos estão a acompanhar a leitura, para facilitar o acompanhamento da mesma e para envolver os alunos realizando então algumas perguntas, como por exemplo:</p> <p>Durante</p> <ul style="list-style-type: none"> — “O que mudou depois do Sapo ter acordado?” — “O que significa a palavra <i>Encosta</i>?”; — “O que significa <i>Cavaco</i>?”; — “O que acham que os amigos fizeram depois de o encontrarem gelado?”. <p>Após</p>	<p>Humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> Professora; Estagiárias ; Alunos. <p>Materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> História “O Sapo no Inverno” de Max Velthuis em formato papel e digital;¹⁶ Computador; Quadro interativo; Placard de inverno; 26 cartões com as 	<ul style="list-style-type: none"> Observação direta: Envolvimento e aquisição de conhecimentos; Registos fotográficos sobre o envolvimento; Diálogo em grande grupo para sintetizar o que foi mencionado em aula.

¹⁶ Link do livro da história: <https://pt.slideshare.net/CristinaCunhada/o-sapo-no-inverno-70797931>

		emoções das personagens da história.	<p>— “Como se sentia o sapo quando apareceu o inverno?”</p> <p>— “Quantas personagens apareceram na história?”;</p> <p>— “Porque é que o os amigos do sapo não tinham frio e ele tinha?”;</p> <p>— “O que fizeram os amigos do sapo para o ajudar com o frio?”.</p> <p>De seguida, a estagiária faz perguntas sobre o tempo meteorológico desta estação do ano, pergunta se conhecem alguns frutos da época, que roupas utilizámos e as comidas que mais se comem nesta altura (por exemplo: sopas, assados, feijoadas). Em seguida, a estagiária colocara sobre o quadro a giz um cartaz intitulado de “Inverno” onde existem quatro nuvens em branco abaixo deste título, sendo que, serão as crianças que terão que os preencher depois de ser feita a distribuição de 26 palavras por cada aluno. Enquanto isso, os alunos terão uma ficha à sua frente para escreverem todas as palavras no espaço indicado para cada uma delas para, quando terminarem, colarem no seu caderno diário de modo a ficarem com um registo sobre o que foi abordado em aula.</p> <p>No fim da aula, falar-se-á sobre o que aprenderam de novo e o que gostaram mais.</p>	<p>palavras para colocar no placard sobre as características do inverno;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ficha sobre as principais características do inverno. • Material de escrita; • Caderno diário. • Cola. 	
<p>Observações: Para a realização das atividades ao longo da semana foram sempre tidas em conta o feedback e intenções da professora titular de turma, sendo que, apenas a parte mais lúdica e os fios condutores das atividades foram pensados por mim indo sempre ao encontro do que foi pedido pela mesma.</p> <p>Os próprios alunos no início deste dia ficaram extremamente contentes por ouvirem uma história e inclusive referiram que só ouviam histórias connosco (Estagiárias) lá.</p> <p>Percebi desde logo que a turma não estava, de todo, habituada a ouvir histórias, nem a trabalhar em grupos de forma mais lúdica, daí que achei sempre importante realizar atividades diferentes, dentro do que era possível.</p> <p>Na aula de português houve a necessidade de explicar aos alunos as palavras: Tempo/Clima e de comidas ou estados metrológicos que não conheciam.</p>					

VII. Planificação e Registo de Observação Diária sobre a Atividade “Jogo do Banqueiro”

Sexta-feira		19 de janeiro de 2018			
Disciplina	Domínio/ conteúdo	Objetivos	Atividades/Estratégias	Recursos	Avaliação
Matemática	Números e Operações	<p>Multiplicar números naturais</p> <ul style="list-style-type: none"> Calcular o produto de quaisquer dois números de um algarismo; Construir e saber de memória a tabuada do 2 e do 3 (...); Reconhecer que o produto de qualquer número por 0 é igual a 0. <p>Sistema de numeração decimal</p> <p>Descodificar o sistema de numeração decimal:</p>	<p>A estagiária começa por fazer uma breve revisão sobre toda a matéria lecionada ao longo das semanas como: a Multiplicação; Centenas, dezenas e unidades; Dezenas e Centenas mais próximas e as sequências repetitivas com exemplos no quadro tendo os alunos que ir ao mesmo completar. Posteriormente, distribuirá uma ficha de consolidação sobre a matéria referida anteriormente sendo feita uma explicação do que é pedido em casa um dos itens da ficha e a resolução da mesma em grande grupo no quadro a giz. Assim que terminarem a tarefa, a estagiária irá organizar a sala e forma vários grupos (4) para jogarem o jogo do banqueiro. Este jogo deve ser jogado por 6 elementos cada um. Sendo que, cada grupo deve nomear quem será o banqueiro, ou seja, quem será responsável pelo material. Cada um dos restantes elementos do grupo, na sua vez, lança os dois dados e pede ao banqueiro um número de palhinhas igual à soma dos pontos indicados pelos dados. Sempre que cada um dos jogadores conseguir obter dez palhinhas dirige-se ao banco para as trocar por um grupo de palhinhas correspondentes. No final dos lançamentos (até existir palhinhas) os alunos devem registar as suas pontuações (total de palhinhas, quantos grupos de 10 palhinhas</p>	<p>Humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> Professora; Estagiárias; Alunos. <p>Materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> Ficha; Material de escrita; Computador; Quadro interativo. <p>Jogo do banqueiro:</p> <ul style="list-style-type: none"> Palhinhas; Dados; Caixas para as palhinhas; Elásticos; Tabela de registos para o grupo. 	<ul style="list-style-type: none"> Observação direta: Trabalho em grupo e Autonomia; Interação e comunicação dos alunos entre os colegas do grupo.

		<ul style="list-style-type: none"> • Designar cem unidades por uma centena e reconhecer que uma centena é igual a 10 dezenas; • Identificar que só quando a unidade é igual ou superior a 5 se passa para dezena mais próxima; <p>Identificar que só quando a dezena é igual ou superior a 5 se passa para centena mais próxima.</p> <p>Sequências e Regularidades</p> <ul style="list-style-type: none"> • Resolver problemas envolvendo a determinação de termos de uma sequência, dada a lei de formação. 	<p>obterão, quantas individuais obterão) numa tabela. Ganha o aluno que obtiver maior pontuação e será este o próximo banqueiro na próxima ronda.</p>		
--	--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

		Números Naturais: <ul style="list-style-type: none"> Efetuar contagens de 10 em 10. 			
--	--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--	--

Observações: Em português apenas o grupo com que fiquei consegui completar o texto, sendo que, os restantes tiveram que completar em casa e, por isso, não foi realizada a leitura a todos os grupos sobre aquilo que cada grupo escreveu. Desta forma, foi um pouco complicado de concretizar uma avaliação concisa de toda a turma sobre o que foi realizado em aula. No entanto, com a experiência que tive do meu grupo, percebi que os alunos têm imensas dificuldades em transpor e organizar as suas ideias para a escrita. Quando ao trabalho em grupo, penso que tem vindo a melhorar de forma gradual pois o meu grupo conseguiu conversar bastante sobre as ideias que cada um tinha e em pensar que palavras ficariam melhores nas conexões das frases claro que, sempre com bastante auxílio da minha parte, nomeadamente, dando a minha opinião caso o sentido de frase que estivessem a construir não estivesse tão bem. Em relação à avaliação de expressão física e motora, infelizmente não houve oportunidade de realizar os registos fotográficos devido ao meu envolvimento na tarefa.

VIII. Planificação e Registo de Observação Diária sobre a Atividade “Quiz DocRobô”

Sexta-feira- 18 de maio de 2018			
14h00 às 15h30	3º. Ano 4º. Ano	Matemática– Revisões (DocRobô)	
Domínios/ Conteúdos	Objetivos/ Descritores	Recursos	Avaliação
3º. ano 4º ano	Representação decimal de números naturais <ul style="list-style-type: none">Leitura por classes e por ordens e decomposição decimal de números. Multiplicação de números naturais <ul style="list-style-type: none">Tabuada do 7, 8 e 9;Cálculo mental. Divisão inteira <ul style="list-style-type: none">Cálculo mental.	Materiais: <ul style="list-style-type: none">Robodoc (3);Tabuleiros;Cartões;Pinos de identificação de equipas.	<ul style="list-style-type: none">Observação direta- (envolvimento e participação dos alunos);Diálogo com os alunos e questionamento ao longo da tarefa;Registos Fotográficos.
Atividades/ Estratégias (3º ano):		Atividades/ Estratégias (4º ano):	
Assim que os alunos entrarem na sala, a estagiária irá informar que irão fazer jogos e que, para isso, terão que formar equipas tendo a própria já organizado as mesmas. Em cada equipa haverá um elemento escolhido para ser o leitor das perguntas sempre que os alunos passem no tabuleiro por um desafio. Em cada tabuleiro existirão duas equipas com 4 e/ ou 5 elementos cada uma. Haverá sempre uma partida e uma chegada. Como apenas existe um robot por cada tabuleiro as equipas depois de jogarem, colocarão o seu pino a identificar onde pararam na última jogada. A equipa			

que começa a jogar é aquela que lançar o dado e sair o número maior de casas e por último jogará a equipa com menos pontuação no lançamento do dado. As questões serão sobre a matemática, sendo que haverá cartões especificamente para o 3º ano e outras para o 4º ano.

Observações:	Esta atividade foi muito bem-recebida pelas crianças porque nunca tinham mexido num robô. Ao início o grupo estava com algumas dúvidas relativamente às regras do jogo e devida à excitação de começar a jogar teve algumas dificuldades em explicar a tarefa. Assim, deixei que as crianças explorarem o material e depois fui passando pelos grupos e fui auxiliando-os.
---------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

IX. Planificação e Registo de Observação Diária sobre a Atividade “Ser criança é...”

Terça-feira- 29 maio de 2018			
09h00 às 10h30	3º. Ano	Educação para a Cidadania	
	4º. Ano		
Domínios/ Conteúdos	Objetivos/ Descritores	Recursos	Avaliação
3º. ano 4º ano Direitos das Crianças	A Educação para os Direitos Humanos <ul style="list-style-type: none">• Dar a conhecer os direitos das crianças• Promover a identificação de necessidades das crianças;• Comunicar, argumentar e ouvir a opinião de cada aluno.	Materiais: <ul style="list-style-type: none">• Papel Kraft• Cartolinas;• Fio/ corda;• Canetas de feltro;• Vídeo. (Direitos da Criança.)	<ul style="list-style-type: none">• Observação direta-(envolvimento e participação dos alunos ao longo da aula);• Diálogo com os alunos e questionamento antes, durante e após a tarefa.• Registos Fotográficos.
Atividades/ Estratégias (3º ano):		Atividades/ Estratégias (4º ano):	
<p>Após a entrada dos alunos na sala de aula, as estagiárias cumprimentam os mesmos com um “Bom Dia” e questionam o grupo de que data comemorativa é que nos aproximamos, esperando que os alunos cheguem à resposta- <i>Dia da Criança....</i> Como tal, informarão que gostariam que cada um dos alunos apontasse numa folha o que é que para eles é ser criança. Depois de todos os alunos colocarem as suas opiniões nas folhas, as estagiárias informarão que irão construir um cartaz, ou melhor, um “estendal” colocando, com molas e presas a uma corda, as suas opiniões pessoais sobre o assunto. As informações e opiniões de cada um dos alunos irá para o “estendal” em cartolina, sendo que, os alunos deverão passar para a cartolina aquilo que escreveram previamente na folha. Essas cartolinas terão vários formatos, em formas de coração, de mãos e de estrelas e serão os alunos que escolherão o formato do suporte que desejarem. Para além disso, os alunos poderão acompanhar as suas frases com imagens e desenhos que poderão pintá-las. Posteriormente, assim que todos os alunos concluírem a atividade, as estagiárias questionam o grupo se por acaso já ouviram falar sobre os Direitos das Crianças e se sim, que direitos é que já ouviram falar. Seguidamente mostrarão à turma um vídeo, realizado por colegas a frequentar a licenciatura em Educação Social na ESES, sobre alguns dos direitos das crianças. No final, haverá</p>			

um diálogo com os alunos sobre aquilo que escreveram nas cartolinas com aquilo que ouviram no vídeo onde cada um dos alunos deverá apresentar à turma aquilo que escreveram nas cartolinas. Depois irão todos colocar, à vez, no estendal, as suas cartolinas com as suas frases/ opiniões.	
Observações:	Desde o início da semana que as crianças estavam bastante ansiosas para que chegasse o dia da criança. Aproveitando este entusiasmo, aproveitamos para nesta semana realizarmos atividades mais lúdicas, onde as crianças pudessem todas participar e serem ouvidas. Na minha opinião a atividade correu muito bem, as crianças deram um feedback muito positivo porque tiveram a possibilidade de expor as suas ideias para toda a turma e aprender através de situações mais lúdicas. A própria aluna M após as atividades que nós realizávamos era muito justa e justificava o porquê de ter gostado ou não das atividades e a mesma respondia sempre: “Nós gostamos de atividades onde pudemos mexer nos objetos, assim é mais fácil para aprender professora... não acham? Assim a gente consegue perceber melhor aquilo que nos explicam.”

Identificação dos/as Entrevistados/as

Identificação	Entrevistado/a 1- Creche	Entrevistado/a 2-J.I	Entrevistado/a 3- 1.º ciclo- 2.º ano	Entrevistado/a 4- 1.º ciclo 3.º e 4.º anos
Formação	Licenciatura em Educação de Infância. Escola Superior João de Deus	Curso de Educadores de Infância Escola Superior de Educação Maria Ulrich Licenciatura Escola Superior de Educação de Santarém Complemento de formação na área de expressão físico-motora	Licenciatura em 1.º Ciclo com variante de educação física	Bacharelato Licenciatura em ensino do português como segunda língua e língua não materna
Experiência Profissional	26 anos	24 anos	18 anos	17 anos
Rede pública e privada	Rede Privada	Rede Pública	Rede Pública	Rede Pública
Abordagens Pedagógicas	Método João de Deus	Sem abordagem “É uma junção de vários métodos, sim.” “(…) participativa e colaborativa no fundo.”	Sem abordagem	Sem abordagem

Guião de Entrevista aos Docentes

Objetivos:

- Identificar como é feita a organização do tempo pedagógico.
- Identificar se ocorrem alterações ao longo do ano letivo nesta organização.
- Perceber se e como as crianças são intervenientes nesta organização.
- Conhecer como avaliam o sucesso das crianças face esta organização.
- Conhecer as dificuldades sentidas pelos profissionais na organização do tempo pedagógico face às especificidades das crianças.
- Conhecer o impacto para as crianças da sua intervenção nesta organização.

Temas	Objetivo Específico	Tópicos da Entrevista	Questões
I. Legitimação e motivação da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Motivar o entrevistado ✓ Legitimar a entrevista 	<p>Informar os objetivos da entrevista.</p> <p>Garantir a confidencialidade do entrevistado e solicitar permissão ao entrevistado para gravar a entrevista.</p>	
II. Experiência profissional do entrevistado	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Conferir a formação académica do entrevistado ✓ Identificar o cargo/funções do inquirido na instituição ✓ Aferir o número de crianças na sala e as idades 	<p>Formação Académica.</p> <p>Funções do profissional.</p> <p>Informações sobre os alunos.</p>	<p>2.1 Qual a sua formação?</p> <p>2.2 Exerce mais alguma função na instituição para além da de educador/a /professor/a?</p> <p>2.3 Quantas crianças tem na sala e que idades têm as mesmas?</p>
III. Modo de organização do tempo pedagógico	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Identificar como é realizado a organização do tempo na sala ✓ Conferir a intenção pedagógica nesta organização 	<p>Organização do tempo na sala.</p> <p>Qualidade das aprendizagens.</p>	<p>3.1 Como é que é organizada a rotina diária, semanal e anual?</p> <p>3.2 Pensa que esta organização está adequada aos ritmos e às necessidades das crianças?</p> <p>3.3 Considera a sua organização do tempo pedagógico flexível? Como?</p>
IV. Abordagens Pedagógicas	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Conhecer as abordagens pedagógicas do interveniente ✓ Perceber qual a relação entre a organização do 	<p>Identificar abordagens pedagógicas utilizadas.</p> <p>Identificar as aprendizagens</p>	<p>4.1 A organização do tempo pedagógico na sua sala é feita tendo em conta alguma abordagem pedagógica, método ou modelo curricular</p>

	tempo da sala com as aprendizagens das crianças	adquiridas pelas crianças. Identificar o papel do interveniente nestes momentos.	em específico? Qual? 4.2 Como é que estes diferentes momentos da organização do dia contribuem para as aprendizagens das crianças? 4.3 Qual o seu papel nesses diferentes momentos e na promoção de aprendizagens?
V.Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Conhecer a sua opinião relativamente às rotinas ✓ Identificar as estratégias pedagógicas para avaliar a organização do tempo da sala 	Perceções sobre a importância das rotinas. Estratégias de avaliação.	5.1 Qual é a sua opinião relativamente às rotinas do dia a dia na sua sala? 5.2 Que estratégias utiliza para avaliar se a organização do tempo pedagógico da sua sala é apropriada de acordo com o seu grupo?
VI.Finalização da entrevista	✓ Agradecer o interveniente relativamente à disponibilidade de entrevista.	Agradecimento pela colaboração do entrevistado.	

X. Notas de Campo: Reflexões semanais e finais

Contexto: Creche	Identificação: Reflexão Final	Data: 28-02-2017	N.º: 1
<p>O estágio, inserido na unidade curricular de PES- Creche (prática de ensino supervisionada em creche) teve a duração de seis semanas em que, duas delas, foram de observação. O presente estágio foi realizado no Jardim-Escola João de Deus onde, eu e a minha colega ficamos com um grupo heterogéneo, ou seja, com crianças de idades compreendidas entre os 18 e os 24 meses. O facto de ser uma sala com estas características tornou-se uma mais-valia para nós em questões de aprendizagem, pois foi-nos possível verificar que os mais novos da sala são movidos a adquirirem novas aprendizagens e novos saberes através dos mais velhos. Assim que foi observada uma evolução na fala dos mais velhos e assim que estes alcançaram este feito, os mais novos conseguiram aos poucos estender o seu vocabulário e autonomia em muitas atividades como a de tirar os sapatos quando vão dormir, de entregar a chucha por vontade própria quando acordam, por ajudar na organização da sala e arrumar os brinquedos.</p> <p>Como já foi dito, esta instituição para além de abranger berçário, creche, jardim de infância e primeiro ciclo, abrange o 2º ciclo. Este aspeto foi um dos primeiros sobre o qual me interroguei pois, acho que são demasiadas valências numa mesma instituição. Foi possível verificar que existe uma grande colaboração entre as crianças mais velhas para com as mais novas. À hora da cesta, algumas crianças mais velhas de outras salas iam para a nossa sala e ficavam na vigia, assim que as crianças começavam a acordar as meninas mais velhas que lá estavam ajudavam os meninos da nossa sala a calçarem-se e a vestirem os bibes. Tal como é referido no Projeto Educativo da escola com o tema: “Educação para a Cidadania” que embora não esteja atualizado, a base e os princípios são sempre igual ano após ano, este, defende inúmeros objetivos como os de desenvolver a autoconfiança, autonomia, cooperação e entreajuda, o respeito pelo património cultural e ambiental, capacidade de comunicação e compreensão de outros pontos de vista, adquirir conhecimentos curriculares, tomar decisões e ter a liberdade de escolha. De entre todos estes, foi possível verificar que os últimos objetivos aqui mencionados do projeto não coincidem com a realidade, isto é, que a prática não se aplica à teoria, pois durante o estágio foi-me possível observar que nem sempre são feitas atividades em que a criança tenha a possibilidade de escolher o que quer fazer, como quer fazer e quando quer fazer. No caso das fichas que a educadora cooperante e a instituição fazem com as crianças, foi notória que não era a criança que fazia esta ficha seja ela de colagem ou de pintura ou até mesmo na escolha dos brinquedos que gostaria de brincar. Existiam algumas restrições em relação a este aspeto. E, se a criança não estivesse predisposta a realizar a atividade era “obrigada” a fazer ou então não a fazia de todo. Inclusive se alguma criança tivesse faltado no dia em que tivesse havido uma atividade orientada, a educadora pedia que fizéssemos um material</p>			

a mais para expor nos placares situados na sala e, posteriormente, no seu dossier. A educadora não tem um Projeto curricular de Turma, sendo que, esta, guia-se através do PDI (Plano de Desenvolvimento Individual) sendo que grande parte das atividades eram feitas individualmente.

No que se refere à minha integração na instituição e na própria sala senti uma empatia e simpatia no geral. O facto de termos sido apresentadas a todo o pessoal docente e não docente facilitou o processo embora, num primeiro dia de estágio, seja sempre um pouco desconfortante até porque tudo é uma novidade.

Durante a licenciatura tive a oportunidade de contactar com creche, sendo que, estive na sala de um ano. Visto que, é apenas o segundo estágio que faço com crianças tão pequenas ao longo do meu percurso académico penso que seja normal que o meu desempenho não seja o mais “adequado”. Foi-me alertado, e eu própria sei, que tenho alguma dificuldade na comunicação com as crianças e até com os adultos. Isto deve-se, no que refere às crianças, pelo receio de não conseguir que a minha “mensagem” seja suficientemente clara para a sua compreensão devido ao meu sotaque Micaelense e também por não querer, de forma alguma, que tanto a educadora cooperante tanto as intervenientes habituais de ação educativa da sala sintam que eu me estou a sobrepor ao seu trabalho. No que se refere aos adultos é pelo respeito e por pensar que não tenho conhecimentos suficientes para manter uma conversa, ou seja, é mais o medo de “fracassar” e por isso, em muitas circunstâncias, apenas sorrio e concordo com o que dizem. Considero que o que eu domino melhor é em termos relacionais com as crianças, eu tenho uma maneira específica de me relacionar com elas através das minhas expressões faciais e afeto. Para que estas semanas de intervenção fossem de sucesso, todo o conhecimento que nos foi transmitido nas aulas de DID- Creche (Didática da Educação de Infância- Creche) tornou-se imprescindível em relação às nossas atitudes perante algumas situações. Por exemplo, quando as crianças brincam nós devemos ter um papel ativo na intervenção pois, são a partir das brincadeiras que a criança expõe grande parte dos seus interesses, ou até mesmo implicações. Através do estudo da autora Melanie Klein (1997) foi-me possível verificar que esta afirma que as crianças expressam as suas fantasias, desejos e experiências da realidade de uma forma simbólica, através de brincadeiras e jogos, bem como Marilyn Fleeer em “*Play in the Early Years*”, direciona as suas pesquisas para a educação infantil, abarcando como temas: a brincadeira, a imaginação e a criatividade. Esta desenvolveu o “Jogo Concetual” (*conceptual play*) neste, o foco principal incide na relação entre a brincadeira, aprendizagem e desenvolvimento. Ou seja, é quando a brincadeira é vista como a atividade principal dentro de uma comunidade e quando isto acontece esta atua como o principal agente do desenvolvimento para a criança.

Após a observação relativamente a algumas práticas dentro da sala de aula, tive algumas interrogações tanto a nível da alimentação como da higiene e da própria

organização da sala comparativamente a outras práticas profissionais que tive ao longo da Licenciatura. Como já tinha sido referido, anteriormente, fiz um estágio de observação em creche com uma sala de um ano de idade e reparo que no presente estágio, as crianças não têm as “áreas/tapetes/cantos” dirigidos a diferentes brincadeiras, que não bebem água nem antes nem após as refeições, que não vão ao lavatório lavar as mãos e a boca (a auxiliar limpa-os com outros recursos) e que ainda fazem todas as refeições dentro da sala de aula. Ao longo das semanas de estágio e após conversar com a educadora cooperante percebi que a parte da refeição era feita na sala porque uma mãe tinha pedido à educadora que assim o fosse pois eram muito pequenos para irem para o refeitório. Acontece que, ao terem feito isso, penso que regrediram no processo de autonomia das crianças no que se refere à alimentação pois, como já foi referido, a sala tem meninos de diferentes idades, nomeadamente, de dois anos de idade o que significa que, enquanto que o restante grupo da sala de dois anos começou a ir para o refeitório em setembro, estes só foram no início de fevereiro verificando-se, que o bibe verdinho da nossa sala (dois anos) não estava no mesmo grau de igualdade neste aspeto. No que toca às outras interrogações, apenas me foi dito que as crianças só bebem água se pedirem ou se tiverem com tosse. Apesar disso, penso que este aspeto da alimentação deve ser aprofundado, sendo que, decidi fazer uma ficha de leitura sobre este tema. Outra questão que deve ser aprofundada é em relação às áreas/ tapetes/cantos de brincadeira que não existiam e que, possivelmente, têm um grande impacto.

Semana após semana, a minha relação com as crianças foi crescendo e cada vez mais reparei que elas se sentiam bem e seguras comigo. Nas últimas semanas de estágio sempre que eu chegava à sala, não eram todas, mas algumas crianças dirigiam-se a correr para me vir receber, abraçar e dar beijinhos. Claro que, toda esta relação construída com as crianças verificou-se muito mais a partir do momento que fiquei eu ao “comando”, quando comecei a intervir. Pareceu até que eles já olhavam para mim de outra forma e que me respeitavam, principalmente. As minhas intervenções pedagógico-didáticas para além de me terem auxiliado neste aspeto, auxiliaram com a restante comunidade educativa, especialmente com a educadora cooperante e com a auxiliar de ação educativa habitual da sala. No início, nem sempre as intervenções da educadora cooperante eram pela positiva, mas, com o passar do tempo, houve sempre cordialidade, troca de ideias e intervenções positivas assim que nos olharam de forma profissional. Existiram muitos momentos de conversa pois, grande parte das vezes ficávamos na hora da sesta com a educadora, o que nos permitiu contruir uma maior proximidade bem como, o cumprimento (beijinho) que todas as manhãs dávamos. Eu pessoalmente nunca tinha estagiado num local onde isso acontecesse.

As situações pedagógico-didáticas em que me senti mais à vontade e confiante eram quando cantava e quando contava as histórias. O melhor exemplo disso foi quando eu

contei a história da “Lagartinha muito Comilona” e a história do “Lápis amarelo e Lápis encarnado”. Na primeira história levei para a sala uma lagartinha feita com balões e foi o suficiente para que conseguisse captar a atenção do grupo e para que falassem da lagartinha durante todo o tempo em que ela esteve exposta na sala. Na segunda história reforcei novamente as cores Amarelo e Encarnado pois, em quase todas as atividades que planificamos, os nossos objetivos estavam relacionados muitas vezes com estas duas cores e acabamos por verificar que eles já as conseguiam distinguir no final do nosso estágio. Por outro lado, senti mais dificuldade em captar a atenção do grupo quando as atividades decorriam no ginásio escolar. A minha voz não era tão projetada o quanto eu desejaria pois, para além de fazer muito eco, as crianças assim que entravam no ginásio começavam a correr de imediato e aos gritos. No decorrer das atividades realizadas neste espaço escolar, consegui perceber que haviam algumas estratégias para captar a atenção do público-alvo. A primeira trata-se de deixar que as crianças explorem o máximo de tempo possível o espaço, seja a correr, seja a saltar para que gastem a maior energia possível. Depois de verificar que as crianças já “libertaram” estas energias prossegue-se então a explicação e demonstração da atividade. As crianças de idades tão pequenas, por norma, custa-lhes muito permanecerem sentadas por muito tempo ou irem se sentar quando as mandamos, por isso, uma ótima estratégia foi a de fazer um comboio com as crianças depois do aquecimento e levá-las para a “estação” mais próxima que, neste caso, seria o banco mais próximo para que se sentem e fiquem à espera de jogarem.

Perante algumas questões e dificuldades que identifiquei, relacionadas com a comunicação com as crianças penso que o melhor modo de as ultrapassar será mentalizar-me que eu sou capaz, que não sou nem melhor nem pior que ninguém e que vou ser uma boa profissional. Penso que o facto de me terem alertado para esta minha dificuldade (comunicação) ajudou bastante pois comecei a tentar mudar este aspeto e a tentar confiar mais em mim própria.

As leituras que terei em consideração em realizar, serão sem dúvida acerca da alimentação, sobre as questões de higiene e perceber se estas diferem consoante o modelo utilizado na instituição.

O nosso projeto penso que foi implementado da melhor forma, o tema “À Descoberta...” permitiu que pudéssemos alargar as nossas atividades nas diferentes áreas de conteúdo.

Em suma, gostaria de realçar que mesmo antes de concluir o secundário estava convicta que era pela educação que queria e gostava de ingressar, mas, até que essa escolha fosse definitiva tive que ouvir muitas opiniões. Opiniões estas nem sempre de carácter positivo e até para quem já ingressou há dez anos atrás, ainda ouviu. Opiniões ou constatações, todas elas fizeram com que a minha certeza ao ingresso nessa área fosse posta em causa, mas ainda assim persisti, vim e cheguei aonde cheguei com a certeza de

que a escolha foi uma abertura a novas oportunidades, oportunidades e aprendizagens que vão fazer parte da minha vida profissional. Finalizo com uma citação de Winston Churchill:

“A pessimist sees the difficulty in every opportunity; an optimist sees the opportunity in every difficulty.”

Contexto: J.I	Identificação: Reflexão Final	Data: 16-06-2017	N.º:2
<p><i>“Não devemos permitir que alguém saia da nossa presença sem se sentir melhor e mais feliz”</i> <i>Madre Teresa de Calcutá</i></p> <p>O estágio, inserido na Unidade Curricular de PES- J.I (Prática de Ensino Supervisionada em Jardim de Infância) teve a duração de sete semanas, sendo que, a primeira foi de observação, a segunda de intervenção conjunta bem como a última e as restantes quatro semanas em falta foram de intervenção intercalada com a minha colega de estágio.</p> <p>O presente estágio foi realizado no Centro Escolar, mais propriamente no Jardim-Escola onde, eu e a minha colega, permanecemos numa sala multietária, ou seja, com crianças de idades compreendidas entre os três e os seis anos. O facto de ser uma sala com essas particularidades tornou-se uma mais valia para experienciarmos as questões de aprendizagem, pois foi-nos possível verificar que os mais novos são “movidos” pelos mais velhos e até mesmo vice-versa, uma vez que, haviam crianças do grupo de três anos com bastantes capacidades de comunicação, raciocínio e maturidade. Um bom exemplo disto, era quando realizavam o Registo da Manhã onde o “chefe” tinha que assinalar quem estava presente, quem faltava e inclusive fazer a contagem do resultado. Houveram situações em que o grupo dos mais novos ajudava a fazer esta contagem mesmo que o chefe fosse do grupo dos mais velhos (seis anos). O grupo, no total, era constituído por vinte e cinco crianças onde dez eram do sexo feminino e quinze do sexo masculino. Algumas das singularidades deste grupo, comparativamente a outras salas, é que era um grupo bastante sereno, disciplinado, compreensível, respeitador e muito carinhoso. Foi possível verificar estas características sempre que todas as turmas de Jardim de Infância se uniam e deslocavam para os teatros e para idas à biblioteca na própria escola, onde a turma acima referida era, sem margem de dúvida, a mais bem-comportada. Como já foi dito anteriormente, esta instituição para além de abranger jardim de infância, abrange o 1º Ciclo. Este aspeto embora seja positivo, por não serem demasiadas valências como no estágio anterior em creche (porque ia desde o berçário ao 2º ciclo), tem em contrapartida o facto de não existir uma colaboração entre as crianças do primeiro ciclo com as crianças do Jardim de Infância. Primeiro porque eles nem têm contacto uns com os outros, ou seja, cada uma das valências tem o seu espaço exterior distinto (recreio) e no refeitório os almoços também são servidos por valências. No meu caso concreto lembro-me perfeitamente que a minha escola abrangia estas mesmas valências e no recreio</p>			

brincávamos todos juntos, e era muito engraçado pois na altura em muitas situações de jogo os mais velhos ajudavam-nos e gostavam que estivéssemos presentes nas brincadeiras enquanto que nesta instituição isto não existe nem que seja uma colaboração durante os almoços tal como era feito no estágio realizado anteriormente na João de Deus de Santarém onde, na hora da sesta; do almoço ou da tarde vinham alguns meninos destacados para virem à nossa sala ajudar-nos.

Relativamente ao Projeto da Escola e de Turma, em conversa com a Educadora esta informou-nos que este não existia e que todas as atividades que realizavam iam de encontro a um tema semanal enquadrado numa planificação mensal e que todas as educadoras tinham acesso e participavam na execução do mesmo, ou seja, cada uma das educadoras abordaria o tema com as estratégias em que se sentia mais à vontade mas este tema era trabalhado por todas, tal como é referido nos princípios pedagógicos do Projeto Educativo do Agrupamento é fulcral o: “Fomento do trabalho colaborativo e articulado, incentivando a partilha de informação, saberes e experiências” e tal como este princípio indica, cooperação e partilha era o que ocorria diariamente na instituição, achei fantástico esta situação pois noutras práticas de ensino decorrentes ao longo da minha licenciatura e mestrado nunca averigui estas situações, por norma, havia um projeto de turma onde cada uma das salas cumpriria o seu individualmente. Considero bastante importante haver esta cooperação e partilha até porque é uma mais valia para os educadores terem outros profissionais a realizarem as mesmas tarefas, ou para comparar resultados e situações, ou para ajudarem-se mutuamente com estratégias e ideias a implementar.

No que se refere à minha integração na instituição e na própria sala senti uma empatia e simpatia no geral. O facto de termos sido apresentadas a todo o pessoal docente, não docente e às instalações facilitou o processo embora, num primeiro dia de estágio, seja sempre um pouco desconfortante até porque tudo é uma novidade ainda para mais porque não nos foi possível apresentarmo-nos à instituição antes de iniciar o estágio. Em estágios anteriores, foi-me alertado que tinha alguma dificuldade na comunicação com as crianças e até mesmo com os adultos na minha prática. Isto deve-se, no que refere às crianças, pelo receio de não conseguir que a minha “mensagem” seja suficientemente clara para a sua compreensão devido ao meu sotaque Micaelense e também por não querer, de forma alguma, que tanto a educadora cooperante quanto as intervenientes habituais de ação educativa da sala sintam que eu me estou a sobrepor ao seu trabalho. Sendo que, já me haviam alertado para esta dificuldade de comunicação, deduzi que como seria a primeira vez a contactar com crianças desta faixa etária que teria ainda mais restringimentos o que foi, totalmente o oposto. Senti-me profundamente grata pelo grupo com que fiquei, que me acolheu de uma forma tão calorosa e que em tantas memórias irá ficar no meu coração. Embora tivessem ocorrido alguns percalços relativamente à postura da educadora, as crianças foram sem dúvida o melhor que me aconteceu no ano letivo inteiro. Nunca senti

tanto carinho retribuído como com estas crianças. Sei que marquei a diferença e senti que a minha prática foi reconhecida por eles. Tive bastante feedback dos próprios ao longo das atividades (devido aos diálogos que fazíamos diariamente antes e após as atividades), e era agradável perceber que eles conseguiam dar valor àquilo que realizávamos com eles e, acima de tudo, que havia uma sintonia entre nós, eles sabiam quando é que podiam ter os momentos de brincadeira comigo e quando é que não podiam e a partir daí surgiu uma grande cumplicidade entre todos nós. Se eu fiquei feliz foi porque eles ficaram felizes.

Considero que o que eu domino melhor é em termos relacionais com as crianças, eu tenho uma maneira específica de me relacionar com elas através das minhas expressões faciais e afetos embora, tenha superado drasticamente a minha comunicação com as crianças até porque elas ponham-me à vontade para que isso acontecesse e deixavam me interagir com elas nas mesmas brincadeiras. O ponto essencial para que me desse tão bem no estágio foi, sem dúvida, as crianças. Pareciam “mini adultos” e que mesmo sem nos perguntarem sabiam que nos tinham que ajudar a integrar no grupo.

Para que estas semanas de intervenção fossem de sucesso, todo o conhecimento que nos foi transmitido nas aulas de DID- J.I (Didática da Educação de Infância-Jardim de Infância) tornou-se imprescindível para as nossas atitudes perante algumas situações ou para perceber alguns funcionamentos da sala. No que se refere à organização e funcionamento da sala foi perceptível o comentário da educadora, logo nas primeiras semanas de estágio em pedimos toda a documentação necessária, dizer-nos que se guiava por vários modelos pedagógicos e não apenas por um. Este aspeto foi possível averiguar através da organização, da disposição dos materiais, dos próprios materiais, das regras de funcionamento e ao facto do material ser exposto (ou ser essa a intenção) ao nível da criança, tudo isto nos indica que a mesma vai ao encontro a diversos modelos tidos como referência nas aulas da docente Maria João Cardona. Para além disso, todas as outras Unidades Curriculares foram-nos bastante úteis desde a Matemática, Conhecimento do Mundo, Expressões e Formação Pessoal e Social. Foram importantes porque através destas conseguimos ter algumas ideias de como implementar atividades com certos conteúdos.

Um dos pontos que considero que precisem de melhoria/aprofundamento e de apoio estão relacionados com a distribuição de aulas de DID-J.I. Ao longo das semanas de estágio, as nossas segundas-feiras de aulas foram sempre com a docente Maria João Cardona e considero que se tivéssemos tido os outros módulos da unidade curricular ao longo do mesmo, talvez tivéssemos tirado maior proveito do mesmo.

Relativamente a algumas práticas dentro da sala de aula, tive algumas inquietações quer a nível das práticas da educadora, ou até mesmo da falta de coerência naquilo que proferia às crianças para com aquilo que, ou nós estagiárias ou a auxiliar dizíamos, acabando por descredibilizar a nossa palavra perante o grupo. Houveram, de facto, alguns incidentes

ocorridos ao longo das nossas semanas de estágio entre a educadora e as crianças umas com menos e outras com mais impacto para com os meus ideais/ crenças/ valores. No que se refere à próxima inquietação, esta relaciona-se com aquilo que ou nós ou a auxiliar dizíamos às crianças e a própria acabaria por dizer outra coisa que não ia de encontro ao que teria sido dito inicialmente. Não é que estas atitudes me tenham afetado diretamente porque soube lidar bem com a situação, mas sim porque havia uma certa injustiça para com as crianças, pois estas ficavam atrapalhadas e acabavam por serem repreendidas por algo que a auxiliar/ nós tínhamos autorizado e posteriormente a educadora desautorizava.

Relativamente a outros aspetos da realidade observada, foi pela primeira vez que presenciei uma educadora realizar diálogos em grande grupo dando a oportunidade de expor e ouvir as opiniões das crianças; de poderem realmente escolher a área que querem (liberdade de escolha), de existir tarefas do “chefe” que nos remetam a atividades de vida diária, conduzindo à responsabilidade do indivíduo; e, também, da educadora não prescindir do tempo de recreio das crianças mesmo que estas ainda não tivessem acabado alguma tarefa. Para a educadora, em primeiro plano estava sempre o bem-estar do grupo e a própria sabia a importância deste espaço (recreio) e os benefícios que este trazia ao grupo quando regressavam à sala. Benefícios estes, o de “descarregarem” energias e regressarem à sala com uma postura bem mais calma. Outra questão que será bastante significativa para a minha prática futura, incide sobre as estratégias que a educadora utilizava diariamente com o grupo. Utilizava diferentes entoações a contar histórias para os cativar; para os acalmar falava mais pausadamente e com mais calma; quando haviam espaços “livres” durante as nossas intervenções rapidamente arranjava materiais didáticos para as crianças que já tinham terminado as tarefas propostas por nós, enfim um leque extenso de estratégias que para quem trabalha já há vários anos na área é algo completamente normal e que para nós ou melhor, para mim tornou-se um exemplo a seguir neste aspeto e que é algo que, futuramente, gostaria de atingir.

No que concerne ao meu desempenho ao longo do estágio, tal como já tinha referido anteriormente, a relação que foi construída com o grupo sobrepôs-se bastante à relação com a restante comunidade educativa, não no sentido em que esta não ocorreu, mas sim porque o tempo do meu dia a dia na instituição era, maioritariamente, aproveitado ao máximo para estar com as crianças e tentar conhecer as individualidades de cada um. Obviamente que criei ligações com a educadora e com auxiliar da sala onde fiquei destacada, bem como com as restantes educadoras e auxiliares das outras salas de jardim de infância, principalmente, quando reuníamos na sala de professores, no recreio e ainda nas atividades da instituição onde eram agrupadas as quatro salas.

Devido ao estágio anterior em creche, onde foi neste mais visível o “ato” de planificar, acabei por estar bem mais segura na elaboração das minhas planificações neste contexto embora, hajam aspetos sempre a melhorar como mencionou a docente Sónia Seixas

relativamente ao enquadramento/organização das estratégias com os objetivos pretendidos. Um aspeto positivo foi que tive em conta tudo o que era proposto pela educadora de acordo com o grupo, sem nunca “fugir” às minhas próprias ideias.

Na minha primeira semana de intervenção, existiram alguns prós e contras como seria de esperar, visto que, foi a minha primeira intervenção. Com todo o nervosismo por pensar que não conseguiria “agarrar” o grupo e mantê-los entusiasmados com as minhas atividades, acabei por não me sentir muito segura com o mesmo. Posteriormente, com a ajuda da educadora, auxiliar e estagiária cooperante o nervosismo acabou por ir enfraquecendo ao longo das horas, dos dias e das semanas, senti-me muito grata pelo empenho e pela ajuda vindo das mesmas neste processo.

Na semana anterior às intervenções falávamos sempre com a educadora e mostrávamos as nossas ideias, sendo que, existia sempre um feedback positivo da mesma sobre algumas atividades, ou seja, como poderiam resultar melhor ou não ou se tínhamos pensado em demasiadas atividades para tão pouco tempo pois, durante as nossas semanas de intervenção a instituição teve muitas atividades e isto acabou por influenciar a nossa prática. Houveram situações em que nos foi dito que não eram necessárias atividades para uma certa manhã/ tarde porque iam haver atividades na escola e depois, acontecia que estas atividades não se realizavam e ficávamos um pouco aquém e sem saber o que fazer com o grupo pois não havia sido planeada nenhuma atividade em específico. Este será, sem dúvida, um aspeto a melhorar, ou seja, arranjar estratégias que me ajudem no futuro a improvisar.

As situações pedagógico-didáticas em que me senti mais à vontade e confiante eram as atividades realizadas individualmente ou em pequeno grupo, onde eu sei que eram apenas as crianças que estavam a escutar-me ao invés de quando eram tarefas em grande grupo. Sendo que, as tarefas em grande grupo acabaram por ser implementadas por iniciativa própria, por forma de superar esta barreira/dificuldade entre o público adulto, foi aí que acabei por perceber que a minha comunicação com um grupo mudou drasticamente, eu própria arranjei estratégias (fingir que estava apenas eu e as crianças) para que não houvesse nenhum restringimento da minha parte ao realizar atividades em grande grupo.

Do meu ponto de vista, penso que acabei por cumprir grande parte dos objetivos propostos por mim. Isto tornou-se visível sempre que era realizado um diálogo em grande/pequeno grupo ou até, individualmente sendo que este diálogo acabava por ser uma consolidação das atividades realizadas ao longo do dia. No nosso último dia de estágio pedimos às crianças que pensassem quais tinham sido as atividades que tínhamos realizado com elas e quais as que tinham gostado mais, e qual não foi o meu espanto quando o grupo consegui dizer por inteiro todas as atividades? Fiquei bastante surpreendida pois houveram atividades que, devido à falta de concentração do grupo, pensávamos que elas não se iriam lembrar e o que é de facto é que se lembraram.

Uma das grandes dificuldades sentidas, até mesmo em contexto de creche, diz respeito ao fio condutor que queríamos estabelecer em todas as planificações. Como tive a possibilidade de experienciar diversas situações neste contexto e de experimentar algumas estratégias percebi que a leitura de histórias era um ótimo recurso para dar seguimento às nossas atividades e ainda com a vantagem de articular com as várias áreas do saber.

Sem dúvida que utilizarei esta estratégia, que agendarei leituras sobre metodologias de atuação e que recorrerei à pesquisa de recursos para melhorar as minhas práticas no futuro.

Relativamente às áreas que existiam na sala, não existia uma para a concretização de conversas/diálogos em grande grupo com a educadora, existia sim uma área para a leituras de histórias que se destinava apenas às crianças. Esta questão, para mim, suscitou alguma controvérsia pois a educadora no momento do acolhimento pedia às crianças para se sentarem no chão e colocava vídeos, seguidamente quando era feito o registo das presenças o grupo também se mantinha no chão, quando contávamos histórias e quando eles bebiam o leite também eram no chão e não havia um espaço acolhedor para este momento. Se, eventualmente, estagiássemos de novo na mesma sala e com a mesma educadora a proposta de projeto seria mesmo este, implementar uma nova área em que as crianças se sintam confortáveis, e possam disfrutar do momento.

Em suma, para mim, esta proposta seria uma ótima oportunidade no meu processo de aprendizagem profissional para compreender em que medida as “áreas” são importantes para o desenvolvimento da criança e a influência destas quando são tidas em conta um grupo específico.

Contexto: 1.º Ciclo- 2.º ano	Identificação: Reflexão Semanal	Data: 12 a 15 de dezembro de 2017	N.º: 3
<p>Sendo a minha primeira semana de intervenção, considero que tenha sido uma semana bastante atribulada pois foi a última antes de irem de férias de natal. Houveram inúmeras atividades que tiveram que ser realizadas com alguma rapidez, nomeadamente, mobiles de natal, postais de natal, ofertas para a família e embrulhos o que não facilitou o meu processo de intervenção.</p> <p>Para além disso, senti alguma dificuldade na gestão do tempo e consegui ter esta perspetiva, no início da semana o grupo estava mais calmo (2ª e 3ª feira) enquanto que nos restantes dias estiveram mais tensos possivelmente por estarem quase de férias e por na sexta-feira terem uma visita de estudo.</p> <p>Ao contrário do que estava à espera, senti-me bastante confiante quando abordei a tabuada do 2 e do 3 ao grupo. Senti e consegui avaliar que, de forma geral, ficaram a perceber bem a matéria pois não surgiram quase dúvidas nenhuma na realização dos vários exercícios. Penso que o que ajudou bastante na consolidação deste e dos restantes temas ao longo da semana foi o facto de ter feito sempre a correção em grande grupo para</p>			

os alunos. Inicialmente ia reger-me através do exemplo que tinha observado da professora titular de turma, mas acabei por arriscar e experimentar desta forma, pois percebi que a correção individual ainda leva a que existam cada vez mais ritmos diferentes de realização de atividades e eu queria ao máximo evitar que isso acontecesse. Para além disso, principalmente nas aulas de matemática, solicitei sempre que os alunos interagissem comigo, perguntando quais eram as respostas dos exercícios, como fazíamos para chegar ao resultado e pedia sempre que se dirigissem ao quadro para resolverem e explicarem.

Para além da dificuldade sentida na gestão do tempo, senti dificuldades na realização da avaliação das atividades de acordo com os objetivos a que me propôs. Comecei a perceber que era complicado de conseguir avaliar através de grelhas todos os dias de todos os alunos.

Relativamente à visita de estudo penso que foi uma mais-valia tanto para mim como para os alunos pois, acabei por conseguir avaliar se os alunos tinham aprendido as regras de segurança rodoviária. Para os alunos também foi uma mais-valia pois acabaram por fazer uma consolidação daquilo que foi abordado nas aulas com a prática. Outro dos pontos positivos desta visita foi que eu acompanhei a turma no autocarro, conversei e brinquei imenso com eles e inclusive fui fazendo sempre perguntas sobre aquilo que eles foram realizando ao longo da semana.

Em suma, embora tenha sido uma semana bastante intensa, sei que são aprendizagens que me vão ser úteis numa próxima intervenção pois consegui retirá-las tanto através daquilo que considero que tenha sido mais positivo, como do menos positivo.

Contexto: 1.º Ciclo- 2.º ano	Identificação: Reflexão Semanal	Data: 9 a 15 de janeiro de 2018	N.º: 4
<p>O decorrer desta semana, comparativamente à minha primeira semana de intervenção, considero que correu bastante melhor. Estava um pouco receosa com a gestão do tempo, mas consegui realizar todas as atividades a que me propôs na planificação, dentro dos tempos previstos. Fiquei bastante animada com o resultado desta semana pois sei que os alunos gostaram das atividades, dentro do que foi possível realizar, e que acima de tudo aprenderam. Ao longo de toda a semana fiz sempre questão de conversar em grande grupo com os alunos depois das atividades para os mesmos me poderem dar um feedback de como tinha corrido, se tinham gostado e se tinham aprendido coisas novas.</p> <p>Consegui realizar, pelo menos, uma atividade diária mais lúdica tal como nos propusemos com o nosso projeto de estágio, este era um dos objetivos. Foi uma semana bastante trabalhosa, mas sem dúvida que foi muito gratificante. Sempre que a professora titular interveio foi de forma positiva, o que acabou por elevar cada vez mais a minha autoconfiança perante o trabalho que estava a realizar com a turma.</p> <p>Em suma, de modo geral, penso que cumpri com todos os objetivos a que me propus nesta semana e consegui avaliar aquilo que correu melhor e o que correu menos bem.</p>			

Contexto: 1.º Ciclo- 2.º ano	Identificação: Reflexão Semanal	Data: 16 a 19 de janeiro de 2018	N.º: 5
<p>Esta semana, por ser a última semana de estágio, foi bastante intensa relativamente a emoções. Todos os dias, logo pela manhã, haviam imensos alunos que vinham ter connosco para nos dar um beijinho e um abraço porque sabiam que nos íamos embora. Como tínhamos que continuar a dar matéria ou a fazer consolidações, para tornar a semana um pouco mais “apelativa” decidi levar alguns jogos para o grupo. Senti que eles apreciaram bastante, principalmente o Jogo do Banqueiro porque eu disse-lhes que as palhinhas equivaliam a dinheiro. Gostava de ter tido mais tempo para fazer estes jogos. Normalmente, os jogos tinham que vir sempre depois de uma ficha e às vezes já não sobrava muito tempo para os mesmos. Como na semana passada eles já tinham referido que gostavam de ter mais tempo para fazer os jogos, as fichas que realizei para eles não exigiam muito tempo, eles próprios comentaram várias vezes que as fichas estavam muito acessíveis. Fiz isto com essa intenção, intenção de conseguir aproveitar mais tempo para jogar com eles.</p> <p>Na aula de Expressão física e motora também planifiquei apenas uma atividade pois queria aproveitar pelo menos 30/40 minutos com eles para conversarmos. Como sobrava ainda bastante tempo de aula, levei o grupo para a sala e depois de organizarem as mesas, de guardarem as fichas corrigidas nos dossiês e arrumarem tudo, começamos a conversar com eles sobre o que acharam da nossa “estadia” durante as sete semanas, o que tinham gostado mais e o que tinham gostado menos, o que tinham aprendido de novo, entre outras. Foi incrível, de acordo com essa conversa em grande grupo, perceber que de facto eles se lembravam de todas as atividades realizadas, principalmente as mais lúdicas. Depois desta grande conversa, dissemos que tínhamos uma surpresa para o grupo, surpresa esta que era uma moldura com alguns dos momentos/ atividades realizadas ao longo do estágio. Assim que foram vendo as fotografias, fomos perguntando o que se lembravam das atividades ali representadas. Para além disso, tivemos outra surpresa. Levamos dois bolos e sumos para o lanche de todos. Inicialmente íamos fazer algo para cada um dos alunos, mas como nos deparamos algumas vezes que haviam alunos com carências alimentares achamos uma boa ideia levarmos nós o lanche naquele dia como despedida.</p>			

Contexto: 1.º Ciclo- 2.º ano	Identificação: Reflexão final	Data: 15 fevereiro de 2018	N.º: 6
<p>O estágio, inserido na Unidade Curricular de PES-1º Ciclo (Prática de Ensino Supervisionada em 1º Ciclo), teve a duração de sete semanas, sendo que, a primeira foi de observação, a segunda de intervenção pontual e partilhada entre o par, as restantes quatro foram de intervenção intercalada, ou seja, uma semana a estagiária Ana Rita Leite e outra</p>			

minha, sendo que, a última semana foi partilhada com a minha colega, dando dois dias da semana a cada uma.

O presente estágio realizou-se na Escola Básica de (...), esta instituição pertence ao Agrupamento de Escolas (...) que abrange as antigas Freguesias urbanas de (...) pertencentes ao Concelho de Santarém. Ao longo de várias conversas com a professora titular relativamente a certos aspetos que têm que ser referidos no nosso projeto de estágio, a mesma informou-nos que nos encontrámos numa instituição onde o nível socioeconómico é considerado médio-baixo existindo uma grande diversidade de culturas e etnias na mesma. Estas características tornam-se numa mais-valia ou até mesmo num ótimo recurso para a abordagem da integração da multiculturalidade, mas também se torna num constrangimento pois a instabilidade de alguns alunos é provocada por problemas familiares. Sendo uma escola que tem diversas particularidades, nomeadamente ao nível de dificuldades nas aprendizagens dos alunos, esta adere a diversos projetos, nomeadamente ao **“Ninho”, à oficina de prevenção e ludoteca**. No Ninho existe uma professora especializada e contratada para auxiliar os alunos, fora da sala de aula, que têm mais dificuldades no português e na matemática. Da nossa sala, temos ainda uma criança com necessidades educativas especiais (NEE) que também tem acompanhamento pelo menos, uma vez por semana. Para além disso, à quinta-feira das 11h00 ao 12h00 na aula de Expressões a turma tem **Oficina de prevenção** que é dirigida por duas pessoas especializadas na área para a prevenção de comportamentos de risco e desviantes, sendo que apenas se deslocam à turma de duas em duas semanas. Na semana em que não comparecem, à mesma hora, uma auxiliar de ação educativa é que dirige a aula, sendo que, a mesma, tem um projeto dentro da escola relacionado com a inclusão da Expressão e Educação Plástica nas aulas.

Relativamente à turma, logo nas primeiras semanas de observação e intervenção pontual, foi perceptível de que se tratava de uma turma muito agitada e que tinha algumas dificuldades em respeitar as regras de sala de aula estabelecidas. Sendo esta uma turma de 2º ano idealizava que estas questões sobre as regras já estivessem bem delineadas e instituídas desde o início do 1º ciclo. Ao deparar-me com esta situação, acreditei que não seria fácil a nossa interação com o grupo, principalmente nas nossas semanas de intervenção.

Em geral, tanto os projetos da instituição como do agrupamento têm os mesmos ideais, isto é, “(...) formar cidadão aptos e produtivos, capazes de optarem pela progressão de estudos ou pela integração da vida ativa (...)” (in Projeto Educativo Agrupamento Alexandre Herculano, 2013-2017, p.13). Embora não exista um projeto curricular de turma, a professora cooperante manifesta que uma das suas prioridades com a turma é a aquisição de regras e disciplina na sala de aula. Para isso, as suas estratégias metodológicas estão direcionadas para o reforço das regras da sala de aula tais como: bater à porta antes de

entrar na sala de aula; colocar o dedo no ar quando os alunos pretendem dizer alguma coisa, não interromper o professor com assuntos que não são importantes para a aula; não interromper os colegas quando os mesmos estão a explicar algo ao professor e/ ou pedir para ir à casa de banho. Para além disso, idealiza e defende que para a sucesso das aprendizagens dos alunos as aulas devem ser mais práticas, com recurso ao quadro interativo e que deve existir uma reorganização estratégica da sala de aula, de modo a proporcionar maiores períodos de concentração consoante as individualidades do grupo.

O facto de na licenciatura já ter estado nesta instituição, ajudou bastante nesta “integração” pois já conhecia o espaço, lembrava-me de algumas pessoas que lá trabalham e isto trouxe um “à vontade” maior. Assim que nos dirigimos no primeiro dia à instituição, apresentamo-nos à coordenadora da mesma, à nossa professora cooperante (que rapidamente se mostrou disponível para nos disponibilizar toda a documentação necessária) e ainda a outros professores.

Assim que entrei na sala de aula, deparei-me com uma organização de mesas diferente daquilo que já tinha observado anteriormente. Estas estão maioritariamente aglomeradas em grupos, existindo apenas duas mesas com dois alunos cada e uma mesa com uma criança. Achei que se tornava um pouco confuso e, dada a minha curiosidade, questionei a professora cooperante sobre o assunto e a mesma informou-me que já tinha tentado organizar a sala de diversas maneiras e considera que assim é a melhor forma de os manter a trabalhar em grupo e mais concentrados nas atividades. Depois dessa justificação, comecei a observar a dinâmica na sala e, não sei até que ponto será a melhor opção visto que, os alunos estão sentados por níveis de aprendizagem, sendo que, existe um grupo só de alunos com dificuldades. Na minha opinião, penso que para ir ao encontro das prioridades que a professora cooperante estabeleceu para esta turma, seria bom experimentar colocar os alunos com mais facilidades ao lado dos que têm mais dificuldades para existir assim um clima de entreajuda, cooperação e trabalho em equipa/grupo pois, ao criarmos grupos homogéneos estamos a contribuir para os desníveis de aprendizagem numa turma e para que as aprendizagens sejam feitas num circuito fechado. (Pato, 1995, citado por Pereira, 2014, p. 56).

Considero dominar melhor a parte das relações com os alunos pois tenho uma maneira própria de interagir com eles principalmente, através das minhas expressões faciais, afetos e a transmissão de carisma. Ao longo dos vários estágios realizados, tenho tido cada vez mais a preocupação e cuidado na comunicação com os grupos pois sei que é um elemento fundamental para a minha relação com os mesmos. O meu receio inicial em relação à minha integração na turma foi posto um pouco de parte neste sentido até porque esta turma já tinha tido experiências com outras estagiárias e, os mesmos, ajudaram a situarmo-nos nas rotinas diárias da sala de aula, nomeadamente, quem e como faziam a distribuição dos manuais e dos materiais na sala de aula e as atividades que têm depois

das aulas. Aquilo que considero que precisa de melhoramento é a minha insegurança de não conseguir explicar de forma adequada os diversos temas ou de dar erros científicos embora, ao longo das semanas de intervenção, esta insegurança tenha sido posta de parte pois o grupo era bastante interativo e sempre que existiam alguns conteúdos aos quais não tinha resposta, uma das estratégias arrançadas foi em perguntar à turma se alguém sabia a resposta sobre o assunto ou, em último recurso, utilizava os meios tecnológicos para obter as respostas.

O comportamento dos alunos desta turma foi um dos aspetos concretos da realidade observada que me suscitaram algumas questões, inclusive já assistimos a momentos de violência verbal e corporal entre crianças. Considero que seria oportuno aprofundar esta questão. Ou seja, perceber quais ou se são aspetos do interior ou do exterior do meio familiar que influenciam estes comportamentos, se é a inexistência de um reforço positivo às crianças, entre outros. Para Martins e Teixeira (2014), o incumprimento de regras está cada vez mais presente no dia a dia da escola, na sala de aula e até no recreio. Incumbe aos professores e aos responsáveis da escola utilizar uma gestão adequada e controlo da disciplina, associada a estratégias de intervenção eficazes de forma a prevenir estes casos de indisciplina que surgem nas escolas. (Estrela, 1996; Díaz Aguado, 2011, citado por Martins e Teixeira, 2014).

Relativamente aos motivos pelos quais existe esta indisciplina nas escolas, muitas vezes, estão relacionados com questões intrínsecas do indivíduo, ou seja, de natureza neurótica da personalidade do mesmo: a forma como o sujeito lida com determinadas situações na sua vida; pode estar relacionado com o desenvolvimento cognitivo e moral de acordo com a teoria de Piaget, 1920; de interações que ocorrem na sala de aula; de interações entre o indivíduo e o meio e, também, da organização criada pelo professor na aula. (Martins e Teixeira, 2014).

Para o processo de disciplina dos alunos, são necessários vários agentes, nomeadamente, a escola; os professores e os encarregados de educação. Neste último caso, os encarregados de educação devem estar presentes na vida dos sujeitos desenvolvendo-lhes as primeiras aprendizagens, a transmitir-lhes valores e normas de socialização e intervir no processo disciplinar (daí que seja muito importante as relações entre a escola e a família) ou seja, desenvolver um trabalho em conjunto com os docentes. (Martins e Teixeira, 2014). De acordo com Vasconcelos (2008), o processo de mediação deve ser o primeiro recurso a ser utilizado para a gestão de conflitos e combater a indisciplina. A mediação é encarada como uma técnica de negociação, ou seja, parte das interações para compreender e estudar o problema do aluno e as suas causas arrançando estratégias para a resolução do problema.

Ao longo de várias conversas com a professora cooperante, percebemos que a indisciplina que alguns alunos mostram está intimamente ligada à família e às relações

afetivas, ou seja, com as vivências, com as experiências que têm ou recebem no céu familiar.

Embora já tivesse estagiado no 1º Ciclo (duas semanas de observação na licenciatura), nunca tinha realizado uma planificação para este público-alvo e, para mim, seria este o meu maior desafio, isto é, de conseguir ir ao encontro dos objetivos a que me propunha, de fazer uma avaliação coerente e pormenorizada das atividades; de motivar os alunos para as atividades; de gerir o tempo de aula, de arranjar estratégias para períodos de maior concentração nas aulas; arranjar outras atividades caso os alunos acabassem mais cedo, do que o previsto, aquilo que estava planificado; entre outros. Ao longo dos estágios que realizei no presente Mestrado a minha grande dificuldade era em arranjar objetivos adequados para as atividades que iria realizar. Ao contrário destes, a minha maior dificuldade no estágio em 1º Ciclo, em termos de planificar, foi em arranjar métodos de avaliação para as atividades. Inicialmente a minha ideia era de realizar grelhas de avaliação na maior parte das atividades para ter um registo pormenorizado da evolução de todos os alunos ao longo das nossas semanas de estágio, mas acabei por perceber este método não iria resultar porque teria que realizar imensas grelhas de avaliação com diferentes campos a avaliar pois as atividades que planificava requeriam objetivos diferentes em todas elas. Devido a esta grande dificuldade, para não prejudicar a avaliação das atividades, acabei por realizar imensos diálogos com os alunos antes, durante e após as atividades para receber um feedback ou sobre os conhecimentos prévios dos alunos, ou sobre as suas maiores dificuldades ou sobre o que tinham aprendido.

As situações pedagógico-didáticas em que me senti mais à-vontade e confiante foram, de maneira geral, em quase todas as áreas curriculares embora houvessem conteúdos em que não estivesse tão à vontade como na gramática, na área do português e nas sequências e regularidades abordadas em matemática. Especificamente, o que levou a que me sentisse mais à vontade e confiante nestas áreas foi o facto de ter arranjado fios condutores para as atividades e preparar-me previamente para a explicação das mesmas. Como fios-condutores para português, utilizei algumas histórias pois é uma área bastante trabalhada em contexto de creche e jardim de infância, sendo que, já me sinto bastante à vontade com este recurso devido a estas experiências de estágio. Em matemática o que me ajudou bastante, para além da preparação prévia, foi a utilização de jogos para consolidar a matéria. Estes jogos acabaram por ser também elementos a considerar na avaliação uma vez que permitiu aos alunos explorarem a teoria através da prática.

Por outro lado, senti mais dificuldade em captar a atenção do grupo quando as atividades decorriam no ginásio escolar. A minha voz não era tão projetada o quanto eu desejaria pois, para além de fazer muito eco, os alunos assim que entravam no ginásio começavam a correr e a gritar de imediato. No decorrer das atividades realizadas neste espaço escolar, consegui perceber que haviam algumas estratégias para captar a atenção

do público-alvo. A primeira trata-se de deixar que os alunos explorem o máximo de tempo possível o espaço, seja a correr, seja a saltar para que gastem a maior energia possível. Depois de verificar que os alunos já “libertaram” estas energias prossegue-se então a explicação e demonstração da atividade.

Do meu ponto de vista, penso que acabei por cumprir grande parte dos objetivos propostos tanto das planificações como do próprio projeto. Isto tornou-se visível sempre que era realizado um diálogo em grande/pequeno grupo ou até, individualmente sendo que este diálogo acabava por ser uma consolidação das atividades realizadas ao longo do dia. Tal como já referenciei nas observações/ reflexões semanais das planificações, no nosso último dia de estágio pedimos às crianças que pensassem quais tinham sido as atividades que tínhamos realizado com elas e quais as que tinham gostado mais, e qual não foi o meu espanto quando o grupo conseguiu dizer por inteiro todas as atividades? Fiquei bastante surpreendida pois houveram atividades que, devido à falta de concentração do grupo, pensávamos que eles não tinham gostado da atividade ou que não tinham aprendido com elas, mas de facto lembraram-se. Ou seja, as atividades em que houveram mais conversa nas aulas, acabaram por ser as que os alunos mais gostaram e que mais impacto tiveram.

Ao longo da minha reflexão fui abordando e fundamentando algumas das minhas questões/dúvidas/dificuldades identificadas que acabaram por surgir ao longo das várias semanas de estágio. A primeira foi relativamente à organização das mesas; a segunda diz respeito ao comportamento/ indisciplina e distração dos alunos em sala de aula; e, por último, a dinâmica das aulas da sala. A professora titular da turma realizava, maioritariamente, um ensino por transmissão não dando assim a oportunidade aos alunos de experimentar, criar e descobrir por si mesmos as respostas sobre certos assuntos. Embora a docente tentasse dialogar com os alunos, era sempre num reduzido espaço de tempo pois tinha que prosseguir com a aula e cumprir o programa. Tendo tido a oportunidade de observar a prática da professora cooperante e me defrontado com esta realidade sei que muitas vezes, por muito que se queira, é difícil de contornar esta situação. Eu própria percebi ao longo das minhas intervenções o grau de exigência em planificar para o 1º Ciclo, temos que ter tudo muito bem delineado e, por vezes, na prática as coisas não acontecem como estávamos à espera. Aquilo a que nos propúnhamos com o projeto incidia em levar para a turma materiais novos onde pudessem ser criativos e aprender ao mesmo tempo com isso e incluir as opiniões dos alunos. O ser se criativo é difícil, exige mais trabalho e exige muito tempo pessoal. Realizar uma planificação onde tenha todos estes objetivos não foi tarefa fácil, mas ainda assim tentei ao máximo ser profissional e levar para a prática as várias sugestões dos nossos docentes. Acredito que a prática encarregar-se-á de me auxiliar com estas questões, relativamente a algumas inseguranças já referidas; ou aos métodos de avaliação; ou em selecionar estratégias que sejam aplicáveis consoante as individualidades do grupo.

Com esta turma em específico, senti várias vezes a necessidade de falar mais alto, pois havia muito barulho na sala. Esta situação foi mais visível na primeira semana de intervenção quando os alunos ainda estavam sentados por grupos e não estavam habituados a trabalhar como tal. Através desta situação, senti a necessidade de perceber como é que se pode contornar esta situação sem ter que recorrer ao aumento da voz pois, muitas vezes, acaba por resultar em rouquidão, dores de cabeça e ardor na garganta o que não é nada saudável para um docente (Libardi, Gonçalves, et al., 2006). Através de algumas pesquisas, achei que seria interessante recorrer, nestas situações, a um “Semáforo dos Ruídos” na sala, ou seja, o objetivo é deixar o semáforo sempre na cor verde e, sempre que este atingisse a cor vermelha seriam dadas tarefas a todos os alunos mesmo que só uns é que tivessem feito barulho. O objetivo seria de fazer com que todos os alunos se sintam confortáveis, que possam disfrutar de momentos de silêncio para poderem trabalhar de forma positiva.

Em suma, seria uma ótima oportunidade para o meu processo de aprendizagem profissional compreender em que medida o ruído e os comportamentos agitados influenciam de forma negativa a execução das rotinas diárias da turma, sendo que, sabe-se que estas são importantes para o desenvolvimento da criança e que esses comportamentos podem ter repercussões no futuro se não forem tidos em atenção agora.

Ao longo de todo o estágio tive sempre a preocupação em saber se os alunos aprenderam, se gostavam das atividades e se, acima de tudo, se sentiam felizes pois queria marcar o grupo pela positiva com a minha presença.

Contexto: 1.º Ciclo- 3.º e 4.º ano	Identificação: Reflexão semanal	Data: 2 a 4 de maio de 2018	N.º: 7
<p>Embora tenha sido de curta duração, a minha primeira semana de intervenção, considero que esta tenha corrido bastante bem. A professora cooperante deixou-nos muito à vontade desde o início em relação à gestão do tempo e do grupo e isso também acabou por ser o meu aliado nos momentos em que não conseguia acabar o que estava programado/planificado para uma certa hora pois tive liberdade em estender para outra aula sem nunca prejudicar a planificação.</p> <p>Para além disso, a flexibilidade e a autonomia que a professora cooperante nos confiou acabou por ser uma mais valia em frente ao grupo. O grupo por si só já é bastante calmo e autónomo e a maior parte das vezes não mudou o seu comportamento perante nós, estagiárias.</p> <p>Ao contrário do que estava à espera, senti-me bastante confiante quando abordei as medidas de capacidade. Senti e consegui avaliar que, de forma geral, os alunos do 4.º ano ficaram a perceber bem a matéria pois não surgiram quase dúvidas nenhuma na realização dos vários exercícios de conversões. Penso que o que ajudou bastante na</p>			

consolidação deste e dos restantes temas ao longo da semana foi o facto das correções serem feitas em grande grupo para cada um dos grupos e de existirem momentos onde os alunos podem manusear e manipular os materiais disponibilizados. Para além disso, o facto de estar sempre a questionar os alunos durante as atividades também ajuda nesta consolidação e na concentração dos mesmos.

Em suma, de forma geral, sei que consegui cumprir com grande parte dos objetivos a que me propôs na planificação embora tivesse que fazer algumas alterações no próprio dia em relação à ordem dos domínios que iria lecionar.

Contexto: 1.º Ciclo- 3.º e 4.º ano	Identificação: Reflexão semanal	Data: 15 a 18 de maio de 2018	N.º: 8
<p>O decorrer desta semana, comparativamente à minha primeira semana de intervenção, considero que correu bastante melhor. Refiro isto, não porque a minha primeira intervenção tenha corrido mal, mas sim porque consegui ter um á vontade com o grupo muito maior assim como senti que eles estavam a interagir muito mais e a sorrir enquanto faziam as atividades e não há nada mais gratificante. Em relação à gestão do tempo, esta semana talvez tenha sido a que mais alterações tive que fazer, não a nível de conteúdo, mas sim em relação à flexibilidade horária. Ainda assim, consegui realizar todas as atividades a que me propôs na planificação durante esta semana. Fiquei muito animada com o resultado desta semana pois sei que os alunos gostaram das atividades e que acima de tudo aprenderam. Ao longo de toda a semana fiz sempre questão de conversar em grande grupo com os alunos depois das atividades para que dessem um <i>feedback</i> de como tinham corrido, se tinham gostado e se tinham aprendido coisas novas.</p> <p>Consegui realizar, pelo menos, uma atividade diária mais lúdica e a pares e/ou a grupos tal como nos propusemos com o nosso projeto de estágio, este era um dos objetivos. Foi uma semana bastante trabalhosa, mas sem dúvida que foi muito gratificante. Foram pouquíssimas as vezes que a professora titular interveio, mas sempre que o fez foi de forma positiva, o que acabou por elevar cada vez mais a minha autoconfiança perante o trabalho que estava a realizar com a turma. Nesta semana como as atividades foram muito práticas a turma teve tendência a elevar o ruído na sala de aula, mas nada que fosse prejudicial para o desenrolar das atividades.</p> <p>Em suma, de modo geral, penso que cumpri com todos os objetivos a que me propus nesta semana e consegui avaliar aquilo que correu melhor e o que correu menos bem.</p>			

Contexto: 1.º Ciclo- 3.º e 4.º ano	Identificação: Reflexão semanal	Data: 29 de maio a 1 de junho	N.º: 9
<p>Esta semana por ser a última semana de estágio, por terem sido apenas dois dias de intervenção e por não haver mais conteúdos para dar, tentamos ao máximo que as aulas fossem mais práticas, dinâmicas e apelativas sem nunca deixar de parte os conteúdos.</p> <p>Os alunos estavam, de forma geral, bastante participativos e entusiasmados com qualquer uma das atividades propostas, talvez por saberem que seria a nossa última semana de intervenção. Interligando com o dia da criança e com os direitos da criança, tentamos levar para o grupo uma atividade onde todos pudessem participar e intervir de forma ativa na construção de materiais e no debate de ideias. Esta, para mim, foi a atividade mais interessante do ponto de vista pedagógico utilizada em estágio. Inconscientemente as crianças acabaram por escrever o que para elas era ser criança sem sequer interligarem com os seus direitos. Depois de visualizarem o vídeo sobre os direitos das crianças, quando foram apresentar as suas ideias/frases que tinha escrito para colocar no cartaz, automaticamente interligaram o que tinham escrito com os direitos visualizados no vídeo. Relativamente a quarta-feira, depois das atividades da parte da manhã na confeção dos bolos (medidas de massa) com ambos os grupos, na realização do Jogo do STOP com a classe de palavras com o 3.º ano, à tarde conversamos com eles sobre o que acharam da nossa “estadia” ao longo das semanas, o que tinham gostado mais e o que tinham gostado menos, o que tinham aprendido de novo, entre outras. Foi incrível, de acordo com essa conversa em grande grupo, perceber que de facto eles se lembravam de todas as atividades realizadas, principalmente das mais lúdicas. Depois desta grande conversa, dissemos que tínhamos uma surpresa para o grupo, surpresa esta que foi um vídeo com alguns dos momentos/ atividades realizadas ao longo do estágio explicando também ao grupo qual tinha sido o nosso projeto de estágio com a turma e o que é que era isto de um projeto. Para além disso, tivemos outra surpresa. Demos a cada um dos alunos uma lembrança, nomeadamente, um postal com uma frase, com as nossas assinaturas e gomas e depois fomos todos para o refeitório comer os bolos que tinham realizado de manhã como forma de despedida.</p>			

Contexto: 1.º Ciclo- 3.º e 4.º ano	Identificação: Reflexão Final	Data: 17- 06-2018	N.º: 10
<ul style="list-style-type: none"> • Contextualização e análise crítica do contexto <p>O estágio, inserido na Unidade Curricular de PES-1º Ciclo- 3.º e 4.º anos (Prática de Ensino Supervisionada em 1º Ciclo no 3.º e 4º ano), teve a duração aproximadamente de sete semanas, sendo que, a primeira foi de observação, a segunda de intervenção pontual e partilhada entre o par, as restantes quatro de intervenção intercalada, ou seja, uma semana intervimos eu e outra a minha colega de estágio, sendo que, a última semana foi</p> 			

partilhada entre o par, dando apenas um dia a cada uma pois na última semana houve um feriado (31 de maio) e no dia 1 de junho (Dia da criança) ocorreram atividades na escola durante todo o dia.

O presente estágio realizou-se na Escola Básica de (...), esta instituição pertence ao Agrupamento de Escolas (...) pertencentes ao Concelho de Santarém. Esta instituição é bastante “familiar” dadas as suas características, ou seja, é bastante pequena apenas contendo três salas uma de jardim de infância, outra de 1º e 2º ano e outra de 3º e 4º ano, que foi a sala onde nos inserimos a estagiar. Dadas estas condições a instituição tem apenas uma educadora, duas professoras de 1º Ciclo e três auxiliares de ação educativa. Ao longo de várias conversas com a professora titular de turma relativamente a certos aspetos que têm que ser referidos no nosso projeto e portefólio de estágio, a mesma informou-nos que nos encontrámos numa instituição inserida num contexto rural, mas próximo da cidade onde o nível socioeconómico é considerado mediano.

Ao longo da nossa “estadia”, durante todas as semanas de estágio, consegui observar que a instituição tem particularidades bastante interessantes do ponto de vista pedagógico, nomeadamente, a ligação/contacto e participação dos encarregados de educação na mesma. Ao longo de diversas conversas informais com a professor titular de turma consegui perceber que esta ligação/contacto dos encarregados de educação não é “forçada”, isto é, ocorre de forma natural. A meu ver, depois do contacto privilegiado que tive oportunidade de ter com a instituição, turma e professora titular consegui perceber que toda esta harmonia escolar existente na instituição se deve não só ao grande e eficaz trabalho/ abordagem realizada pela coordenadora/professora cooperante da sala onde nos inserimos a estagiar bem como, da localização geográfica onde se insere a instituição.

Efetivamente, esta dedicação por parte da docente e a localização da instituição traz bastantes benefícios para todos, principalmente, para os alunos que acabam por sentir que estão num contexto seguro, próximo do seu, onde podem pedir auxílio a qualquer um dos intervenientes de ação educativa.

A escola num meio rural tem diversas vantagens:

- Permitem utilizar os conhecimentos existentes, subvalorizados, e desenvolver uma sinergia entre a comunidade educativa e os habitantes;
- Utilizar a riqueza do espaço envolvente: história, paisagens, vida cívica à volta de projetos elaborados com a autarquia, as associações, os habitantes;
- Permitem à criança passar do meio familiar para a escola sem rutura do contexto familiar, o que favorece a construção das suas referências e a sua abertura ao exterior. A escola rural é um meio vivo para a criança e faz parte do seu ambiente;
- Permitem ao professor conhecer bem a criança (na sua globalidade), no seio da sua família, num contexto sociocultural, com o seu passado e com a projeção do futuro, mais ou menos expressa pelos pais;

- Por último, as escolas em meio rural são um elemento essencial da identidade da comunidade. (Jean, 1995, *In* Machado, 2013)

Para além disso, esta escola tem outra particularidade, partilham de uma cultura de colaboração entre todos, tanto entre relação professor-professor como professor-auxiliar de ação educativa e vice-versa. Todo este apoio e confiança que esta escola estabelece com os elementos que dela fazem parte leva a que ocorram aprendizagens de qualidade (Fialho & Sarroeira, 2012).

- **Caracterização do grupo**

Assim que nos deparamos com o grupo, tanto 3.º ano como o 4.º ano, conseguimos perceber que o mesmo é bastante autónomo, trabalhador e cumpridor. Dado este contexto, como a professora tem que dar as aulas aos dois grupos ao mesmo tempo, para fazer a gestão do grupo normalmente enquanto está a abordar conteúdos com um dos anos, o outro fica a realizar trabalho autónomo e vice-versa. Nas primeiras semanas de observação e intervenção pontual partilhada, a professora deu-nos bastante abertura caso apenas quiséssemos trabalhar com um nível de escolaridade (3.º ou o 4.º ano) dizendo que, na sua opinião, podíamos fazer as nossas intervenções de forma gradual, ou seja, intervínhamos no primeiro dia com o terceiro ano, no segundo apenas com o quarto ano e depois nos restantes dias/semanas com ambos. Enquanto par de estágio, como nunca tínhamos contactado com dois níveis de escolaridade dentro de uma mesma sala, ficamos com receio de planificar para os dois anos, mas depois de vermos que era um grupo bastante acessível, autónomo e participativo, aceitamos o desafio. Enquanto futura profissional de educação, consigo afirmar que é sem dúvida uma mais valia contactarmos e lecionarmos para ambos os anos de escolaridade pois não sabemos como será o nosso futuro enquanto educadoras e professoras e podemos ter que lecionar para dois anos ao mesmo tempo e assim, tivemos a oportunidade de experimentar tanto a nível de planificação como a nível de gestão de grupo e de tempo.

- **Projeto de intervenção**

Embora a docente não tivesse um projeto curricular de turma a mesma informou-nos que o seu objetivo e metas são o de criar uma escola acolhedora e que propicie aprendizagens significativas e serenas aos seus alunos.

Relativamente ao projeto de intervenção, após surgirem algumas dúvidas entre o par sobre qual seria o mais indicado devido às características do contexto e por ser uma turma de dois níveis de escolaridade, ao conversarmos com a professora cooperante surgiu o tema “*Os diferentes tipos de trabalho: individual, a pares e em grupo*” pois esta mostrou-se interessada em que desenvolvêssemos com ambos os grupos estes três tipos de trabalhos, pois sozinha admitiu que se torna complicado realizar trabalho a pares e em grupo com a turma. As disciplinas que a mesma trabalha mais são a Matemática, Português e Estudo do Meio deixando as expressões um pouco de parte, principalmente a físico-

motora, expressão plástica e dramática. Durante a semana, a turma tem Inglês e Projeto de Música, sendo que, expressão musical é trabalhada uma vez por semana por outra docente.

Visto que, o nosso projeto tinha o intuito de abordar qualquer um dos domínios, tentei especificar as minhas planificações para as áreas menos trabalhadas mesmo que estas surgissem através da matemática, português ou estudo do meio. Nomeadamente, nos circuitos de jogos de cooperação que proporcionei ao grupo relacionados com a orientação espacial (matemática), nas atividades de português que muitas vezes requeriam a ilustração e a construção de cartazes (texto informativo) e no estudo do meio com a atividade “*A Qualidade do Ambiente*” onde os alunos puderam, para além de trabalhar em grupo (3.º e 4.º ano), realizar a expressão plástica. Para além destas, realizei outras atividades mais lúdicas como foi o caso de jogos matemáticos (Jogo do banqueiro, DocRobô, Bingo) e ainda no português com o Jogo do Stop (para trabalhar as classes de palavras), a construção de palavras com o Jogo dos afixos: Sufixos e Prefixos, Expansão e Redução de frases também em jogo, onde os alunos tinham que retirar frases de dentro de dois sacos e estendê-las ou reduzi-las.

- **Integração na comunidade escolar e a relação estabelecida com as crianças**

Em relação à minha integração na comunidade escolar, considero que foi bastante positiva e ativa a minha aproximação tanto do pessoal docente como do pessoal não docente. Todos os funcionários de educação bem como os alunos, foram bastante recetivos e prestáveis e como esta turma já tinha tido experiências anteriores com outras estagiárias, foi ainda mais aliciante pois os mesmos ajudaram a situarmo-nos nas rotinas diárias da sala de aula.

Todo o à-vontade, apoio, colaboração e acolhimento demonstrado tanto pelos intervenientes de educação como pelos alunos foram, sem dúvida, uma mais-valia para o meu processo de integração na instituição bem como na intervenção com a turma.

Ao início, os alunos não se aproximavam ou comunicavam muito connosco tal como era visível nos estágios anteriores em que as crianças automaticamente dirigiam-se a nós para brincar e conversar. Ao longo das minhas intervenções com a turma e o tom de brincadeira com que lhes abordava, acabou por fazer com que ambos os grupos sentissem possível uma relação para comigo. O facto de haver um diálogo e troca de saberes de igual para igual, embora hajam sempre parâmetros onde os alunos sabem que não os podem ultrapassar, levou a que esta relação fosse possível. Segundo Ritter (2010), “É essa troca de saberes que enobrece o relacionamento afetivo, porque cresce a confiança e o respeito mútuo. O aluno se sente valorizado e detentor de saberes.”

Acabei por consciencializar-me mais sobre o assunto na nossa última semana de intervenção, principalmente no último dia que intervimos, pois, grande parte dos alunos comoveram-se por saber que nos víamos embora e, na minha opinião, não há nada mais

gratificante que perceber que fizemos a diferença na vida de alguém e que a nossa missão foi cumprida com sucesso.

Autodiagnóstico

- **Aspetos que considere dominar melhor**

Aquilo que considero dominar melhor é a nível relacional, pois sem dúvida que as relações que estabeleço com os alunos, bem como o contrário, levam a que a minha integração e a minha postura em frente aos grupos sejam vistas não como superioridade, mas como alguém que está lá para os ajudar, incentivar e tornar as aulas apelativas.

Ao longo dos vários estágios realizados, tenho tido cada vez mais a preocupação e cuidado na comunicação com os grupos pois sei que é um elemento fundamental para a minha relação com os mesmos.

Todos os seminários assistidos ao longo do mestrado e todos os conhecimentos a nós transmitidos sobre a construção de planificações, estratégias e atividades e/ ou sequências de atividades (STEM) foram de extrema importância para que a minha prática tenha em conta uma pedagogia diferenciada.

Enquanto futura profissional de educação sei que, cada vez mais, temos que estar a par da mudança da nossa sociedade e dos métodos de ensino e acreditar que será para um futuro melhor.

- **Aspetos que precisem de melhoria/aprofundamento e de apoio**

Uma das minhas maiores dificuldades no estágio anterior foi realmente a gestão do tempo e do grupo na sala de aula, pois não eram de todo um grupo autónomo e existiam diversos níveis de aprendizagem embora fosse uma turma constituída apenas por alunos de um mesmo ano de escolaridade. Depois da experiência e *feedbacks* recebidos pela professora cooperante no estágio anterior, fiquei um pouco alarmada com o presente estágio principalmente porque sabia que os grupos seriam bastante autónomos e porque os conteúdos a lecionar são mais específicos. Por estes motivos, a minha principal insegurança era a de não saber explicar ou de não conseguir abordar do modo mais adequado os conteúdos, tendo no que diz respeito ao conhecimento das áreas como no modo específico de as ensinar. Para além disso, outro constrangimento foi na seleção de instrumentos de avaliação para as atividades propostas nas minhas planificações.

Relativamente ao estágio atual, após realizar algumas atividades com ambos os grupos, tanto a grupos como a pares ou individual, contrariamente a todas as dificuldades sentidas no semestre passado, senti apenas dificuldade, novamente, na escolha e construção de instrumentos de avaliação que me permitissem realizar uma avaliação coerente dos trabalhos de cada aluno mesmo que estes tivessem sido realizados em grupos.

- **Aspetos concretos da realidade observada que lhe tenham suscitado questões**

O único aspeto que me suscitou alguma inquietude após a realidade observada, está relacionado com o facto de a professora lecionar, maioritariamente, os conteúdos de Matemática, Estudo do Meio e Português, a própria afirmou que raramente realizava atividades relacionadas com as expressões por não ter tempo devido aos extensos programas e, tal como já fomos abordando ao longo de todo o nosso percurso académico, é possível interligar todas as áreas do currículo. Esta situação já foi observada anteriormente e penso que isto prende-se não só com o facto de os programas serem extensos, mas também pelo professor ter receio de ser criativo pois ser-se criativo é difícil, exige mais trabalho e exige muito tempo pessoal. Para além disso, trabalhos onde existam transversalidade de saberes por norma estão associados ao trabalho em grupo que, por sua vez, acaba por gerar mais ruído em sala de aula.

- **Capacidade de planificar a intervenção pedagógico-didática**

Visto que, iniciamos o estágio durante um período escolar onde existem fichas intercalares e sumativas, tivemos que planificar de acordo com a matéria que a professora cooperante já tinha lecionado ao longo do 3.º período, para realizar revisões da matéria bem como consolidação da mesma com os alunos.

Dadas as circunstâncias, desde que me apercebi desta situação, tentei ao máximo levar para o grupo atividades mais práticas e lúdicas onde os alunos pudessem aprender através da manuseação de materiais.

Ao longo da realização estágio foi bastante perceptível compreender a mais valia na utilização de materiais diversificados e tecnológicos nas aulas, não só pelo despertar do interesse e curiosidade dos alunos nas atividades bem como no melhoramento e consolidação de conteúdos programáticos (Masson, Miranda, Jr., & Castanheira, 2012).

A iniciação à robótica, por exemplo, surpreendeu bastante pela positiva porque através de um robô podemos trabalhar variadíssimas áreas do currículo. No meu caso em específico utilizei o DocRobô para consolidar conteúdos matemáticos tanto para o grupo de 3.º e de 4.º ano, sendo que, estes conteúdos foram abordados de forma transversal e vertical (pois haviam perguntas sobre o programa de 2.º ano) aos conteúdos programáticos.

Através desta atividade foi possível verificar que os alunos aperfeiçoaram e aprofundaram os seus conhecimentos em relação ao sentido de orientação espacial, cálculo mental e na leitura de questões e interpretações das mesmas.

- **Situações pedagógico-didáticas em que sentiu mais à-vontade e confiante**

Relativamente às situações pedagógico-didáticas sinto que de forma geral senti-me à vontade com qualquer uma das áreas embora, ao longo do estágio estivesse bastante receosa com as medidas (matemática). Ainda mais à vontade estive nas atividades em grande grupo, pois acabava por estar a lecionar para o grupo como um todo não tendo que pensar/planificar à posteriori o que é que em cada um dos momentos da aula os grupos tinham que realizar.

- **Capacidade de avaliar a intervenção pedagógico-didática**

Depois de observarmos a dinâmica e a gestão do grupo por parte da professora, e perante o projeto de estágio a que nos propusemos para implementar com a turma, tentei, nas minhas planificações, integrar atividades de carácter aberto e flexível às necessidades dos grupos. Perante todos os diálogos realizados com os alunos e questões realizadas aos mesmos ao longo da realização das atividades, percebi que os objetivos a que me propunha na planificação estavam a ser cumpridos. O nosso objetivo principal era de realizar os três tipos de trabalho, que realizei e para além disso ainda considerei nas minhas planificações a transversalidade de conteúdos. No trabalho em grupo embora houvessem algumas divergências como por exemplo, o não aceitarem a opinião do outro; haver sempre um que não colabora no trabalho como os outros e existirem diferentes personalidades e ritmos de trabalho, penso que trouxe bastantes benefícios porque permitiu-me conversar e ouvir a opinião dos vários grupos onde isto acontecia, tentado explicar que na vida temos que saber lidar uns com os outros e que nenhuma opinião dos alunos está mais correta do que a outra. Para mim, embora existam algumas ocorrências menos favoráveis na elaboração de atividades em grupo estas mesmas situações podem servir como mediador da aprendizagem e permitem que os alunos mais inibidos socializem com outros elementos do grupo e o interesse pela descoberta e pesquisa é estimulado (Pereira, 2014).

- **Situações pedagógico-didáticas em que sentiu mais dificuldades**

Ao longo do meu percurso académico e, especialmente, no semestre passado quando planificamos pela primeira vez para o 1.ºCiclo, era-nos alertado que tínhamos que gerir melhor o tempo de aula para que não fossem postas em causa as atividades planificadas para as horas já pré-estabelecidas.

O meu receio inicial na realização deste estágio era que acontecesse o mesmo. Na realidade, acabou por acontecer, mas como a professora titular era bastante flexível neste aspeto nunca me criticou em relação ao assunto.

As situações pedagógico-didáticas em que me senti menos à-vontade foram no português na parte da gramática e na matemática as medidas. Outra grande dificuldade que senti, inicialmente, é de planificar para dois anos diferentes, de geri-los sem nunca esquecer ao que me propus na planificação e sem deixar nenhum grupo à espera um do outro. A grande dificuldade sentida penso que se relaciona também com o facto do nosso estágio curricular ser realizado numa altura em que a maioria dos conteúdos já foi lecionada e nem conseguimos ter bem a noção do que já foi trabalhado e como o foi, de terem momentos intercalares de avaliação e de termos que fazer revisões sem saber como foi o método de ensino da professora titular.

Estratégias de aprendizagem profissional

Uma das estratégias que levarei como uma grande aprendizagem ao longo da realização deste estágio foi, sem dúvida, a flexibilidade horária realizada pela professora

cooperante. A docente não se inquietava caso no horário da turma a primeira aula fosse de matemática e tivesse que lecionar português ou o contrário. A professora não fazia uma separação total em relação aos conteúdos a lecionar afirmando que isto beneficia as aprendizagens dos alunos pois a matéria não é compartimentada.

Como já tinha sido referido anteriormente, uma das minhas dificuldades prende-se com o receio de ao gerir uma turma com dois anos de escolaridade demore mais tempo com um dos grupos enquanto que o outro fica mais “esquecido”. Ao deparar-me com esta situação, conversei com colegas minhas do curso e as mesmas disseram que já tinham utilizado uma estratégia no estágio passado para gerir os seus grupos. A cada aluno era dado 3 cartões, um verde, um amarelo e um vermelho. Sempre que os alunos estivessem a realizar uma tarefa na sua secretária colocavam o cartão amarelo, assim que terminassem a atividade colocavam o cartão verde e sempre que tivessem dúvidas, colocavam o cartão vermelho. Na minha opinião, achei uma ideia extraordinária porque para além do professor ter uma noção sobre quem já acabou ou não a tarefa ou quem está com dúvidas, em turmas barulhentas minimiza-se o barulho, visto que, quando os alunos terminam as atividades por norma frisam várias vezes o mesmo até que o professor apareça em seu auxílio.

Durante a concretização deste estágio, por se tratar de uma turma com dois níveis de escolaridade diferentes, surgiu-me a questão: *“Até que ponto os jogos serão um bom recurso didático?”* e considero que seja uma questão bastante interessante para aprofundamento, sendo que, a minha ficha de leitura incide sobre o tema. Para além desta também me questionei em relação às estratégias de planificação, ou seja, será que devemos planificar de forma separada como se fossem duas turmas ou será que podemos arranjar estratégias para iniciar a aula com um ponto de partida que dê para trabalhar com os dois ao mesmo tempo?

Em suma, todo este processo pelo qual nós passamos enquanto mestrandas serve como uma ponte entre a teoria e a prática, ou seja, entre as aulas que nos são lecionadas para com aquilo que nos podemos vir a deparar. Muitas vezes deparei-me com situações onde na prática nem sempre a teoria é a mais adequada, daí que seja necessário a pesquisa e leituras sobre as situações com que nos podemos vir a deparar no futuro e atualizarmo-nos sobre as mudanças e novas estratégias para uma construção consciente da nossa identidade profissional.

Transcrições das Entrevistas

Entrevistado/a 1- Educador/a de Creche

E: Antes de mais, Boa Tarde (aa) esta entrevista vai servir para complementar o meu trabalho final do mestrado e todos os dados que aqui forem referidos serão confidenciais, como já tinha referido. Na primeira parte desta entrevista irei focar-me na sua formação académica e a primeira pergunta é: Qual é que é a sua formação?

E1: Eu sou educadora de infância, licenciada.

E: E exerce mais alguma função na instituição para além da de educadora?

E1: Não, só essa.

E: Ok... e quantas crianças tem na sala e que idades têm?

E1: Quinze crianças entre... dos dois sexos e de duas idades... ano e meio e dois anos.

E:(aaa) agora passando um bocadinho sobre o tema, efetivamente da minha dissertação, eu gostava de saber como é que é organizada a rotina diária, semanal e anual.

E1: Nós temos planificações anuais... semanais ou semestrais e... planificações (aaa) semanais.

E: E quem é que as faz? Faz sozinha, faz em conjunto....

E1: As planificações são feitas por nós próprios, não é, mas cingindo ao tema da escola.

E: E na rotina diária como é que inicia o dia?

E1: Ora, nós começamos na sala, como os meninos são de creche e ainda são pequeninos, não vão à roda dos grandes. Começamos na sala fazemos uma rodinha, canções... assim uma iniciaçãozinha para eles até dançarem às vezes e tudo, não é? Até de manhã fazemos isso sempre.

E: ... e depois...

E1: é o que se chama de acolhimento, não é.

E: Exatamente. E depois, por exemplo, têm a parte das atividades livres, atividades orientadas por si, tem...

E1: Sim, depois cinjo-me mais ou menos ao plano semanal, o que vamos fazer nesta semana. No princípio do ano começamos pela... pelo corpo humano, falamos assim muito de leve nas coisas, nos órgãos dos sentidos (aaa) aprofunda-se às vezes mais aquelas coisas que vimos que eles captam melhor que é, por exemplo, o provar as coisas, o saber se é doce se não é, o saber ... o ensinar o insonso e o salgado. Pronto, assim umas coisas muito... por “cima da samba” como eu digo (riso). Mas que vamos vendo que eles vão aprendendo, são pequeninos não é, vamos vendo se fica lá alguma coisa.

E: Muito bem. (aaa) Pensa que esta organização está adequada aos ritmos e às necessidades das crianças?

E1: Sim... penso que esta divisão de temas que nós, que nós fazemos no João de Deus sinto que ajuda tanto nós como eles... tanto nós como eles... a planificação já nos vai ajudar, não é...

E: E considera a sua organização do tempo (aaa) flexível?

E1: (aaa) sim, considero que o tempo é bem gerido, se não houver tempo para... não importa porque se não falar hoje na (aaa) no que estou, no que queria falar e houver, por exemplo... às vezes há qualquer coisa na escola, ou vem cá alguém ou.... Por exemplo quando é o dia do animal...

E: Há uma alteração...

E1: Há uma alteração, então é flexível.

E: Exato.

E1: Aliás, na planificação diz... diz, tem mesmo um parêntese que diz que pode ser flexível consoante o que acontece.

E: As necessidades...

E1: As necessidades deles... das crianças.

E: hmhm, muito bem. A organização do tempo pedagógico na sua sala é feita tendo em conta alguma abordagem pedagógica, método ou modelo curricular em específico? Já tinha me referido que sim, anteriormente, que era o Método João de Deus.

E1: é o método João de Deus, tenho que seguir mesmo o método, (aaa) na creche como eles são pequeninos nós vamos seguindo na mesma, mas não tão... (aaa) eu pessoalmente não dando tantos temas como dá a pré, por exemplo, não é. Pronto, não dando tantos temas como dá a pré.... Mas eles gostam muito dos temas de vida e sempre que se possa, assim como vocês estagiárias o fazem quando são aulas, trazer sempre algo para eles verem. Eles gostam de ver, de mexer...

E: Exatamente.... A parte sensorial

E1: Pronto, e sempre há a parte sensorial, para eles também mexerem e sentirem-se mais á vontade até... connosco. Interagem melhor.

E: Qual é que é o seu papel nestes diferentes momentos na promoção de aprendizagens para as crianças?

E1: O meu papel?

E: Sim.

E1: É ser criança com eles! (risos)

E: (Risos)

E1: ... e tem que ser! (risos) Tu sabes que é, não é?!

E: Pois!

E1: O nosso papel é ser crianças com... como eles. Na altura eles gostam de... de... de se sentirem (aaa) bem, gostam de, quando fazem as coisas, gostam de estar soltos. E nada de prender a criança nem nada disso, não é.

E: Exatamente.

E1: Não se deve fazer nada disso.

E: Mas costuma tar...

E1: não deixar fazer tudo o que eles querem (aaa) não, porque há crianças que... que gostam e que já têm assim ... como é que eu hei de dizer... já... já mostram a parte que, “eu quero, eu quero eu quero”. Às vezes também têm que ser contrariadas. A criança também tem que ser contrariada às vezes.

E: Hmhm

E1: mas em geral, corre sempre bem, eles fazem... são meiguinhos, fazem sempre o que nós dizemos e gostam muito de mim também, não é.

E: Exato, também é importante...

E1: Por isso é que nós temos mesmo que ser mesmo crianças com eles para termos a relação mais afetiva também com eles

E: ou seja, o seu papel nesses momentos é realmente, não deixar a criança completamente sozinha, mas vai intervindo.

E1: Sim, sim.

E: Mesmo que não seja na atividade orientada...

E: Sim, mesmo que seja uma história ou qualquer coisa assim, eles gostam muito de ouvir histórias e captam e às vezes entram na própria história , não é... e tao com interesse tando a participar, ou mesmo aqueles, quando eles fazem “UOHHHH” ou dizem qualquer coisa, porque alguns falam pouquinho, não é... os mais pequeninos falam menos... e penso que... temos que lhes captar a atenção.

E: Qual é que é a sua opinião relativamente às rotinas do dia-a-dia na sala?

E1: Eu, na minha opinião acho que as rotinas são muito importantes para as crianças... e tu vias quando cá estavas também, não é.

E: Hmhm

E1: São muito importantes porque eles habitua-se, eles têm a hora para ir ao bacio, têm hora pra ir à sanita, têm hora pra ir lavar as mãozinhas, a boca, têm a hora para almoçar, têm a hora para lanchar, têm hora para ir para o recreio... se...se for esse (aaa) se o dia tiver bom e eu acho que eles (aaa) depressa assimilam e até às vezes sabem....

E: qual é a sequência?

E1: Qual é a hora de comer a bolachinha ou... assim... e eles já fazem, eles próprios “Hoje não comemos bolacha!” mesmo chegando às vezes à hora, tas a ver? Eles próprios tão muito integrados na...na sala e eles às vezes fazem isso...

E: Sim, sim eu lembro-me! Já estavam... depois da história eles costumavam já estar...

E1: ... “Ainda não comemos bolacha” ou então, às vezes quando está na hora de fazer o xixi... “Eu quero xixi” “Eu quero fazer xixi” já fazem essas coisinhas assim... eu penso que são importantes. As rotinas são muito importantes para a criança... muito importantes.

E: Promove... que aprendizagens acha que promove? Por exemplo... as rotinas nas crianças...

E1: A aprendizagem talvez seja mais o Eles estão interessados, não é? E se já sabem que àquela hora que nós chamamos para fazer o xixi (aaaa) e não estão a pedir, não estão sempre a interromper, não... tão assim com mais interesse talvez, penso eu... não há tantas interrupções tando eles já todos (aaa) habituados à rotina.

E: e em termos de autonomia? Acha que isso influencia... a rotina... na autonomia das crianças?

E1: sim, porque eles têm que saber baixar as cuequinhas, têm que sentar, já começam... eles já começavam a fazer isso tudo sozinhos.

E: ou mesmo a descalçar os sapatos antes de ir para a cama....

E1: sim! Depois a calçar, há muitos que já fazem isso. E é muito importante eles terem essas rotinas e... e aliás eles ficam contentes. Eles quando fazem, ficam contentes. "Já consigo". Incentivar sempre... tas a ver? Incentivar. Nunca dizer, "Não consegues" ... se... se a criança não consegue " Não mas vais conseguir, "Tá quase".. incentivar e ajudar, eles gostam muito disso. E o bater palmas... - "Boaaaaa, já conseguiste!" pronto. É sempre o incentivo, eles gostam muito de.

E: O diálogo é muito importante em todos esses momentos....

E1: Aliás e nós devemos sempre dialogar com eles porque eles estão ... captam mais... porque se tu deixas de falar com as crianças... eu vejo isto... se tu deixas de falar com as crianças, eles começam a falar uns com os outros e então aí gera-se mais confusão. Tá bem que é mais cansativo para nós, porque temos que tar mais em cima deles e sempre a intervir, sempre a falar, com eles assim, é mais cansativo também para nós mas é bom para eles.

E: Que estratégias... esta é a última pergunta... quais são as estratégias...

E1: mas eu tava pra ficar já...

E: (Risos)

E1: Dei-te meia hora, ainda não passou!

E: Que estratégias utiliza para avaliar se a organização do tempo pedagógico da sua sala é apropriada de acordo com o grupo? Ou seja, quais são as estratégias, como é que vê, como avalia se realmente essa rotina, que estabelece, está de acordo ao ritmo das crianças.... E às necessidades.

E1: É assim, geralmente as crianças que eu tenho são todas, quase todas da mesma idade.... Ta bem que tenha uns mais novitos..., mas (aaa) pronto a maturidade da criança nem vai às vezes pela idade não é? Eu acho que... eles tão tao habituados a estar juntos, porque já o ano passado eles vinham juntos, porque vêm sempre da outra sala anterior... e eles tão... tão habituados que penso que eles próprios se ajudam uns aos outros... também... e isso também nos ajuda

E: Exato

E1: E eu penso que... ajuda-me lá naaa na pergunta... mas eu acho que já respondi.

E: É as estratégias que usa para avaliar...

E1: Eu acho que já te respondi... acho que já venho quase dizendo isso tudo porque... o estar em cima deles o ajudá-los o incentivar(aaa) o contar histórias que eles adoram histórias nesta idade. O contar as histórias com a ajuda... de ... bonecos ou de fantoches ou de coisas que trazemos pra contar... até os temas de vida temos a falar de uma galinha e nós trazemos uma capoeira, ou até trazemos animais vivos quando falamos dos seres vivos... e eles gostam (aaa) e eu penso que isso capta e ajuda-os e ajuda-nos a nós também.

E: Exato.

E1: Não sei se é essa a pergunta que tu querias que eu respondesse...

E: Eu também queria saber era se, por exemplo, se no início do ano, por exemplo, tem alguma grelha em que vê como é que está, como é que do início ao fim a criança evolui.

E1: Fazemos grelhas por trimestre, por período, fazemos as grelhas por período.

E: Era isso, que estratégias de avaliação nesse aspeto da rotina...

E1: temos nós grelhas internas para colocarmos o menino já sabe... já se senta, já anda, já fala, já... pronto, para nós, internas, nossas. E temos outras que vão, por período, para casa dos pais. Eles são muito pequeninos para serem avaliados. É uma observação sobre a criança que ajuda às vezes também os pais. "Ah, mas ele ainda não faz isso", "Mas em casa já faz!". Por isso há uma observação em baixo na grelha "O que acontece na escola poderá não acontecer em casa".

(...)

E: Dou por finalizada esta entrevista, muito obrigada pela sua colaboração.

E1: Sempre às ordens.

Entrevistado/a 2- Educador/a de J.I

E: Antes de mais Boa Tarde, esta entrevista irá servir para complementar o meu trabalho final do mestrado e todos os dados que aqui forem referidos serão confidenciais.

E: Qual é que é a sua formação?

E2: Então, a minha formação inicial é...o curso de Educadores de Infância da Escola Superior de Educação Maria Ulrich, fiz lá a formação inicial e depois fiz a licenciatura na ESES em Santarém. Fiz o complemento de formação na área da Expressão físico-motora.

E: E exerce mais alguma função na instituição para além da de educadora?

E2: Não, só educadora titular de grupo.

E: E quantas crianças tem na sua sala e que idades têm as mesmas?

E2: Vinte e cinco meninos dos 3 aos 6 anos.

E: Como é que é organizada a rotina diária, semanal e anual?

E2: Nós fazemos um... no início do ano, o grupo, porque nós funcionamos em quatro salas e, portanto, no início do ano nós estruturamos mais ou menos a nossa rotina porque a rotina tem a ver com o projeto geral do agrupamento e também o nosso trabalho aqui no centro. Por isso, temos mais ou menos uma estrutura base que respeitamos todas depois cada uma na sala vai adaptando a rotina às necessidades das crianças. Eu por exemplo, o exemplo da história, nem sempre no período da manhã consigo ler a história, há sempre uma história todos os dias, pode não ser exatamente na que está programada na rotina para aquele dia. Porque eu tenho.... O acolhimento da manhã e depois tenho a história a seguir, nem sempre isso acontece. Às vezes há uma conversa que demora mais tempo e nós temos que adaptar a rotina às necessidades e aquilo que vai surgindo.

E: Hmhm

E2: Hoje por exemplo, tive a conversar com os meninos sobre a lua de ontem, nem sequer houve tempo pa história, porque a história foi, no fundo, a conversa entre todos. Depois da parte da tarde, arranja-se um bocadinho e lê-se uma história. Portanto a rotina está fixa, está definida em termos de papeis em termos de burocracia do agrupamento, mas é flexível e é adaptada.

E: Ok, e como é que é essa rotina diária em concreto? Começam como? Com o acolhimento...

E2: Começamos de manhã com a reunião em grande grupo, depois os meninos fazem nessa altura a marcação da presença e escolhem logo as atividades que vão... que vão ser feitas ao longo do dia. Portanto há um quadro de registo onde eles escolhem livremente o que vão fazer. Portanto eles próprios fazem os seus pequenos projetos e...e vão organizando o seu trabalho ao longo do dia. Depois ao longo do dia também podem mudar, tendo como base as regras que se definiu no início: X meninos por área, não pode exceder, portanto eles próprios depois vão trocando portanto, por exemplo, um menino escolhe fazer um projeto com outro amigo, pode não tar a fazer aquele projeto o dia todo pode, por exemplo, dizer “olhe eu quero mudar, quero ir pos jogos” tem de ver se pode, portanto eles próprios depois com o dia-a-dia

eles vão articulando e sabem que respeitam aquele número de regras e podem ir gerindo os espaço que têm em função das regras definidas no início.

E: Pensa que essa organização está adequada aos ritmos e às necessidades das crianças?

E2: Está. Está porque nós vamos sempre mudando, portanto é uma...uma rotina no fundo fixa, mas muito flexível. Portanto está, sim.

E: A organização do tempo pedagógico na sua sala é feita tendo em conta alguma abordagem pedagógica, método ou modelo curricular em específico?

E2: Nós não... eu pessoalmente, pronto... no, na escola que...onde tirei a formação inicial não se respeitou um método próprio, não é. Portanto, nós... é uma abordagem holística de um tratamento geral de... de... articular todas as áreas de conteúdo, não há... não tenho um método próprio. Não sigo um método próprio. Pronto, há um trabalho de projeto, quando há um trabalho de projeto, estamos na área de projeto há um trabalho colaborativo, às vezes... portanto não há um método que se...que se... Por exemplo há turmas, há grupos que têm determinados métodos e seguem sempre aquele método, nós não. De uma forma geral trabalhamos vários métodos e vamos adaptando consoante o decorrer da atividade com as crianças, não tenho um método próprio que utilizo no trabalho.

E: Sim, acha que é, por exemplo, uma junção de vários...

E2: é uma junção de vários métodos, sim.

E: Hmhm, mas acha que utiliza, por exemplo, a pedagogia participativa? Incide mais, talvez, na pedagogia participativa? É que quando eu tive a estagiar consigo... consegui observar que era muito... eram eles que faziam...

E2: Sim, participativa e colaborativa no fundo.

E: Exato, sim. Era isso.

E2: Sim.

E: Qual... como é que esses diferentes momentos da organização do dia contribuem para aprendizagem das crianças?

E2: contribuem sempre. Para já porque partem muito da iniciativa de cada um, não é. Eles ao escolherem o que que vão fazer logo aí tão motivados e interessados de uma maneira diferente do que se... ta bem que eu também... há muitas vezes que proponho eu, mas como eles têm gestão autónoma dentro da sala a aprendizagem é no fundo mais facilitadora e mais divertida e mais espontânea e parte daquilo... dos interesses que eles têm e não propriamente dos meus. Portanto acho que contribui de uma forma mais adequada ao seu desenvolvimento.

E: Mas por exemplo, que tipo de aprendizagens é que eles podem adquirir com as rotinas... o seu autónomo, não sei...

E2: Eles apreendem tudo aquilo que está escrito nas orientações curriculares, eles aprendem nas rotinas. Eu acho que é muito importante eles terem uma rotina pré-definida porque os ajuda a elaborar o seu pensamento e a no fundo ajuda-os a construírem determinadas aprendizagens. É importante haver rotina. Depois a rotina é flexível de acordo com as suas

necessidades, logo aí as aprendizagens só podem melhorar. Porque é...tem a ver com aquilo que eles realmente querem fazer e gostam de fazer e tão interessados no momento.

E: Hmhm

E2: Que pode ser diferente do que vai ser amanhã, portanto todos os dias os interesses são diferentes e eles... vão gerindo e eu vou ajudando a que eles saibam gerir as suas necessidades para que haja uma aprendizagem mais significativa.

E: E qual é que é o seu papel nesses diferentes momentos na promoção de aprendizagens? Nesses momentos ao longo do dia

E2: Eu tento ser o mais... tento que eles sejam o mais independentes possível. Pronto, há momentos em que há trabalho diretivo, há. Há momentos em que sou eu que proponho, há momentos em que sou eu que giro e que sou eu que digo “olha agora eu acho que podemos fazer” e oriento, há muitos momentos que são eles que decidem e que livremente escolhem e que depois eu, a minha função nesse...nessa parte é orienta-los nos projetos e tentar que eles cheguem a uma conclusão final, não é pegar, chegar, largar e tá a andar, não. É importante, se escolheu, se decidiu fazer tem que saber porquê têm que ter um objetivo final e depois no fim a gente conversa “Então como é que é?” isso ajuda-os, no fundo a minha orientação é um bocadinho estar no background que é para os ajudar nas suas aprendizagens. Todos os momentos dentro da sala são momentos de aprendizagem.

E: E qual é que é a sua opinião, de maneira geral, em relação às rotinas?

E2: As rotinas eu já tinha referido...

E: Sim, já foi dizendo.

E2: Acho muito importante.

E: Exatamente.

E2: Pronto, nessas idades eu acho que é fundamental que eles tenham uma rotina. Pra já porque podem prever os determinados momentos ao longo do dia e depois tendo eles... logo no início... interiorizado a rotina, é muito bom no dia-a-dia e nós temos muito mais facilidade em desempenhar trabalhos e projetos com a rotina orientada.

E: Pois, ajuda-lhe a si?

E2: Ajuda-me a mim como adulto e ajuda-os a eles porque podem prever porque já sabem “agora tá na hora de...” “então agora eu vou”, portanto ajuda-os a prever situações temporais, situações... várias situações. Ajuda-os no fundo, no dia-a-dia a fazer uma sequência temporal e não só não é, ao longo do dia. Acho que é muito importante terem uma rotina fixa.

E: Pronto, agora é a última questão, que estratégias utiliza para avaliar se essa organização do tempo que tem na sua sala é apropriada de acordo com o seu grupo.

E2: Nós temos no final do dia, normalmente reunimos um bocadinho e conversamos sobre aquilo que aconteceu. Pronto, eu aí consigo...

E: Retirar?

E2: ...perceber e retirar o que é que aconteceu o que é que é positivo o que é que não é e pronto. Eu através da minha observação também consigo isso, mas pra mim eu consigo através da observação, mas eu quero não é... não sou eu, quero que eles consigam perceber que se resultou ou não resultou pra depois melhorarem o que é que têm que melhorar no dia seguinte. Por isso no fundo é... é a conversa final do fim do dia. O que é que vamos fazer amanhã, o que é que resultou o que é que não resultou e o que é que no fundo eles querem continuar a fazer ou não, podem não querer continuar, mas não querendo continuar também têm que justificar porquê. Então porque é que não queremos continuar se fomos nós que escolhemos? Pronto eu acho que no final do dia, com uma pequena conversa e um pequeno, às vezes, registo escrito outras vezes não, às vezes é só mesmo em grande grupo que se fala e que se consegue perceber.

E: Mas então todos os dias na sua rotina há o momento do diálogo?

E2: Todos os dias na minha rotina há o momento do diálogo, às vezes de manhã e normalmente ao fim do dia. Mas às vezes até de manhã, Às vezes no final do dia houve ou uma festa de anos, ou uma atividade que durou mais tempo e...e...o tempo da tarde agora é muito mais curto porque nós temos um período de almoço maior. Quando teve cá isso não aconteceu, mas agora nós entramos 14h e saímos às 15h30 portanto é muito pouco tempo. Às vezes nem sempre ao fim...naquele período se consegue, mas no dia seguinte começamos por aí, na conversa de grande grupo depois de eles escolherem começamos por aí. Então vamos fazer o ponto da situação e ver por onde vamos.

E: Por exemplo na... eu esqueci-me de fazer essa pergunta, na rotina diária tem o chefe do dia?

E2: Temos, temos.

E: Pronto e o que é que eles têm que fazer?

E2: Eles têm... nesse dia são eles os gestores do tempo...

E: É por dia? Por dia há um?

E2: É por dia. É. Normalmente sigo a orientação do quadro das presenças que tá por ordem alfabética começando nos 5 anos continua como estava naquele ano. Nos cinco anos..., portanto começa do menino mais velho pro menino mais novo. Eles sabem a sequência do quadro e cada dia já sabem quem é o chefe. Portanto o chefe tem a função de no início do dia chamar os amigos para marcar as presenças, marca as atividades, marca o tempo que faz e o dia, tem um calendário onde vão colocar o dia. Depois é ele que gere a canção do Bom Dia e cantam eles, dão uns passou bens, fazem aquelas atividades todas e, também, nas rotinas das casas de banho. Quando vão á casa de banho para dar os papelinhos para lavarem as mãos, é o chefe do dia que faz essas atividades. Chama-os os meninos para entrar, portanto no fundo...

E: é sempre ele o 1.º que tem que ir...

E2: É o primeiro que entra pra gerir quem vai, ele chama quem vai à casa de banho. Tem de ver porque a sanita tem dois meninos e três meninas, portanto aí eles estão a ver quantas meninas podem ir, quantos meninos podem. Portanto ele vai ali resolver uma serie situações complicadas do dia a dia, não é. Portanto o chefe tem a função, no fundo, de ser o orientador da rotina diária dos meninos.

E: Pronto, é só. Muito obrigada pela sua colaboração.

E2: De nada. Espero que tenha muito sucesso.

Entrevistado (a) 3- Professor/a da Turma de 2.º ano

E: Antes de mais, boa tarde esta entrevista irá servir para complementar o meu trabalho final de mestrado e todos os dados que aqui forem referidos serão confidenciais.

E: Na primeira parte da entrevista vou-lhe fazer algumas questões sobre a sua formação académica, nomeadamente, qual é que é a sua formação?

E3: Licenciatura em 1.º Ciclo, variante de educação física.

E: E exerce mais alguma função na instituição para além de professora?

E3: Não, neste momento sou só professora.

E: Quantas crianças tem na sala e que idades têm as mesmas?

E3: Portanto, tenho 26 crianças com idades compreendidas entre os 7 e os 8, tão agora todos a fazer os 8. Embora eu tenha dois que entraram um ano mais tarde por opção dos pais porque são do final do ano.

E: Como é que é organizada a rotina diária, semanal e anual? Ou seja, se é por si, se é em conjunto com outras escolas...

E3: Portanto, as rotinas são minhas, até porque cada professor funciona da sua maneira. Claro que vamos bebendo um bocadinho daqui um bocadinho dali, vamos vendo algumas colegas, vamos partilhando opiniões e vamos fazendo algumas coisas semelhantes. Mas as rotinas, são... tem a ver em função do grupo que nós temos à frente. Portanto a rotina é organizada por mim as planificações semanais também, guiando-me pelos conteúdos e pelas planificações mensais e anuais. Isso sim, isso é feito em departamento, em subdepartamento de ano. Nós fazemos as planificações mensais e anuais em conjunto para sabermos os conteúdos a trabalhar durante aquele período de tempo e depois... cada um gere dentro do seu grupo, consoante acha o mais... de forma mais satisfatória, tendo em atenção que têm um período de tempo para abordar os conteúdos.

E: Mas por exemplo, na parte da rotina diária como é que inicia o seu dia? Como é que é a rotina de um dia na sala de aulas?

E3: Portanto, eles já sabem. No início da semana têm... têm dois chefes de turma. Normalmente são ... faço por ordem alfabética e esses dois chefes de turma distribuem os manu... os cadernos diários e os manuais que vão ser utilizados... e enquanto eu passo o plano do dia, eles abrem a lição, passam o plano do dia, ficam já... é uma forma de eles também saberem o que é que vão trabalhar durante esse dia. Até porque há sempre uns miúdos que são mais... que vão mais á frente, que conseguem desenvolver as atividades de uma forma mais satisfatória, mais rápida... e podem avançar nos conteúdos que estamos a trabalhar ou nos exercícios que estamos a fazer porque têm o dia programado Portanto depois de passarmos o plano do dia, então iniciamos, consoante o nosso horário, a nossa carga horaria foi distribuída pelo...pelo agrupamento, não é, pela direção nós... o nosso dia é dividido em 3 e 4 blocos...que contemplam o português, a matemática, o estudo do meio e as expressões.

E: E normalmente o português e a matemática é na parte da manhã, não é?

E3: Sim, normalmente tentamos que o português e a matemática sejam da parte da manhã porque é quando eles estão mais calmos e são as... são os conteúdos que precisam de mais... mais atenção, mais compreensão, mais concentração portanto tentamos que a parte da manhã seja preenchida com o português e com a matemática, deixando as expressões ou a oferta complementar, o estudo do meio mais para a tarde. São coisas mais lúdicas, pronto... e...e... este, este estudo do meio do 2.º ano é um bocadinho o senso comum... é... é o que nós praticamos no nosso dia-a-dia, portanto eles facilmente apreendem.

E: E pensa que esta organização está adequada ao ritmo e às necessidades das crianças? Essa organização do tempo...

E3: ...é assim, está e não está. ... obviamente que é...é a nível de horas, se calhar é o que eles precisam dada a extensão dos conteúdos. Obviamente que isto é um bocadinho flexível... embora os blocos estejam programados para 1h30 se eu vejo que as coisas até correram muito bem eles perceberam, eu avanço, não estou agarrada à planificação ou se vejo que não estão a perceber e tenho que entrar na matemática mesmo estando a trabalhar o português, eu continuo porque o importante é eles adquirirem os conhecimentos, perceberem, tirarem as dúvidas. Dai esta flexibilidade. Se...se a nível... é assim a pressão do português e da matemática tão grande, que às vezes nos esquecemo-nos dos outros blocos, infelizmente. Se calhar... os outros blocos das expressões são tão ou mais importantes quanto o português e a matemática... na distribuição...

E: e até conseguimos interligar...

E3: Sim, sim, a interdisciplinaridade pronto isso é muito importante. Mas acabamos às vezes por nos esquecer destas coisas tão importantes por que os conteúdos matemáticos e os conteúdos de português, principalmente os de matemática, são muito extensos.... Quanto a mim estão um bocadinho ... fora do...do espaço temporal. Estamos a dar conteúdos nestas idades que nós, antigamente, dávamos no 4.º e no 5.º ano. Eles... estes miúdos... quanto a mim, cada vez nos chegam às mãos mais imaturos com menos capacidade de abstração, de concentração, de estar e estes conteúdos apelam muito a isso. Portanto torna-se difícil. A escola também, ainda não evoluiu, nós não temos capacidade, com 26 alunos, de... fazer uma escola diferente mais para as experiências, mais para a parte prática... porque 26 alunos do 1.º, do 2.º ou mesmo no 3.º ano no estado em que eles nos chegam muitas vezes às mãos, é muito difícil....

E: E às vezes 30... não são 26, são 30...

E3: Às vezes são distribuídos, não... não vão pra casa, são distribuídos. Ainda rebemos das outras turmas. Portanto e isto torna-se muito.... muito difícil.

E: ...A organização do tempo pedagógico na sua sala é feita tendo em conta alguma abordagem pedagógica, algum método ou modelo curricular em específico?

E3: Tem a ver com o conteúdo que se vai trabalhar, muitas vezes, não é. Podemos às vezes, conforme o conteúdo, não é, ter uma coisa mais expositiva e leva se calhar menos tempo, se for uma coisa mais lúdica em que envolva trabalho de grupo... vai levar mais tempo. Tem muito a ver com os conteúdos e...e... e com o grupo que temos à frente obviamente. Eu gosto muito de os ir trocando e por em grupo e eu com a turma anterior trabalhava muito bem em grupos e com esta turma, não consigo. Eles têm ali um...um...um grupo de miúdos que é muito difícil. Eles são muitos, a sala é pequena para eles todos e...e torna-se muito difícil. Portanto isto às vezes, olhe e vou-lhe dizer outra coisa e às vezes é o momento, porque às vezes aquilo que não corre bem num dia, no outro dia corre lindamente. No outro dia fizemos uma...começamos uma história e de repente estamos a construir as personagens e já estamos a fazer os fantoches e...e... foram pra casa pensar nas falas e no dia a seguir tivemos a fazer a apresentação às turmas. Portanto isto foi assim, às vezes o que é muito planeado não sai tão bem, portanto claro que há um planeamento, claro que há... sabemos o que queremos abordar o que é que é mais fundamental. Mas às vezes ou porque eles nos trazem experiências de casa, ou de outras professoras, ou de outros sítios e as coisas às vezes... são... mudam. Mas pronto, eu acho que é mais... a forma de planeamento e a forma de execução das tarefas e o que é que fazemos... o que é que vamos fazer, tem muito a ver com os conteúdos que se vai abordar. Porque nem todos dá para ser abordado da mesma maneira. Não é? E com os recursos, também é importante, os recursos que temos, às vezes também podíamos fazer mais, mas não temos muitos recursos. Um exemplo, a net ta sempre a faltar e nós hoje em dia temos muitos recursos a nível da escola virtual e a internet favorece-nos o ensino de uma maneira... facilmente eles não sabem o que é um funil e nós vamos buscar a imagem do funil...

E: Hmhm, para explicar...

E3: Portanto, e muitas vezes... também tem a ver com os recursos que temos.

E: Sim, mas em termos mesmo de abordagens pedagógica, não utiliza assim nenhuma. É mesmo...

E3: Ah! É um global, não é o método das 24 palavras ou assim...

E: Sim, por exemplo se utiliza... imaginemos se é mais uma aula virada... concentrada em si, ou seja, pelo método da transmissão. Se é mais o... se o foco principal é em si...

E3: Acaba por ser um bocado. Acaba por ser um bocado. Embora eu goste, eu não individualize muito... eu gosto de trabalhar...gosto de trabalhar... em grupo... é mais fácil trabalhar em grupo, mas acaba-se por focar um bocadinho em mim. É, acaba...

E: Pronto, era isso que eu queria saber... (Riso)

E3: É, peço desculpa (risos)

E: Como é que estes diferentes momentos de organização do dia, contribuem para a aprendizagem das crianças?

E3: As rotinas... eu acho que qualquer criança precisa muito de rotinas e regras. Até porque eles se perdem, quando não sabem o que vão fazer. Se nós temos uma rotina e uma regra, eles já sabem que... o português pode não ser dado da mesma maneira mas sabem que ... que vão utilizar aqueles livros ou que...ou que tem que... começar a ler o texto para praticar a leitura... portanto o facto de eles saberem o que vão fazer antecipa-lhe um bocadinho a ansiedade de “o que é que vamos fazer agora” Se não temos nada pa fazer, também se destabilizam, dá aso à brincadeira, à conversa, há destabilização de quem ainda está mais atrasado. Portanto o facto de eles terem uma rotina muitas vezes, com esta turma não tanto, eu continuo a dizer este grupo é muito difícil, mas... eu às vezes já tou a chegar à sala e já estão os caderninhos distribuídos e eles já começaram a abrir a lição. Portanto, isto que dizer que eles...

E: Ou seja, são mais au...

E3: ...também lhes dá autonomia, não é... dá autonomia porque como eles sabem o que vão fazer, autonomamente eles podem começar a fazer. Não precisam de tar sempre que... com atividades muito dirigidas à espera do que a professora vai dizer pa fazer..., portanto dá-lhes autonomia... antecipa-lhes a ansiedade, não é? Faz com que eles estejam menos ansiosos, o que é que vão fazer a seguir....

E: E será que também o trabalho em colaboração, já que são dois... por exemplo na distribuição dos materiais, será que também favorece isso?

E3: Favorece, favorece. Sim, em equipa. E mesmo no decorrer das atividades eu gosto muito de trabalhar em cooperação. O...os...os alunos que... se despacham mais rápido porque perceberam melhor a matéria, porque são melhores alunos, eles...eles...eles irem ajudar os que estão mais atrasados até porque às vezes nós explicamos de uma maneira eles percebem e explicam....pela linguagem deles e até os colegas os percebem melhor. Portanto eu gosto muito de trabalhar em tutoria, né... os mais... os mais habilitados vão ajudar aqueles que têm mais dificuldade. Eles sentem-se também mais responsáveis por estarem a ajudar o colega e o colega também gosta.

E: ...Qual é que é o seu papel nesses diferentes momentos e na promoção de aprendizagens?

E3: Sou mediadora... vou-lhes dando algumas...algumas dicas pra eles irem fazendo... vou também, de certa forma...regulando os comportamentos, não é, sou autorreguladora dos comportamentos ... e pronto e nos momentos-chave vou dando algumas... algumas instruções daquilo que eles têm que fazer. É muito engraçado...

E: ou de como podem fazer.

E3: é sim, sim... é muito engraçado como por exemplo, mesmo a passar coisas do...do...do quadro e tudo eles já sabem os...os sinais, os códigos... e já nem precisam de perguntar o que é que é para sublinhar, quantas linhas deixam, quantas não deixam... por causa das rotinas. E parecendo que não, tudo isto favorece o trabalho deles, e os nossos. Eles sentem-se mais seguros e mais autónomos no que estão a fazer e nós...

E: Não tem que estar sempre...

E3: ... Nós ganhamos tempo, ente aspas, que eles já sabem a forma de funcionamento do professor e de...da...sala.

E: Exato, qual é que é a sua opinião relativamente às rotinas do dia a dia na sua sala? De forma geral o que é que acha sobre as rotinas?

E3: São benéficas...

E: Acho que já foi falando ao longo....

E3: Sim! Para mim são muito benéficas...ajudam-me, responsabiliza-os, dá-lhes autonomia, responsabilidades... lá está, responsabiliza-os...e...e... eu acho é uma mais-valia para eles até porque depois no dia a dia eles não precisam que esteja sempre alguém a dizer-lhes o que é que eles têm que fazer porque eles já perceberam como é que têm que fazer e...e... mesmo que se possam desviar um bocadinho, não é, porque eles também não são robôs e não têm que fazer tudo igual, mas... a parte crucial eles sabem fazer e isso dá-lhes segurança pa continuar o trabalho, não é? Não andam perdidos, “agora o que é que eu vou fazer?” não, eles já sabem como é que é. E isso ajuda-os... na...na...no seu crescimento na sua organização... porque até num futuro, não é, quando forem trabalhar, quando forem pos outros ciclos que tem muito mais disciplinas e muito mais trabalhos pa fazer eles tão... eles sabem se organizar e organizar o tempo e organizar o estudo.

E: Hmhm...

E3: Eu acho que é importante.

E: Que estratégias... é a última pergunta. Que estratégias utiliza para avaliar se essa organização do tempo pedagógico é apropriada de acordo com o seu grupo?

E3: ... As estratégias... olhe a observação direta principalmente, não é... e.. por exemplo há uma estratégia que é muito utilizada e que o meu grupo, não funciona se calhar porque eu faço com que não funcione que são as bolinhas do comportamento. Epah eu... eu quando comecei a dar aulas no 1.º ciclo eu trabalhava com bolinhas e eu depois não sou nada rigorosa é porque passa um dia, é porque estendi a aula e depois... e principalmente porque eu acho que é assim... as bolinhas do comportamento ajuda-nos a controlar a turma mas é altamente.... altamente... aí ta me a faltar a palavra...

E: Acaba por pôr já de parte que têm sempre a bolinha....

E3: Quem tem sempre mau comportamento! Se quisermos ser rigorosos em relação aos outros, temos que lhes tar a dar sempre a bolinha vermelha. Portanto, eu acho que é altamente injusto, não dá oportunidades porque em qualquer momento do dia, aqueles que se portam mal, vão portar-se mal. Por mais esforço que eles façam... é deles, é intrínseco. Portanto, nós não temos alunos perfeitos.

E: Tem a ver com a maturidade

E3: Nós não temos alunos perfeitos e se queremos justos com todos os que se portam bem temos que penalizar entre aspas com a bolinha os que se portam mal e esses coitados vão

tar sempre ali, nunca têm uma oportunidade. E então... eu...eu... é principalmente pela...pela minha ... observação direta que eu consigo ver. Funciona, vamos continuar, não funciona, ok e arranjamos outra estratégia, pronto. Porque o ensino é assim, é um ciclo onde nos andamos sempre em constante mudança consoante a turma, consoante os miúdos, consoante momento, consoante o conteúdo... portanto

E: Pronto, é só. Muito obrigada pela sua colaboração!

E3: Oh Filipa espero conseguir ajudá-la, o melhor possível. E que consiga fazer um bom trabalho.

Entrevistado (a) 4- Professor/a da turma de 3.º e 4.º ano

E: A primeira parte da entrevista vou perguntar... vou lhe fazer algumas questões sobre a sua formação académica, nomeadamente: Qual é que é a sua formação?

E4: Foi bacharelato, na altura só... terminado em 91 e depois (aaa) fiz licenciatura em ensino do português como segunda língua e língua não materna há 16 anos atrás... 17.

E: Exerce mais alguma função para além de professora, na escola?

E4: Sim, há 9 anos... coordenadora de estabelecimento... desta escola.

E: Quantas crianças tem na sala e que idades têm as mesmas?

E4: São 26 de 3.º e 4.º e com idades compreendidas entre os 8 e os 10 anos.

E: Passando agora a questões relativas ao meu tema de estudo... Como é que organiza a rotina diária, semanal e anual?

E4: Eláh...pronto, a rotina... nós temos as planificações e temos os subgrupos, não é, subgrupo de 1.º, 2.º, 3.º e 4.º. Este ano faço parte do subgrupo do 4.º ano (aaa) portanto eu já tenho ideias em relação ao 4.º ano, do 3.º depois vou esperando pelas planificações.

E: E como é que são feitas essas planificações?

E4: São feitas em grupo, o primeiro ano faz para o primeiro ano o segundo ano pro segundo, os subgrupos, os subdepartamentos de 1.º ciclo fazem para cada ano de escolaridade. As planificações anuais, trimestrais e mensais...desculpa, anuais e mensais. Depois sou eu que, as semanais sou eu que reorganizo, não é, e as rotinas é consoante as matérias, conteúdos que tiver para lecionar, consoante também atividades do PAA (do plano anual de atividades), consoante também propostas que vão surgindo do exterior, da comunidade, da Polícia Segura, da... sei lá, outros intervenientes que vão aparecendo e que... ainda a semana passada tivemos aqui a Escola Segura e pediu, telefonou-me se podia fazer uma ação sobre a internet, a segurança na internet. Claro que sim. A eles dava jeito na sexta, foi na sexta! E nós arranjamo-nos

E: Ou seja, há uma flexibilidade em relação...

E4: Claro, tem que haver, sempre.

E: Mas por exemplo, nessa parte da sua rotina diária, inicia a aula...

E4: Isso é sempre, eu tento começar a aula sempre com a correção dos trabalhos de casa. Ok? Para esclarecer dúvidas, para que não fique aí nada mal feito e depois depende do trabalho de casa, gosto de começar ou com o português ou com a matemática. Até porque nós temos um horário definido, que a direção nos define e é o português e a matemática que iniciam sempre o dia. Depois seguimos a planificação que temos semanal, às vezes dá-se um jeitinho... não é, porque com dois anos de escolaridade eu tenho que dar português e matemática todos os dias e às vezes não há tempo para chegar a todas as áreas e aí, nós temos que ajeitar. Pronto.

E: Daí a tal flexibilidade.

E4: A flexibilidade por... pelo exterior, pela necessidade da turma, seja pelo que for, não é. Posso ter uma coisa muito bem esquematizada e aparece-me aí, por exemplo, a Polícia Segura ou não sei quem que quer vir por acaso falar de qualquer coisa que é importante, eu digo sim sim, tá bem, ok e aproveita-se esse dia e aquilo que eu tinha pra fazer passa para o dia seguinte ou dois dias depois, não interessa. O que interessa é que as crianças o que quer que seja de bom e de contributo para eles, quer seja de aprendizagens de conteúdos quer seja como cidadão, não é, e o resto passa pá frente.

E: Portanto e pensa que essa organização do dia tá adequada ao ritmo e às necessidades das crianças? Já que diz que há essa flexibilidade...

E4: Há essa flexibilidade, se calhar há crianças... sim, acho que sim. Há crianças, uns porque são mais despachados chegam lá mais depressa se calhar podia haver outro tipo de organização, mas o espaço físico não permite porque eu não posso estar com o grupo e não estar com o outro. Eu tenho que estar com os dois grupos ao mesmo tempo, eles estão sob a minha responsabilidade e eu podia ir fazer uma atividade com um grupo, mas depois para fazer com os outros... imagina os outros tão um bocadinho mais atrasados e precisam de dar aquela matéria ou debater mais um bocadinho aquele assunto, eu tenho que tar com eles na sala. Então se tenho que tar com eles na sala, então também não posso ir com os outros pra lado nenhum fazer mais nada. Pronto. Isso às vezes, o facto de ser dois grupos de escolaridade constrange nesse aspeto das rotinas e de fazer alguma coisa um pouco mais diferente, porquê? Porque os ritmos são diferentes e o professor é só um e infelizmente o ensino ainda está focado só no professor. Uma grande parte no professor embora seja um 4.º ano que até é dinâmico e se desenrasca sozinho e são miúdos ativos e que..., mas pronto eu tenho os outros... e é assim. Não é...eu não acho que seja o ideal... é o que há.

E: Por exemplo, na questão do horário que falou há pouco, tanto o grupo de 3.º como o grupo do 4.º têm...

E4: tá a dar Português!

E: Português... exatamente, como é que faz essa gestão?

E4: Não faço. Às vezes... pulo... imagina que estou a dar um conteúdo novo a português de gramática ou preciso que eles façam uma interpretação oral de um texto ou de um poema, eu tenho que tar com eles e a puxar por eles, pela criatividade, pelo vocabulário e isso tudo. É claro que aos outros posso fazer português, mas têm que trabalhar sozinhos se não, se eu quero que eles nesse dia deem em português uma coisa nova, dou-lhes a matemática e depois fazem português a seguir. Às vezes não é como tá no horário, não. Porque, não dá. Isso sentados à secretária a gente faz muita coisa, com matéria prima, ao vivo e a cores à nossa frente, é aquilo que aparece pra fazer.

E: E qual é que é o seu papel nesses diferentes momentos do dia? Nessa rotina...

E4: É tenho que tar presente em todos....

E: Mas qual é o seu papel na promoção de aprendizagens em cada um deles?

E4: Tá muito centrado em mim, infelizmente tá muito centrado em mim. Com o 4.º ano não tanto, não é, mas lá está já têm mais ferramentas, maior número de ferramentas para pesquisarem, para se desenrascarem, para planificarem, para fazerem trabalho a pares ou tutoria ou de grupo sem incomodar muito depois o trabalho dos outros que estão depois do outro lado, 3.º ano já não consegue. Precisam mais de mim, até pela maturidade desses próprios miúdos do 3.º ano, mas é sempre centrado no professor, sim.

E: eu tenho aqui outra questão, por exemplo, na organização do tempo pedagógico utiliza... guia-se por alguma abordagem pedagógica, método ou modelo curricular?

E4: Não. Ao longo de 26 anos é a experiência vivida. E às vezes o que vem à cabeça na altura.

E: Qual é que é a sua opinião relativamente às rotinas? O que é que elas podem trazer às crianças...

E4: olha, há rotinas boas e rotinas más. Rotinas que levem à responsabilidade pra mim são boas rotinas. Rotinas, por exemplo, rotina... aquela coisa da cópia, eu em muitos anos, não me lembro de mandar fazer muitas cópias. Acho que ninguém aprende com cópias. É uma rotina em que ninguém tá a aprender nada. Há rotinas que não levam os miúdos a lado nenhum porque aquilo não lhes diz nada ou é massacrante, ou é sempre a mesma coisa ou é enfadonho.... “Já sei que agora tenho que ir fazer contas...”, fazer as tabuadas três vezes ou quatro... pois, eu não faço esse tipo de rotinas porque acho que isso os desmotiva-os. Agora a rotina do trabalho de casa, pois isso pra mim é sentido de responsabilidade, a rotina de ter que ser responsável e trazer os seus materiais, sim é responsabilidade do aluno. Não vale a pena vir me dizer “A mãe esqueceu-se, o pai esqueceu-se...” porque eu não sou aulas nem ao pai nem à mãe. É de pequeninos que eles aprendem, pronto... quando forem para o 5.º ano têm 10 professores e os pais não vão lá, portanto têm que assumir as suas responsabilidades. A rotina pra mim serve para responsabilizá-los de que têm que trabalhar, este é o ofício deles. Eles recebem por isso. Não recebem em nota, mas recebem em géneros e... agora não têm... abram... não vão todos os dias abrir o livro na página 25, leiam o texto e respondam.... No outro dia abram o livro na página 26, ler o texto... não, isso eu não faço, não é. Pronto essas rotinas... português sempre da mesma maneira, matemática... não, isso não, agora rotinas que deem autonomia aos alunos, sim.

E: Que estratégias utiliza para avaliar se a organização do tempo pedagógico da sua sala é apropriada de acordo com o seu grupo?

E4: A observação direta, não é... é a minha observação. Ou às vezes algum feedback que os alunos com maior maturidade me acabam por dar ou através de expressarem que não, que não deu ou... a dificuldade que tiveram, se tiveram... por exemplo o grupo do 4.º ano são 16 alunos, pá se 12 ou 10 a coisa não funcionou é porque quem não funcionou fui eu, não foram eles portanto eu é que estive mal na proposta da atividade, na organização da atividade, no tempo da atividade, porque mais de metade... a culpa é do professor, sempre.

E: Tenho outra questão que era relativamente a como é que era organizada a rotina diária, esqueci-me de perguntar, se por acaso é dada à criança alguma tarefa ao longo do dia. Alguma criança em específico...

E4: Não, não tenho, nunca tive delegados de turma, subdelegados de turma, bolinhas de bom comportamento, hoje é o dia deste apagar ou do outro distribuir... não, sai-me um nome da boca e é esse nome que vai buscar, distribuir, fazer e a seguir sai outro nome ao calhas e sai outro nome e sai outro nome.

E: Pronto, penso que está tudo. Obrigada pela sua colaboração.

E4: Muito boa sorte.

XI. Sinopse das entrevistas

Legenda do quadro:

- E1 (Entrevistado/a 1) – Educador/a de Creche
- E2 (Entrevistado/a 2) – Educador/a de J.I
- E3 (Entrevistado/a 3) – Professor/a do 2.º ano
- E4 (Entrevistado/a 4) – Professor/a do 3.º e 4.º ano

Categoria	Subcategoria	Inquiridos	Respostas
Organização do Tempo pedagógico	Organização do tempo	E1	<p>“Nós temos planificações anuais...semanais ou semestrais e... planificações (aaa) semanais.”</p> <p>“As planificações são feitas por nós próprios, não é, mas cingindo ao tema da escola.”</p> <p>“Ora, nós começamos na sala, como os meninos são de creche e ainda são pequeninos, não vão à roda dos grandes. Começamos na sala fazemos uma rodinha, canções... assim uma iniciaçãozinha para eles até dançarem às vezes e tudo, não é? Até de manhã fazemos isso sempre.”</p>
		E2	<p>“Nós fazemos um... no início do ano, o grupo, porque nós funcionamos em quatro salas e, portanto, no início do ano nós estruturamos mais ou menos a nossa rotina porque a rotina tem a ver com o projeto geral do agrupamento e também o nosso trabalho aqui no centro. Por isso, temos mais ou menos uma estrutura base que respeitamos todas depois cada uma na sala vai adaptando a rotina às necessidades das crianças.”</p> <p>“Começamos de manhã com a reunião em grande grupo, depois os meninos fazem nessa altura a marcação da presença e escolhem logo as atividades que vão... que vão ser feitas ao longo do dia. Portanto há um quadro de registo onde eles escolhem livremente o que vão fazer. Portanto eles próprios fazem os seus pequenos projetos e...e vão organizando o seu trabalho ao longo do dia.”</p>
		E3	<p>“Portanto, as rotinas são minhas, até porque cada professor funciona da sua maneira. Claro que vamos bebendo um bocadinho daqui um bocadinho dali, vamos vendo algumas colegas, vamos partilhando opiniões e vamos fazendo algumas coisas semelhantes. Mas as rotinas, são... tem a ver em função do grupo que nós temos à frente. Portanto a rotina é organizada por mim as planificações semanais também, guiando-me pelos conteúdos e pelas planificações mensais e anuais. Isso sim, isso é feito em departamento, em subdepartamento de ano.</p>

		<p>Nós fazemos as planificações mensais e anuais em conjunto para sabermos os conteúdos a trabalhar durante aquele período de tempo e depois... cada um gere dentro do seu grupo, consoante acha o mais... de forma mais satisfatória, tendo em atenção que têm um período de tempo para abordar os conteúdos.”</p> <p>“No início da semana têm... têm dois chefes de turma. Normalmente são ... faço por ordem alfabética e esses dois chefes de turma distribuem os manu... os cadernos diários e os manuais que vão ser utilizados... e enquanto eu passo o plano do dia, eles abrem a lição, passam o plano do dia, ficam já... é uma forma de eles também saberem o que é que vão trabalhar durante esse dia. Até porque há sempre uns miúdos que são mais... que vão mais á frente, que conseguem desenvolver as atividades de uma forma mais satisfatória, mais rápida... e podem avançar nos conteúdos que estamos a trabalhar ou nos exercícios que estamos a fazer porque têm o dia programado Portanto depois de passarmos o plano do dia, então iniciamos, consoante o nosso horário, a nossa carga horaria foi distribuída pelo...pelo agrupamento, não é, pela direção nós... o nosso dia é dividido em 3 e 4 blocos...que contemplam o português, a matemática, o estudo do meio e as expressões.”</p>
	E4	<p>“Eláh...pronto, a rotina... nós temos as planificações e temos os subgrupos, não é, subgrupo de 1.º. 2.º, 3.º e 4.º. Este ano faço parte do subgrupo do 4.º ano (aaa) portanto eu já tenho ideias em relação ao 4.º ano, do 3.º depois vou esperando pelas planificações.”</p> <p>“São feitas em grupo, o primeiro ano faz para o primeiro ano o segundo ano pro segundo, os subgrupos, os subdepartamentos de 1.º ciclo fazem para cada ano de escolaridade. As planificações anuais, trimestrais e mensais...desculpa, anuais e mensais. Depois sou eu que, as semanais sou eu que reorganizo, não é, e as rotinas é consoante as matérias, conteúdos que tiver para lecionar, consoante também atividades do PAA (do plano anual de atividades), consoante também propostas que vão surgindo do exterior, da comunidade, da Polícia Segura, da... sei lá, outros intervenientes que vão aparecendo”</p> <p>“Isso é sempre, eu tento começar a aula sempre com a correção dos trabalhos de casa. Ok? Para esclarecer dúvidas, para que</p>

			<p>não fique aí nada mal feito e depois depende do trabalho de casa, gosto de começar ou com o português ou com a matemática. Até porque nós temos um horário definido, que a direção nos define e é o português e a matemática que iniciam sempre o dia. Depois seguimos a planificação que temos semanal, às vezes dá-se um jeitinho... não é, porque com dois anos de escolaridade eu tenho que dar português e matemática todos os dias e às vezes não há tempo para chegar a todas as áreas e aí, nós temos que ajeitar. Pronto.”</p> <p>“nunca tive delegados de turma, subdelegados de turma, bolinhas de bom comportamento, hoje é o dia deste apagar ou do outro distribuir... não, sai-me um nome da boca e é esse nome que vai buscar, distribuir, fazer e a seguir sai outro nome ao calhas e sai outro nome e sai outro nome. “</p>
	Qualidade das Aprendizagens	E1	<p>“Sim... penso que esta divisão de temas que nós, que nós fazemos no João de Deus sinto que ajuda tanto nós como eles... tanto nós como eles... a planificação já nos vai ajudar, não é...”</p>
		E2	<p>“contribuem sempre. Para já porque partem muito da iniciativa de cada um, não é. Eles ao escolherem o que vão fazer logo aí tão motivados e interessados de uma maneira diferente do que se... ta bem que eu também... há muitas vezes que proponho eu, mas como eles têm gestão autónoma dentro da sala a aprendizagem é no fundo mais facilitadora e mais divertida e mais espontânea e parte daquilo... dos interesses que eles têm e não propriamente dos meus. Portanto acho que contribui de uma forma mais adequada ao seu desenvolvimento”</p> <p>“Eles apreendem tudo aquilo que está escrito nas orientações curriculares, eles aprendem nas rotinas. Eu acho que é muito importante eles terem uma rotina pré-definida porque os ajuda a elaborar o seu pensamento e a no fundo ajuda-os a construírem determinadas aprendizagens.”</p>
		E3	<p>“...é assim, está e não está. ... obviamente que é...é a nível de horas, se calhar é o que eles precisam dada a extensão dos conteúdos. Obviamente que isto é um bocadinho flexível... embora os blocos estejam programados para 1h30 se eu vejo que as coisas até correram muito bem eles perceberam, eu avanço, não estou agarrada à planificação ou se vejo que não estão a perceber e tenho que entrar na matemática mesmo estando a trabalhar o português, eu continuo porque o importante é eles</p>

			adquirirem os conhecimentos, perceberem, tirarem as duvidas.”
		E4	<p>“sim, acho que sim. Há crianças, uns porque são mais despachados chegam lá mais depressa se calhar podia haver outro tipo de organização, mas o espaço físico não permite porque eu não posso estar com o grupo e não estar com o outro. Eu tenho que estar com os dois grupos ao mesmo tempo, eles estão sob a minha responsabilidade e eu podia ir fazer uma atividade com um grupo, mas depois para fazer com os outros... imagina os outros tão um bocadinho mais atrasados e precisam de dar aquela matéria ou debater mais um bocadinho aquele assunto, eu tenho que tar com eles na sala. Então se tenho que tar com eles na sala, então também não posso ir com os outros pra lado nenhum fazer mais nada. Pronto. Isso às vezes, o facto de ser dois grupos de escolaridade constrange nesse aspeto das rotinas e de fazer alguma coisa um pouco mais diferente, porquê? Porque os ritmos são diferentes e o professor é só um e infelizmente o ensino ainda está focado só no professor. Uma grande parte no professor embora seja um 4.º ano que até é dinâmico e se desenrasca sozinho e são miúdos ativos e que..., mas pronto eu tenho os outros... e é assim. Não é...eu não acho que seja o ideal... é o que há.”</p>
	Flexibilidade	E1	<p>“(aaa) sim, considero que o tempo é bem gerido, se não houver tempo para... não importa porque se não falar hoje na (aaa) no que estou, no que queria falar e houver, por exemplo... às vezes há qualquer coisa na escola, ou vem cá alguém ou.... Por exemplo quando é o dia do animal...”</p> <p>“Aliás, na planificação diz... diz, tem mesmo um parêntese que diz que pode ser flexível consoante o que acontece.”</p>
		E2	<p>“Hoje por exemplo, tive a conversar com os meninos sobre a lua de ontem, nem sequer houve tempo pa história, porque a história foi, no fundo, a conversa entre todos. Depois da parte da tarde, arranja-se um bocadinho e lê-se uma história. Portanto a rotina está fixa, está definida em termos de papeis em termos de burocracia do agrupamento, mas é flexível e é adaptada.”</p>
		E3	<p>“(...) Obviamente que isto é um bocadinho flexível... embora os blocos estejam programados para 1h30 se eu vejo que as coisas até correram muito bem eles perceberam, eu avanço, não estou agarrada à planificação ou se vejo que não estão a</p>

			perceber e tenho que entrar na matemática mesmo estando a trabalhar o português, eu continuo porque o importante é eles adquirirem os conhecimentos, perceberem, tirarem as dúvidas. Dai esta flexibilidade. Se...se a nível... é assim a pressão do português e da matemática tão grande, que às vezes nos esquecemo-nos dos outros blocos, infelizmente. Se calhar... os outros blocos das expressões são tão ou mais importantes quanto o português e a matemática... na distribuição...”
		E4	“A flexibilidade por... pelo exterior, pela necessidade da turma, seja pelo que for, não é. Posso ter uma coisa muito bem esquematizada e aparece-me aí, por exemplo, a Policia Segura ou não sei quem que quer vir por acaso falar de qualquer coisa que é importante, eu digo sim sim, tá bem, ok e aproveita-se esse dia e aquilo que eu tinha pra fazer passa para o dia seguinte ou dois dias depois, não interessa. O que interessa é que as crianças o que quer que seja de bom e de contributo para eles, quer seja de aprendizagens de conteúdos quer seja como cidadão, não é, e e resto passa pá frente.”
Abordagens Pedagógicas	Abordagens pedagógicas utilizadas	E1	“É o método João de Deus, tenho que seguir mesmo o método, (aaa) na creche como eles são pequeninos nós vamos seguindo na mesma, mas não tão... (aaa) eu pessoalmente não dando tantos temas como dá a pré, por exemplo, não é. Pronto, não dando tantos temas como dá a pré.... Mas eles gostam muito dos temas de vida e sempre que se possa, assim como vocês estagiárias o fazem quando são aulas, trazer sempre algo para eles verem. Eles gostam de ver, de mexer...”
		E2	“Portanto, nós... é uma abordagem holística de um tratamento geral de... de... articular todas as áreas de conteúdo, não há... não tenho um método próprio. Não sigo um método próprio. Pronto, há um trabalho de projeto, quando há um trabalho de projeto, estamos na área de projeto há um trabalho colaborativo, às vezes... portanto não há um método que se...que se... Por exemplo há turmas, há grupos que têm determinados métodos e seguem sempre aquele método, nós não. De uma forma geral trabalhamos vários métodos e vamos adaptando consoante o decorrer da atividade com as crianças, não tenho um método próprio que utilizo no trabalho.” “É uma junção de vários métodos, sim.” “(...) participativa e colaborativa no fundo.”

		E3	<p>“Tem a ver com o conteúdo que se vai trabalhar, muitas vezes, não é. Podemos às vezes, conforme o conteúdo, não é, ter uma coisa mais expositiva e leva se calhar menos tempo, se for uma coisa mais lúdica em que envolva trabalho de grupo... vai levar mais tempo. Tem muito a ver com os conteúdos e...e... e com o grupo que temos à frente obviamente. Eu gosto muito de os ir trocando e por em grupo e eu com a turma anterior trabalhava muito bem em grupos e com esta turma, não consigo. Eles têm ali um...um...um grupo de miúdos que é muito difícil. Eles são muitos, a sala é pequena para eles todos e...e torna-se muito difícil. Portanto isto às vezes, olhe e vou-lhe dizer outra coisa e às vezes é o momento, porque às vezes aquilo que não corre bem num dia, no outro dia corre lindamente.”</p> <p>“Acaba por ser um bocado. Acaba por ser um bocado. Embora eu goste, eu não individualize muito... eu gosto de trabalhar...gosto de trabalhar... em grupo... é mais fácil trabalhar em grupo, mas acaba-se por focar um bocadinho em mim. É, acaba...”</p>
		E4	<p>“Não. Ao longo de 26 anos é a experiência vivida. E às vezes o que vem à cabeça na altura.”</p>
	Aprendizagens adquiridas pelas crianças	E1	<p>“A aprendizagem talvez seja mais o...Eles estão interessados, não é? E se já sabem que àquela hora que nós chamamos para fazer o xixi (aaaa) e não estão a pedir, não estão sempre a interromper, não... tão assim com mais interesse talvez, penso eu... não há tantas interrupções tando eles já todos (aaa) habituados à rotina.”</p>
		E2	<p>“contribuem sempre. Para já porque partem muito da iniciativa de cada um, não é. Eles ao escolherem o que que vão fazer logo aí tão motivados e interessados de uma maneira diferente do que se... ta bem que eu também... há muitas vezes que proponho eu, mas como eles têm gestão autónoma dentro da sala a aprendizagem é no fundo mais facilitadora e mais divertida e mais espontânea e parte daquilo... dos interesses que eles têm e não propriamente dos meus. Portanto acho que contribui de uma forma mais adequada ao seu desenvolvimento.”</p> <p>“Eles apreendem tudo aquilo que está escrito nas orientações curriculares, eles aprendem nas rotinas. Eu acho que é muito importante eles terem uma rotina pré-definida porque os ajuda a elaborar o seu pensamento e a no fundo ajuda-os a construírem determinadas aprendizagens.”</p>

		E3	<p>“As rotinas... eu acho que qualquer criança precisa muito de rotinas e regras. Até porque eles se perdem, quando não sabem o que vão fazer. Se nós temos uma rotina e uma regra, eles já sabem que... o português pode não ser dado da mesma maneira mas sabem que ... que vão utilizar aqueles livros ou que...ou que tem que... começar a ler o texto para praticar a leitura... portanto o facto de eles saberem o que vão fazer antecipa-lhe um bocadinho a ansiedade de “o que é que vamos fazer agora””</p> <p>“Portanto o facto de eles terem uma rotina muitas vezes, com esta turma não tanto, eu continuo a dizer este grupo é muito difícil, mas... eu às vezes já tou a chegar à sala e já estão os caderninhos distribuídos e eles já começaram a abrir a lição. Portanto, isto que dizer que eles...”</p>
		E4	<p>“Agora a rotina do trabalho de casa, pois isso pra mim é sentido de responsabilidade, a rotina de ter que ser responsável e trazer os seus materiais, sim é responsabilidade do aluno. Não vale a pena vir me dizer “A mãe esqueceu-se, o pai esqueceu-se...” porque eu não sou aulas nem ao pai nem á mãe. É de pequeninos que eles aprendem, pronto... quando forem para o 5.º ano têm 10 professores e os pais não vão lá, portanto têm que assumir as suas responsabilidades. A rotina pra mim serve para responsabilizá-los de que têm que trabalhar, este é o ofício deles. Eles recebem por isso. Não recebem em nota, mas recebem em géneros e... agora não têm... abram... não vão todos os dias abrir o livro na página 25, leiam o texto e respondam.... No outro dia abram o livro na página 26, ler o texto... não, isso eu não faço, não é. Pronto essas rotinas... português sempre da mesma maneira, matemática... não, isso não, agora rotinas que deem autonomia aos alunos, sim.”</p>
	Papel do docente	E1	<p>“É ser criança com eles! (risos)”</p> <p>“Não deixar fazer tudo o que eles querem (aaa) não, porque há crianças que... que gostam e que já têm assim ... como é que eu hei de dizer... já... já mostram a parte que, “eu quero, eu quero, eu quero”. Às vezes também têm que ser contrariadas. A criança também tem que ser contrariada às vezes. “</p>
		E2	<p>“Eu tento ser o mais... tento que eles sejam o mais independentes possível. Pronto, há momentos em que há trabalho diretivo, há. Há momentos em que sou eu que proponho, há momentos em que sou eu que giro e que sou eu que digo “olha agora eu acho que podemos fazer” e oriento, há muitos</p>

			momentos que são eles que decidem e que livremente escolhem e que depois eu, a minha função nesse...nessa parte é orientá-los nos projetos e tentar que eles cheguem a uma conclusão final, não é pegar, chegar, largar e tá a andar, não. É importante, se escolheu, se decidiu fazer tem que saber porquê têm que ter um objetivo final e depois no fim a gente conversa “Então como é que é?” isso ajuda-os, no fundo a minha orientação é um bocadinho estar no background que é para os ajudar nas suas aprendizagens. Todos os momentos dentro da sala são momentos de aprendizagem.”
		E3	“Sou mediadora... vou-lhes dando algumas...algumas dicas pra eles irem fazendo... vou também, de certa forma...regulando os comportamentos, não é, sou autorreguladora dos comportamentos ... e pronto e nos momentos-chave vou dando algumas... algumas instruções daquilo que eles têm que fazer. É muito engraçado...”
		E4	“Tá muito centrado em mim, infelizmente tá muito centrado em mim. Com o 4.º ano não tanto, não é, mas lá está já têm mais ferramentas, maior número de ferramentas para pesquisarem, para se desenrascarem, para planificarem, para fazerem trabalho a pares ou tutoria ou de grupo sem incomodar muito depois o trabalho dos outros que estão depois do outro lado, 3.º ano já n consegue. Precisam mais de mim, até pela maturidade desses próprios miúdos do 3.ºano, mas é sempre centrado no professor, sim.”
Avaliação	Importância das rotinas	E1	“São muito importantes porque eles habituem-se, eles têm a hora para ir ao bacio, têm hora pra ir à sanita, têm hora pra ir lavar as mãozinhas, a boca, têm a hora para almoçar, têm a hora para lanchar, têm hora para ir para o recreio... se...se for esse (aaa) se o dia tiver bom e eu acho que eles (aaa) depressa assimilam e até às vezes sabem....”
		E2	“Acho muito importante.” “Pronto, nessas idades eu acho que é fundamental que eles tenham uma rotina. Pra já porque podem prever os determinados momentos ao longo do dia e depois tendo eles... logo no início... interiorizado a rotina, é muito bom no dia-a-dia e nós temos muito mais facilidade em desempenhar trabalhos e projetos com a rotina orientada.” “Ajuda-me a mim como adulto e ajuda-os a eles porque podem prever porque já sabem “agora tá na hora de...” “então agora eu vou”, portanto ajuda-os a prever situações

			temporais, situações... várias situações. Ajuda-os no fundo, no dia-a-dia a fazer uma sequência temporal e não só não é, ao longo do dia. Acho que é muito importante terem uma rotina fixa.”
		E3	“Sim! Para mim são muito benéficas...ajudam-me, responsabiliza-os, dá-lhes autonomia, responsabilidades... lá está, responsabiliza-os...e...e... eu acho é uma mais-valia para eles até porque depois no dia a dia eles não precisam que esteja sempre alguém a dizer-lhes o que é que eles têm que fazer porque eles já perceberam como é que têm que fazer e...e... mesmo que se possam desviar um bocadinho, não é, porque eles também não são robôs e não têm que fazer tudo igual, mas... a parte crucial eles sabem fazer e isso dá-lhes segurança pa continuar o trabalho, não é? Não andam perdidos, “agora o que é que eu vou fazer?” não, eles já sabem como é que é. E isso ajuda-os... na...na...no seu crescimento na sua organização... porque até num futuro, não é, quando forem trabalhar, quando forem pos outros ciclos que tem muito mais disciplinas e muito mais trabalhos pa fazer eles tão... eles sabem se organizar e organizar o tempo e organizar o estudo.”
		E4	“Olha, há rotinas boas e rotinas más. Rotinas que levem à responsabilidade pra mim são boas rotinas. Rotinas, por exemplo, rotina... aquela coisa da cópia, eu em muitos anos, não me lembro de mandar fazer muitas cópias. Acho que ninguém aprende com cópias. É uma rotina em que ninguém ta a aprender nada. Há rotinas que não levam os miúdos a lado nenhum porque aquilo não lhes diz nada ou é massacrante, ou é sempre a mesma coisa ou é enfadonho.... “Já sei que agora tenho que ir fazer contas...”, fazer as tabuadas três vezes ou quatro... pois, eu não faço esse tipo de rotinas porque acho que isso os desmotiva-os.
	Estratégias de avaliação	E1	“Temos nós grelhas internas para colocarmos se o menino já sabe... já se senta, já anda, já fala, já... pronto, para nós, internas, nossas. E temos outras que vão, por período, para casa dos pais. Eles são muito pequeninos para serem avaliados. É uma observação sobre a criança que ajuda às vezes também os pais. <i>Ah, mas ele ainda não faz isso; Mas em casa já faz!</i> Por isso há uma observação em baixo na grelha- <i>O que acontece na escola poderá não acontecer em casa.</i> ”
		E2	“Nós temos no final do dia, normalmente reunimos um bocadinho e conversamos

			<p>sobre aquilo que aconteceu. Pronto, eu aí consigo...”</p> <p>“...perceber e retirar o que é que aconteceu o que é que é positivo o que é que não é e pronto. Eu através da minha observação também consigo isso, mas pra mim eu consigo através da observação, mas eu quero não é... não sou eu, quero que eles consigam perceber que se resultou ou não resultou pra depois melhorarem o que é que têm que melhorar no dia seguinte. Por isso no fundo é... é a conversa final do fim do dia. O que é que vamos fazer amanhã, o que é que resultou o que é que não resultou e o que é que no fundo eles querem continuar a fazer ou não, podem não querer continuar, mas não querendo continuar também têm que justificar porquê. Então porque é que não queremos continuar se fomos nós que escolhemos? Pronto eu acho que no final do dia, com uma pequena conversa e um pequeno, às vezes, registo escrito outras vezes não, às vezes é só mesmo em grande grupo que se fala e que se consegue perceber.”</p>
		E3	<p>“As estratégias... olhe a observação direta principalmente, não é... e.... por exemplo há uma estratégia que é muito utilizada e que o meu grupo, não funciona se calhar porque eu faço com que não funcione que são as bolinhas do comportamento. Epah eu... eu quando comecei a dar aulas no 1.º ciclo eu trabalhava com bolinhas e eu depois não sou nada rigorosa é porque passa um dia, é porque estendi a aula e depois... e principalmente porque eu acho que é assim... as bolinhas do comportamento ajuda-nos a controlar a turma (...)”</p> <p>“E então... eu...eu... é principalmente pela...pela minha ... observação direta que eu consigo ver. Funciona, vamos continuar, não funciona, ok e arranjamos outra estratégia, pronto. Porque o ensino é assim, é um ciclo onde nos andamos sempre em constante mudança consoante a turma, consoante os miúdos, consoante momento, consoante o conteúdo, portanto. “</p>
		E4	<p>“A observação direta, não é... é a minha observação. Ou às vezes algum feedback que os alunos com maior maturidade me acabam por dar ou através de expressarem que não, que não deu ou... a dificuldade que tiveram, se tiveram... por exemplo o grupo do 4.º ano são 16 alunos, pá se 12 ou 10 a coisa não funcionou é porque quem não funcionou fui eu, não foram eles portanto eu é que estive mal na proposta da atividade, na</p>

			organização da atividade, no tempo da atividade, porque mais de metade... a culpa é do professor, sempre."
--	--	--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------